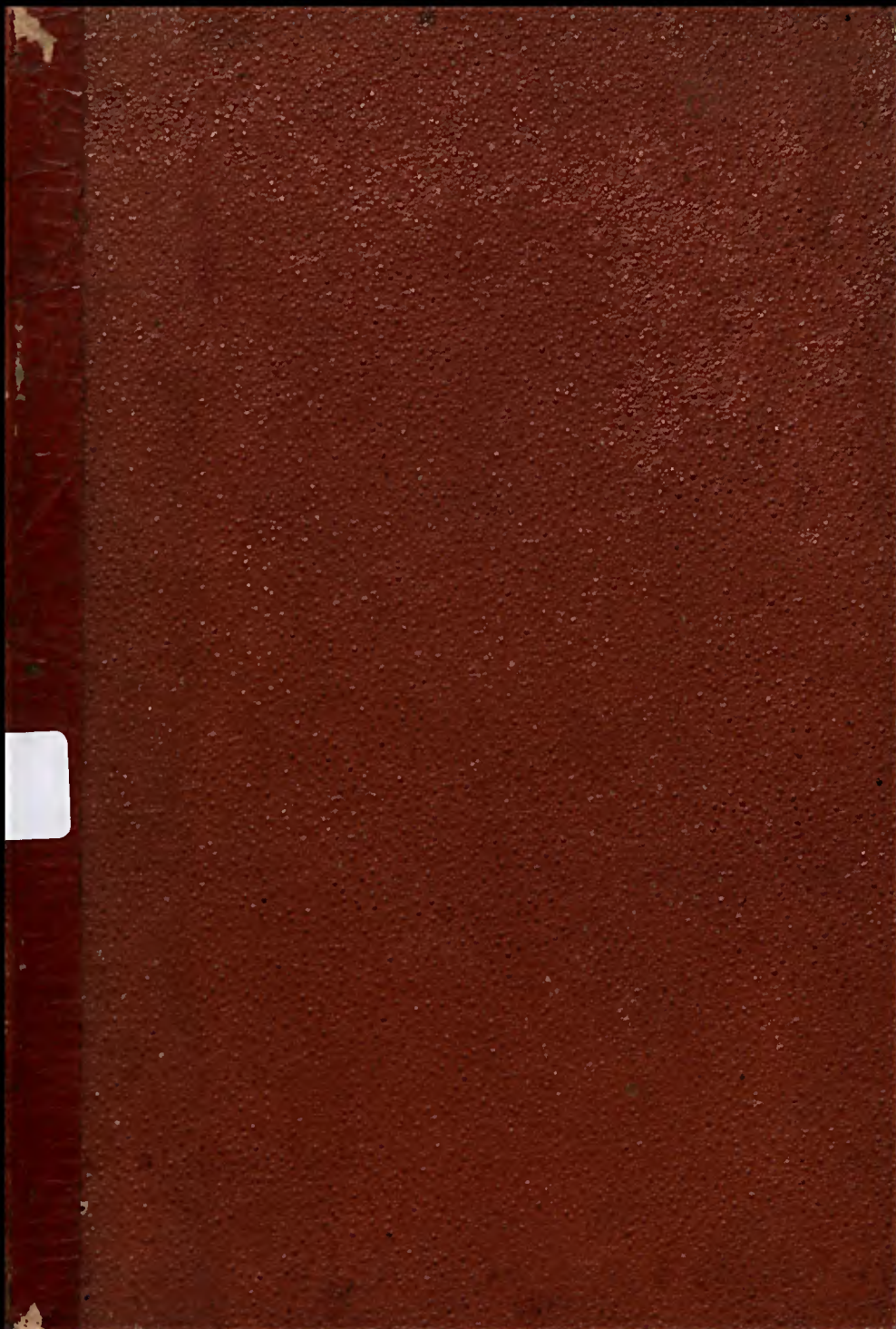
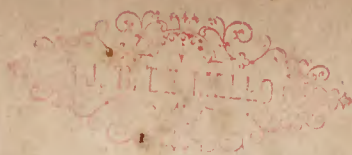




Joaquim Baptista de Mello





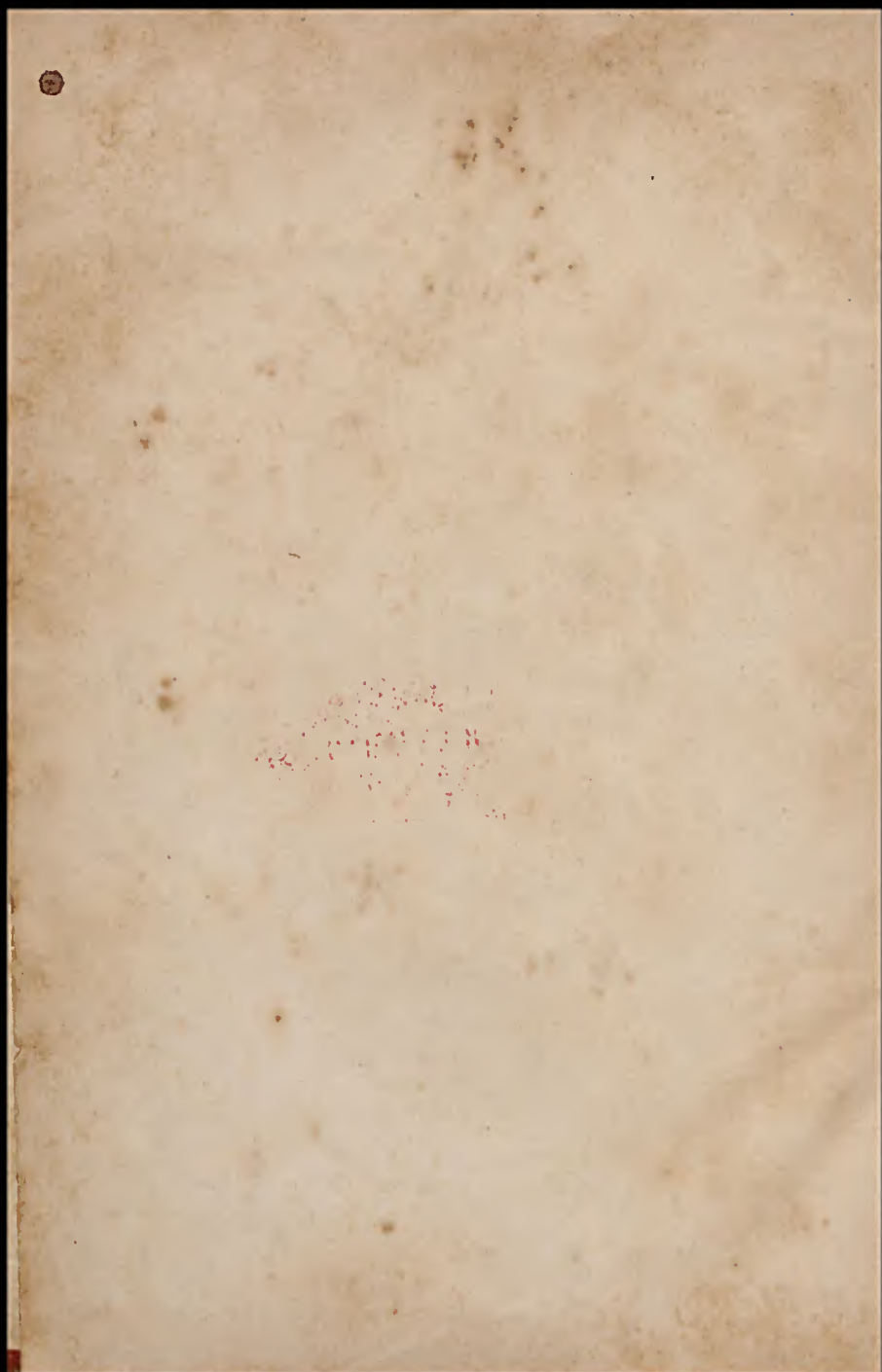
20.00

Para o livro
conhecer poesia,

o Paulo

S. Paulo,
4-12-1882





CASTRO ALVES

ESPUMAS FLUCTUANTES

POESIAS

Quinta edição correcta e augmentada.



RIO DE JANEIRO

Livraria de Cruz Coutinho

75 — RUA DE S. JOSÉ — 75

1881



Typographia de José Dias de Oliveira

141 — RUA DO OUVIDOR — 141

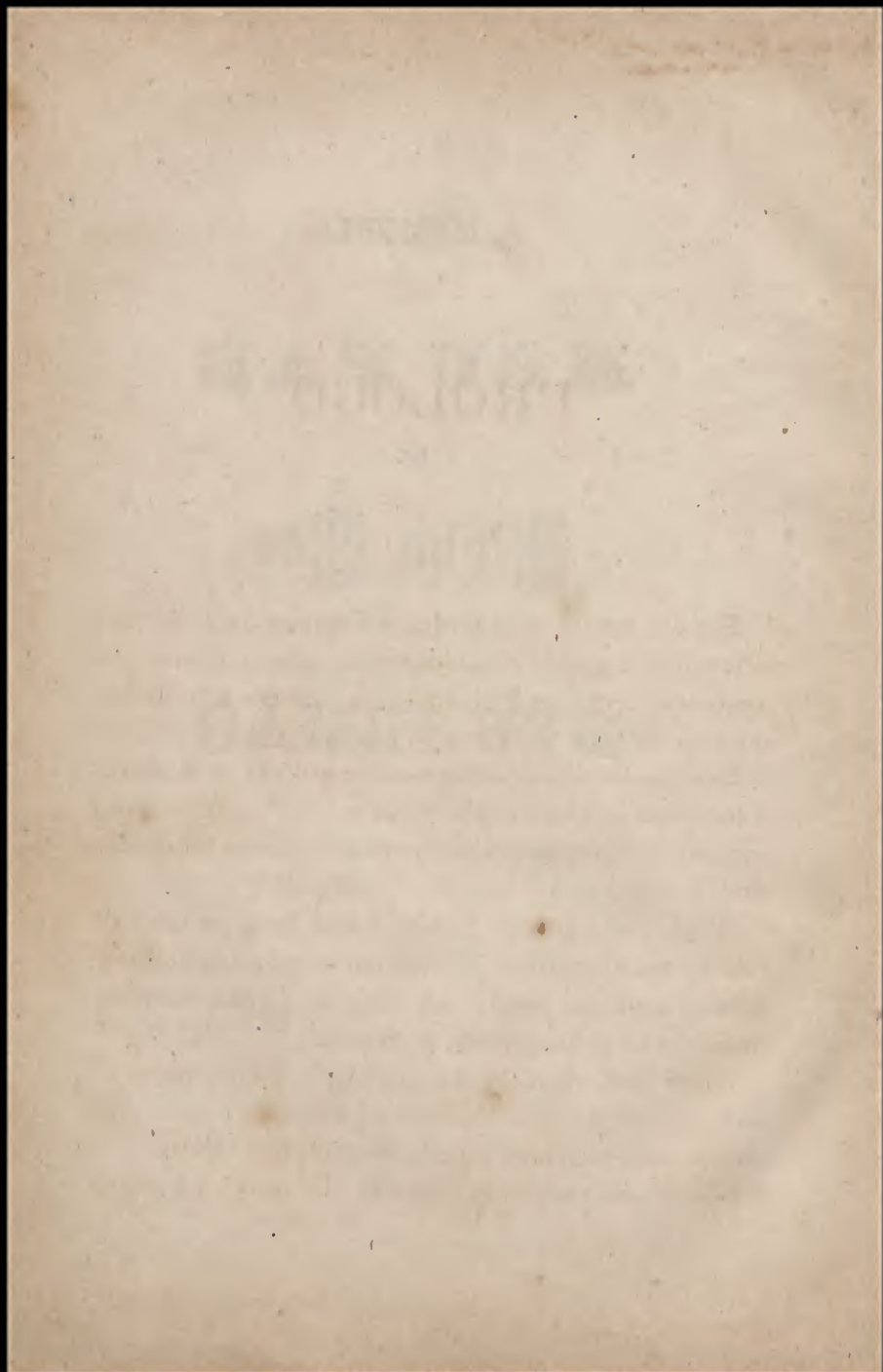
RIO-JANEIRO



A MEMORIA
DE
MEU PAI
DE
Minha Mãe
E DE
MEU IRMÃO

O. D. C.





PROLOGO

Era por uma d'essas tardes, em que o azul do céu oriental — é pallido e saudoso, em que o rumor do vento nas vergas — é monotonico e cadente, e o quebro da vaga na amurada do navio — é queixoso e tetrico.

Das bandas do occidente o sol se atufava nos mares « como um brigue em chammas »... e d'aquelle vasto incendio do crepusculo alastrava-se a cabeça loura das ondas.

Além .. os cerros de granito d'essa formosa terra de Guanabara, vacillantes á luctarem com a onda invasora de azul, que descia das alturas... recortavam-se indecisos na penumbra do horisonte.

Longe, inda mais longe... os cimos phantasticos da serra dos Orgãos embebiavam-se na distancia, sumiam-se, abysmavam-se n'uma especie de naufragio celeste.

Só e triste, encostado á borda do navio, eu seguia



com os olhos aquelle esvaecimento indifinido e minha alma apegava-se á forma vacillante das montanhas — derradeiras atalaias dos meus arraiaes da mocidade.

É que lá, d'essas terras do sul, para onde eu levava o fogo de todos os enthusiasmos, o vicio de todas as illusões, os meus vinte annos de seiva e de mocidade, as minhas esperanças de gloria e de futuro :... é que d'essas terras do sul, onde eu penetrara « como o moço Raphael subindo as escadas do Vaticano »... volvia agora silencioso e alquebrado... trazendo por unica ambição — a esperança de repouso em minha patria.

Foi então que, em face d'estas duas tristezas — a noite que descia dos céus, — a solidão que subia do oceano —, recordei-me de vós, ó meus amigos !

E tive pena de lembrar que em breve nada restaria do peregrino na terra hospitaleira, onde vagara ; nem



se quer a lembrança d'esta alma, que comvosco e por vós vivera e sentira, gemera e cantara...

O' espiritos errantes sobre a terra ! O' velas enfundadas sobre os mares !... Vós bem sabeis quanto sois ephemerous... — passageiros que vos absorveis no espaço escuro, ou no esquecimento.

E quando — comediantes do infinito — vos obumbras nos bastidores do abysmo, o que resta de vós ?

— Uma esteira de espumas... — flores perdidas na vasta indiferença do oceano. — Um punhado de versos... — espumas fluctuantes no dorso fero da vida !...

E o que são na verdade estes meus cantos ?...

Como as espumas, que nascem do mar e do céu, da vaga e do vento, elles são filhos da musa — este sopro do alto : do coração — este pelago da alma.

E como as espumas são, ás vezes, a flora sombria da



tempestade, elles por vezes rebentaram ao estalar fatidico do latego da desgraça.

E como tambem o aljofre dourado das espumas reflecte as opalas rutilantes do arco-iris, elles por acaso reflectiram o prisma phantastico do enthusiasmo — estes signos brilhantes da alliança de Deus com a juventude !

Mas, como as espumas fluctuantes levam, boiando nas solidões marinhas, a lagrima saudosa do marujo... possam elles, ó meus amigos ! — ephemerous filhos de minh'alma — levar — uma lembrança de mim ás vossas plagas !

S. Salvador — Fevereiro de 1870.

Gastro Alves.



DEDICATORIA

A pomba d'alliança o vôo espraia
Na superfície azul do mar immenso,
Rente... rente da espuma já desinaia
Medindo a curva do horisonte extenso...
Mas um disco se avista ao longe... A praia
Rasga nitente o nevoeiro denso !
O' pouso ! ó monte ! ó ramo de oliveira !
Ninho amigo da pomba forasteira !

Assim, meu pobre livro, as azas larga
N'este oceano sem fim, sombrio, eterno...
O mar atira-lhe a saliva amarga,
O céu lhe atira o temporal de inverno...
O triste verga á tão pezada carga !
Quem abre ao triste um coração paterno ?...
E' tão bom ter por arvore — uns carinhos !
E' tão bom de uns affectos — fazer ninhos !

ESPUMAS

2



Pobre orphão ! Vagando nos espaços
Embalde ás solidões mandas um grito !
Que importa ? De uma cruz ao longe os braços
Vejo abrirem-se ao misero precito...
Os tumulos dos teus dão-te regaços !
Ama-te a sombra do salgueiro afflicto...
Vai, pois, meu livro ! e como louro agreste
Traz no bico um ramo de... cypreste !

Bahia, Janeiro de 1870.



O LIVRO E A AMERICA

AO GREMIO LITTERARIO

Talhado para as grandezas,
P'ra crescer, crear, subir,
O novo-mundo nos musculos
Sente a seiva do porvir.
— Estatuario de colossos —
Cançado d'outros esboços
Disse um dia Jehovah :
« Vai, Colombo, abre a cortina,
« Da minha eterna officina...
« Tira a America de lá. »

Molhado inda do diluvio,
Qual Tritão descommunal,
O continente desperta
No concerto universal.
Dos oceanos em tropa
Um — traz-lhe as artes da Europa,
Outro — as bagas de Ceylão...
E os Andes petrificados,
Como braços levantados,
Lhe apontam para a amplidão.



Olhando em torno então brada :
« Tudo marcha !... O' grande Deus !
« As cataratas — p'ra terra,
« As estrellas — para os céus.
« Lá, do polo sobre as plagas,
« O seu rebanho de vagas
« Vai o mar apascentar...
« Eu quero marchar com os ventos,
« Com os mundos... co'os firmamentos!!! »
E Deus responde — « Marchar ! »

« Marchar !... Mas como ?... Da Grecia
Nos doricos Parthenons
A mil deuses levantando
Mil marmoreos Pantheons?...
Marchar co'a espada de Roma
— Leôa de ruiva côma
De preza enorme no chão,
Saciando o odio profundo...
— Com as garras nas mãos do mundo,
— Com os dentes no coração ?...

« Marchar !... Mas como a Allemanha
Na tyrannia feudal,
Levantando uma montanha
Em cada uma cathedral ?...
Não !... Nem templos feitos de ossos,
Nem gladios a cavar fossos
São degraus do progredir...
Lá brada Cezar morrendo :
« No pugilato treinando
« Quem sempre vence é o porvir ! »



Filhos do sec'lo das luzes !
Filhos da *Grande Nação* !
Quando ante Deus vos mostrardes
Tereis um livro na mão :
O livro — esse audaz guerreiro
Que conquista o mundo inteiro
Sem nunca ter Waterloo...
Éolo de pensamentos,
Que abrira a gruta dos ventos
Donde a Egualdade voou !...

Por uma fatalidade
Dessas que descem de além,
O sec'lo, que vio Colombo,
Vio Guttenberg tambem.
Quando no tosco estaleiro
Da Allemanha o velho obreiro
A ave da imprensa gerou...
O Genovez salta os mares...
Busca um ninho entre os palmares
E a *patria da imprensa* achou...

Por isso na impaciencia
D'esta sêde de saber,
Como as aves do deserto —
As almas buscam beber...
Oh ! bemdito o que semêa
Livros... livros á mão cheia...
E manda o povo pensar !
O livro cahindo n'alma
E' germen — que faz a palma,
E' chuva — que faz o mar.



Vós, que o templo das idéas
Largo — abris às multidões,
P'ra o baptismo luminoso
Das grandes revoluções,
Agora que o trem de ferro
Acorda o tigre no cerro
E espanta os caboc'los nús,
Fazei d'esse « rei dos ventos »
— Ginete dos pensamentos,
— Arauto da grande luz!...

Bravo ! a quem salva o futuro
Fecundando a multidão !...
N'um poema amortalhada
Nunca morre uma nação.
Como Goëthe moribundo
Brada « Luz ! » o Novo Mundo
N'um brado de Briareu...
Luz ! pois, no valle e na serra...
Que, se a luz rola na terra,
Deus colhe genios no céu !...

Bahia.

HEBRÉA

Flos campi et lilium convalium,
(*Cant. dos Canticos.*)

Pomba d'esperança sobre um mar d'escolhos !
Lyrio do valle oriental, brilhante !
Estrella vesper do pastor errante !
Ramo de murta á rescender cheirosa !...

Tu és, ó filha de Israel formosa ...
Tu és ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa
Sem ter o orvalho, que do céu deriva !

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas ?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina ?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra sancta do oriente immenso ?
E as caravanas no deserto extenso ?
E os pegureiros da palmeira á sombra ? !...



Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Juncto da fonte, onde Rachei gemêra,
Viver contigo qual Jacob vivêra
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
— Como Suzana á estremecer de frio —
Fitar-te, ó flôr do Babylonio rio,
Fitar-te á medo no salgueiro occulto...

Vem pois !... Contigo no deserto inculto
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra, — se Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês ? .. Do seio me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto !...
Como luctara o patriarcha incerto
Luctei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido,
Vem ser o orvalho oriental, brilhante !
Ai ! guia o passo ao viajor perdido,
Estrella vesper do pastor errante !...

Bahia, 1866.



QUEM DÁ AOS POBRES, EMPRESTA A DEUS

Ao Gabinete Portuguez de Leitura

POR OCCASIÃO DE OFFERECER O PRODUCTO DE UM
BENEFICIO ÁS FAMILIAS DOS SOLDADOS MORTOS NA
GUERRA.

Eu, que a pobreza de meus pobres cantos
Dei aos heróes — aos miseraveis grandes,
Eu, que sou cego, — mas só peço luzes...
Que sou pequeno, — mas só fto os Andes...
Canto nest'hora, como o bardo antigo
Das priscas eras, que bem longe vão,
O grande NADA dos heróes, que dormem
Do vasto pampa no funereo chão...

Duas grandezas n'este instante cruzam-se !
Duas realezas hoje aqui se abraçam !...
Uma — é um livro laureado em luzes..
Outra—uma espada, onde os laureis se enlaçam.
Nem cora o livro de hobrear co'o sabre...
Nem cora o sabre de chamal-o irmão...
Quando em loureiros se biparte o gladio
Do vasto pampa no funereo chão.



E foram grandes teus heróes, ó patria,
— Mullier fecunda, que não crêa escravos —,
Que ao trom da guerra soluçaste aos filhos,
« Parti — soldados, mas voltae-me — bravos ! »
E qual Moema desgrenhada, altiva,
Eis tua prole, que se arroja então,
De um mar de glorias apartando as vagas
Do vasto pampa no funereo chão.

E esses Leandros do Hellesponto novo
Se resvallaram — foi no chão da historia...
Se tropeçaram foi na eternidade...
Se naufragaram — foi no mar de gloria...
E, hoje o que resta dos heróes gigantes?...
Aqui — os filhos que vos pedem pão...
Além — a ossada, que branquêa a lua,
Do vasto pampa no funereo chão.

Ai ! quantas vezes a creança loura
Seu pae procura pequenina e nua,
E vai, brincando co'o vetusto sabre,
Sentar-se a espera no portal da rua...
Misera mãe, sobre teu peito aquece
Esta avesinha que não tem mais pão !
Seu pae descança — fulminado cedro —
Do vasto pampa no funereo chão.

Mas, já que as aguias lá no sul tombaram
E os filhos d'aguias o Poder esquece...
È grande, é nobre, é gigantesco, é sancto !...
Lançai — a esmola, e collhereis — a prece !...
Oh ! dai a esmola... que, do infante lindo
Por entre os dedos da pequena mão,
Ella transborda... e vai calir nas tumbas
Do vasto pampa no funereo chão.

Ha duas cousas n'este mundo santas
— O rir do infante, — o descansar do morto...
O berço — é a barca do sidereo porto...
E vós dissestes para o berço — Avante — !
Em quanto os nautas, que ao Eterno vão,
Os ossos deixão, qual na praia as ancoras,
Do vasta pampa no funereo chão.

E' santo o laço, em qu'hoje aqui s'estreitam
De heroicos troncos — os rebentos novos ! —
E' que são gemeos dos heróes os filhos
Inda que filhos de diversos povos !
Sim ! me parece que nest'hora augusta
Os mortos saltam da feral mansão...
E um « bravo ! » altivo de alem-mar partindo
Rola do pampa no funereo chão !

S. Salvador, 31 de Outubro de 1867.



O LAÇO DE FITA

Não sabes, creança ? Stou louco de amores.
Prendi meus affectos, formosa Pepita.
Mas onde ? No templo, no espaço, nas nevoas ?
Não rias, prendi-me
N'um laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas,
Nos negros cabellos da moça bonita,
Fingindo a serpente qu'enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se
O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo, que os ares agita,
Eu vi de repente captivo, submisso
Rolar prisioneiro
N'um laço de fita.

E agora, enleada na tenue cadeia,
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço, que rompe cadeias de ferro,
Não quebra teus élos,
O' laço de fita !



Meu Deus ! As phalenas tem azas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita,
Os anjos repousam nas pennas brilhantes...
Mas tu... tens por azas
Um laço de fita.

Ha pouco voavas na celebre walsa
Na walsa que anceia, que estúa e palpita...
Porque é que tremeste ? Não eram meus labios...
Beijava-te apenas...
Teu laço de fita.

Mas ai ! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita...
Talvez da cadeia libertes as tranças
Mas eu... fico preso
No laço de fita.

Pois bem ! Quando um dia na sombra do valle
Abrirem-me a cova... formosa Pepita !
Ao menos arranca meus louros da fronte,
E dá-me por c'roa...
Teu laço de fita.

S. Paulo, Julho de 1868.



AHASVERUS E O GENIO

AO POETA E AMIGO J. FELIZARDO JUNIOR

Sabes quem foi Ahasverus?... — o precito,
O misero Judeo, que tinha escripto
Na fronte o sello atroz!
Eterno viajor de eterna senda...
Espantado á fugir de tenda em tenda
Fugindo em balde á *vingadora voz!*

Miserrimo! Correu o mundo inteiro,
E no mundo tão grande... o forasteiro
Não teve onde... pensar.
Co'a a mão vazia — viu a terra cheia.
O deserto negou-lhe — o grão de areia,
A gotta d'agua — rejeitou-lhe o mar.

D'Asia as florestas — lhe negaram sombra,
A savana sem fim — negou-lhe alfombra,
O chão negou-lhe o pó!...
Tabas, serralhos, tendas e solares...
Ninguem abriu a porta de seus lares...
E o triste seguiu só.



Viu povos de mil climas, viu mil raças,
E não ponde entre tantas populaças
 Beijar uma só mão...
Desde a virgem do norte á de Sevilhas
Desde a ingleza á crioula das Antilhas
 Não teve um coração !...

E caminhou !... E as tribus se afastavam ;
E as mulheres tremendo murmuravam
 Com respeito e pavor !
Ai ! Fazia tremer do valle á serra...
Elle que só pedia sobre a terra
 — Silencio, paz e amor ! —

No entanto á noite, se o Hebreu passava,
Um murmurio de inveja se elevava,
Desde a flôr da campina ao colibri,
« Elle não morre » a multidão dizia...
E o precito comsigo respondia :
 — « Ai ! mas nunca vivi ! » —

O Genio é como Ahasverus... solitario
A marchar, a marchar no itinerario
 Sem termo de existir.
Invejado ! a invejar os invejosos.
Vendo a sombra dos alamos frondosos...
E sempre a caminhar... sempre a seguir...



Pede u'a mão de amigo — dão-lhe palmas :

Pede um beijo de amor — e as outras almas

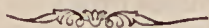
Fogem pasmas de si.

E o misero de gloria em gloria corre...

Mas quando a terra diz : — « Elle não morre »

Responde o desgraçado : Eu não vivi !... »

S. Paulo, Outubro de 1868.



MOCIDADE E MORTE

E perto avisto o porto
Immenso nebuloso e sempre noite
Chamado— Eternidade. —

(Laurindo)

Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate,

(Dante)

Oh ! eu quero viver, beber perfumes
Na flôr silvestre, que embalsama os ares ;
Ver minh'alma adejar pelo infinito,
Qual branca vela n'amplidão dos mares.
No seio da mulher ha tanto aroma...
Nos seus beijos de fogo ha tanta vida...
— Arabe errante, vou dormir á tarde
A sombra fresca da palmeira erguida.

Mas uma voz responde-me sombria :
Terás o somno sob a lagea fria.

Morrer... quando este mundo é um paraíso,
E a alma um cysne de douradas plumas :
Não ! o seio da amante é um lago virgem...
Quero boiar á tona das espumas.
Vem ! formosa mulher — camelia pallida,
Que banharam de pranto as alvoradas.
Minh'alma é a borboleta, que espaneja
O pó das azas lucidas, douradas...

ESPUMAS

3



E a mesma voz repete-me terrível !
Com gargalhar sarcástico :—impossível !

Eu sinto em mim o borbulhar do genio,
Vejo além um futuro radiante :
Avante ! — brada-me o talento n'alma
E o echo ao longe me repete — avante ! —
O futuro... o futuro... no seu seio...
Entre louros e bênçãos dorme a gloria !
Após — um nome do universo n'alma,
Um nome escripto no Pantheon da historia

E a mesma voz repete funeraria :
Teu Pantheon — a pedra mortuaria !

Morrer — é ver extincto dentre as nevoas
O phanal, que nos guia na tormenta :
Condemnado — escutar dobres de sino,
— Voz da morte que a morte lhe lamenta —
Ai ! morrer — é trocar astros por cirios,
Leito macio por esquife immundo,
Trocar os beijos da mulher — no visco
Da larva errante no sepulchro fundo.

Ver tudo findo... só na lousa um nome,
Que o viandante a perpassar consome.

E eu sei que vou morrer... dentro em meu peito
Um mal terrível me devora a vida :
Triste Ahasverus, que no fim da estrada,



Só tem por braços uma cruz erguida.
Sou o cypreste, qu'inda mesmo flórido,
Sombra de morte no ramal encerra !
Vivo — que vaga sobre o chão da morte,
Morto — entre os vivos á vagar na terra.

Do sepulchro escutando triste grito
Sempre, sempre bradando-me : maldicto ! —

E eu morro, ó Deus ! na aurora da existencia.
Quando a sêde e o desejo em nós palpita...
Levei aos lábios o dourado pomo,
Mordi no fructo pôdre do Asphaltita.
No triclinio da vida — novo Tântalo —
O vinho do viver ante mim passa...
Sou dos convivas da legenda Hebraica,
O styleta de Deus quebra-me a taça.

E' que até minha sombra é inexoravel,
Morrer ! Morrer ! soluça-me implacavel.

Adeus, pallida amante dos meus sonhos !
Adeus, vida ! Adeus, gloria ! amor ! anhelos !
Escuta, minha irmã, cuidosa enxuga
Os prantos de meu pae nos teus cabellos.
Fôra louco esperar ! fria rajada
Sinto que do viver me extingue a lampa...
Resta-me agora por futuro — a terra,
Por gloria — nada, por amor — a campa.

Adeus ! arrasta-me uma voz sombria
Já me foge a razão na noite fria !...

1864.



AO DEUS DE JULHO

RECITADA NO THEATRO DE S. JOÃO

E' a hora das epopéas
Das illiadas reaes,
Ruge o vento—do passado
Pelos mares sepulchraes.
E' a hora, em que a Eternidade
Dialoga a immortalidade...
Falla o heróe com Jehovah !...
E Deus—nas celestes plagas—
Colhe da gloria nas vagas
Os mortos de Pirajá.

Ha destes dias angustos
Na tumba dos Briareus
Como que Deus baixa á terra
Sem mesmo descer dos céus.
E' que essas lousas rasteiras
São—gigantes cordilheiras
Do Senhor aos olhos nús.
E' que essas brancas ossadas
São—columnas arrojadas
Dos infinitos azues.



Sim ! Quando o tempo entre os dedos
Quebra um sec'lo, uma nação...
Encontra nomes tão grandes
Que não lhe cabem na mão !...
Heróes ! Como o cedro augusto
Campêa rijo e vetusto
Dos sec'los ao perpassar,
Vós sois os cedros da historia,
Á cuja sombra de gloria
Vai-se o Brasil abrigar.

E nós, que somos faiscas
Da luz d'esses arrebóes,
Nós, que somos borboletas
— Das chrysalidas de avós,
Nós que entre as bagas dos cantos,
Por entre as gottas dos prantos,
Inda os sabemos chorar,
Podemos dizer : « Das campas
Sacudi as frias tampas !
Vinde a Patria abençoar !...

Erguei-vos, santos phantasmas !
Vós não tendes que corar...
(Porque eu sei que o filho torpe
Faz o morto soluçar...)
Gemem as sombras dos Gracchos,
Dos Catões, dos Spartacos
Vendo seus filhos tão vis...
Dize-o tu, soberbo Mario !
Tu, que ensopas o sudario
Vendo Roma—meretriz !...



Ai ! que lagrimas candentes
Choram orbitas sem luz !
Que idéa terá Leonidas
Vendo Sparta nos paúes ? !...
Alta noite, quando pena
Sobre Arcole, sobre Iena,
Bonaparte—o rei dos reis—
Que dôr d'alma lhe rebenta,
Ao vêr su'aguia sangrenta
No sabre de Juarez !... .

Porém aqui não ha grito,
Nem pranto, nem ai, nem dôr...
O presente não desmente
Do seu ninho de condor...
Mãos, que, outr'ora de creanças
A' rir—dentaram as lanças
Dos velhos de Pirajá... ,
De homens hoje, as empunhando,
Nas batalhas afiando,
Vão caminho de Humaytá !... .

Basta !... Curvai-vos, ó povo !...
Eil-os os vultos sem par,
Só de joelhos podemos
N'esta hora angusta fitar
Riachuelo e Cabrito,
Que sobem para o infinito
Como jungidos leões,
Puchando os carros dourados
Dos meteóros largados
Sobre a noite das nações.

Bahia—1867.

OS TRÊS AMORES

I

Minh'alma é como a fronte sonhadora
Do louco bardo, que Ferrara chora...
Sou Tasso !... a primavera de teus risos
De minha vida as solidões enflora...
Longe de ti eu bebo os teus perfumes,
Sigo na terra de teu passo os lumes...
— Tu és Eleonora...

II

Meu coração desmaia pensativo,
Scismando em tua rosa predilecta.
Sou teu pallido amante vaporoso,
Sou teu Romeu... teu languído poeta !...
Sonho-te ás vezes, virgem seminúa...
Roubo-te um casto beijo á luz da lua...
E tu és Julieta...



III

Na volupia das noites andaluzas
O sangue ardente em minhas veias rola...
Sou D. Juan !... Donzellas amorosas,
Vós conheceis-me os threnos na viola !
Sobre o leito do amor teu seio brilha...
Eu morro, se desfaço-te a mantilha...
Tu és — Julia a Hespanhola !...

Rccife, Setembro de 1866.



O PHANTASMA E A CANÇÃO

Orgulho! desce os olhos dos céus
sobre ti mesmo; e vê como os nomes
mais poderosos vão se refugiar n'uma
canção.

(Byron.)

— Quem bate? — « A noite é sombria! »
— Quem bate? — « E' rijo o tufão!...
Não ouvis? a ventania
Ladra á lua como um cão. »
— Quem bate? — « O nome qu'importa?
Chamo-me dôr... abre a porta!
Chamo-me frio... abre o lar!
Dá-me pão... chamo-me fome!
Necessidade « é o meu nome! »
— Mendigo! podes passar!

« Mulher, se eu fallar, promettes
A porta abrir-me? » — Talvez.
— « Olha... Nas cans deste velho
Verás fanados laureis.
Ha no meu cráneo enrugado
O fundo sulco traçado
Pel-a c'roa imperial.
Foragido, errante espectro,
Meu cajado — já foi sceptro!
Meus trapos — manto — real! »



— Senhor, minha casa é pobre...
Ide bater a um solar !
— « De lá venho... O Rei-phantasma
Baniram do proprio lar,
Nas largas escadarias,
Nas vetustas galerias,
Os pagens e as cortezans
Cantavam !... Reinava a orgia !...
Festa ! Festa ! E niuguem via
O Rei coberto de caus ! »

Phantasma ! Aos grandes que tombam,
E' palacio o mausoleu !
— « Silencio ! de longe eu venho...
Tambem meu tumulo morreu.
O sec'lo — traça que medra
Nos livros feitos de pedra —
Róe o marmore, cruel.
O tempo — Attila terrivel
Quebra co'a pata invisivel
Sarcophago e capitel.

« Desgraça então para o espectro,
Quer seja Homero ou Solon,
Se, medindo a treva immensa,
Vae bater ao Pantheon...
O motim — Nero profano —
No ventre da cova insano
Mergulha os dedos crueis.
Da guerra nos paroxismos
Se abysmam mesmo os abysmos
E o morto morre outra vez !



Então, nas sombras infindas,
S'esbarram em confusão
Os phantasmas sem abrigo,
Nem no espaço, nem no chão...
As almas angustiadas,
Como aguias desaninhadas,
Gemendo voam no ar,
E enchem de vagos lamentos
As vagas negras dos ventos,
Os ventos do negro mar !

« Bati a todas as portas.
Nem uma só me acolheu !...
— « Entra ! — : Uma voz argentina
Dentro do lar respondeu.
Entra, pois ! Sombra exilada,
— « Entra ! O verso — é uma pousada
Aos reis que perdidos vão.
A estrophe — é a purpura extrema.
Ultimo throno — é o poema !
Ultimo asylo — a *Canção* !...

Bahia, 13 de Dezembro de 1869.



O GONDOLEIRO DO AMOR

BARCAROLA

— DAMA-NEGRA —

Teus olhos são negros, negros,
Como as noites sem luar...
São ardentes, são profundos,
Como o negrume do mar ;

Sobre o barco dos amores,
Da vida boiando á flôr,
Douram teus olhas a fronte
Do Gondoleiro do amor.

Tua voz é a cavatina
Dos palacios de Sorrento,
Quando a praia beija a vaga,
Quando a vaga beija o vento ;

E como em noites de Italia,
Ama um canto o pescador,
Bebe a harmonia em teus cantos
O Gondoleiro do amor,



Teu sorriso é uma aurora,
Que o horisonte enrubesceu,
— Rosa aberta com o biquinho
Das aves rubras do céu ;

Nas tempestades da vida
Das rajadas no furor,
Foi-se a noite, tem auroras
O Gondoleiro do amor.

Teu seio é vaga dourada
Ao tibio clarão da lua,
Que, ao murmurio das volupias,
Arqueja, palpita núa ;

Como é doce, em pensamento,
Do teu collo no languor
Vogar, naufragar perder-se
O Gondoleiro do amor ! ?

Teu amor na tréva—é um astro,
No silencio uma canção,
E' briza—nas calmarias,
E' abrigo no tufão ;

Por isto eu te amo, querida,
Quer no prazer, quer na dôr, . . .
Rosa ! Canto ! Sombra ! Estrella !
Do Gondoleiro do amor !

Recife, Janeiro de 1867.

SUB TEGMINE FAGI

À MELLO MORAES

Dieu parle dans le calme plus haut que dans la tempête.

(*Michéviéz.*)

Deus nobis hæc otia facit.

(*Virgílio.*)

Amigo! O campo é o ninho do poeta...

Deus falla, quando a turba está quieta,

As campinas em flôr.

—Noivo—Elle espera que os convivas saiam...

E n'alcova onde as lampadas desmaiam

Então murmura—amor.—

Vem comigo scismar risonho e grave...

A poesia—é uma luz... e alma—uma ave...

Querem—trévas e ar.

A andorinha, que é a alma—pede o campo.

A poesia quer sombra—é o pyrilampo...

P'ra voar... p'ra brilhar.



Meu Deus ! Quanta belleza nessas trilhas...
Que perfume nas doces maravilhas,
Onde o vento gemeu !...
Que flôres d'ouro pelas veigas bellas !
... Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sóbe esta blasphemia de fumaça
Das cidades p'ra o céu,
E a Terra é como o insecto friorento
Dentro da flôr azul do firmamento,
Cujo calix pendeu !...

Qual no fluxo e refluxo, o mar em vagas
Leva a concha dourada... e traz das plagas
Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus—por perolas
E traz, volvendo após das praias cernulas,
—Um brilhante—o perdão !

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nos estepes o corcel feroso
Relincho e parte turbulento, estoso,
Sôlta a crina ao tufão.

Vem ! Nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
Reza o vento feral,
Enorme sombra cáe da enorme rama...
E' o *Pagode* phantastico de Brahma
Ou velha cathedral.



Irei contigo pelos ermos—lento—
Scismando, ao pôr do sol, n'um pensamento
Do nosso velho Hugo.
—Mestre do mundo ! Sol da eternidade !...
Para ter por planeta a humanidade,
Deus n'um *cerro o fixou*.

Ao longe na quebrada da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral !...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas amaryllis
Embala-se nas balsas, como as Willis
Que o *Norte* imaginou,
O antro—falla... o ninho s'estremece...
A dryade entre as folhas apparece...
Pan na flauta soprou !...

Mundo estranho e bizarro da chimera.
A phantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio...
E vendo os Faunos lhe dançar no idyllo.
Murmuro crente :—eu vi !—

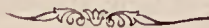
Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste,
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor !...

E á tarde,—quando o sol—condor sangrento,—
No occidente se aninha somnolento,
 Como a abelha na flôr...
E a luz da estrella tremula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana,
 Que acendera o pastor.

A lua—traz um raio para os mares...
A abelha—traz o mel... um threno aos lares
 Traz a rôla a carpir...
Tambem deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrophe, que fulgura,
 P'ra legar ao porvir!...

Vem! Do mundo leremos o problema
Nas folhas da floresta, ou do poema,
 Nas trévas ou na luz...
Não vês?... Do céu a cupola azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
 Lança a poesia á flux!...

Boa-Vista—1867.



A VOLTA DA PRIMAVERA

Aime, et tu renaitras ; fais-toi fleur pour éclore
Après avoir souffert, il faut souffrir encore,
Il faut aimer sans cesse, après avoir aimé.

(A. de Musset.)

Ai ! não maldigas minha fronte pallida,
E o peito gasto ao refter de amores.
Vegetam louros — na caveira esqualida
E a sepultura se reveste em flôres.

Bem sei que um dia o vendaval da sorte
Do mar lançou-me na gelada areia.
Serei... que importa ? o D. Juan da morte
Dá-me o teu seio — e tu serás Haydeia !

Pousa esta mão — nos meus cabellos humidos !
Ensina á briza ondulações suaves !
Dá-me um abrigo nos teus seios tumidos !
Falla !... que eu ouço o pupilar das aves !

Já viste ás vezes, quando o sol de Maio
Innunda o valle, o matagal e a veiga ?
Murmura a réiva : « Que suave raio ! »
Responde o ramo : « Como a luz é meiga ! »



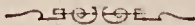
E, ao doce influxo do clarão do dia
O junco exausto, que cedêra à enchente,
Levanta a fronte da lagôa fria...
Mergulha a fronte na lagôa ardente...

Se a natureza apaixonada acorda
Ao quente afago do celeste amante,
Diz... Quando em fogo o teu olhar transborda
Não vês minh'alma reviver ovante ?

E' que teu riso me penetra n'alma —
Como a harmonia de uma orchestra santa —
E' que teu riso tanta dôr acalma...
Tanta descrença !... Tanta angustia !... Tanta !

Que eu digo ao ver tua celeste fronte :
« O céu consola toda dôr que existe.
« Deus fez a neve — para o negro monte !
« Deus fez a virgem — para o bardo triste ! »

Rio de Janeiro, Junho de 1869.



A' MACIEL PINHEIRO

Dieu soit en aide au pieux pèlerin.
(Bouchard.)

Partes, amigo, do teu antro de aguias,
Onde gerava um pensamento enorme,
Tingindo as azas no levante rubro,
Quando nos valles inda a sombre dorme...
Na fronte vasta, como um céu de idéas,
Aonde os astros surgem mais e mais...
Quizeste a luz das boreaes auroras...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Verás a terra da infeliz Moema,
Beim como a Venus se elevar das vagas ;
Das serenatas ao luar dormida,
Que o mar murmura nas douradas plagas,
Terra de glorias, de canções e brios,
Sparta, Athenas, que não tem rivaes...
Que, a voz da patria, deixa a lyra e ruge...
Deus acompanhe o peregrino andaz.

E quando o barco atravessar os mares,
Quaes pandas azas, desfraldando a véla,
Ha de surgir-t'esse *gigante immenso*,
Que sobre os morros campeando vela...



Symbolo de pedra, que o cinzel dos raios
Tallhou nos montes, que se alteiam mais...
Atlas com a fôrma do gigante povo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Vae nas planicies dos infindos pampas
Erguer a tenda do soldado vate...
Livre... bem livre a Marselhesa aos echos
Soltar bramindo no feroz combate...
E após do fumo das batalhas tincto
Canta essa terra, canta os seus *gerões*,
Onde os gaúchos sobre as egoas vôm...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E n'esse lago de poesia virgem,
Quando boaires nas subtis espumas,
Sacode estrophes, qual do rio a garça
Perolas sólta das brilhantes plumas,
Pallido moço — como o bardo errante —
Teu barco vôa na amplidão fugaz.
A nova Grecia quer um Byron novo...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

E eu, cujo peito como uma harpa homérica
Ruge estridente do que é grande ao sôpro,
Saúdo o artista, que ao tallar a gloria,
Pega da espada, sem deixar o escopro,
Da caravana guarda a arcia a pegada :
No chão da historia o passo teu verás...
Deus, que o Maseppa nos steppes guia...
Deus acompanhe o peregrino audaz.

Recife, 1865.

SE EU TE DISSESSE

Se eu te dissesse que scindindo os mares,
Triste, pendido sobre a vitrea vaga,
Eu desfolhava de teu nome as petalas
Ao salso vento, que as marés affaga... ;

Se eu te dissesse que por ermos cimos,
Por invios trilhos de um paiz distante,
Teu casto riso, teu olhar celeste
Ungia o labio ao viajor errante ;

Se eu te dissesse que do alvergue á ermida,
Do monte ao valle, da chapada á selva,
Junta commigo vagueou tua alma,
Junta commigo pernoitou na relva ;

Se eu te dissesse que ao relento frio
Dei minha fronte a viração gemente,
E olhando o rumo de teu lar saudoso,
Molhei as trévas de meu pranto algente ;



Se eu te dissesse, bella fiôr das salas !
Que eu dei teu nome dos sertões ás flôres... ,
E ousei, na trova, em que os pastores gemem,
Por ti, senhora, improvisar de amores ;

Se eu te dissesse que tu foste a concha,
Que o peregrino traz da terra-santa,
Mago amuleto, que no seio mora,
Doce reliquia... talisman, que encanta... ;

Se eu te dissesse que tu foste a rosa,
Que ornava a gorra ao menestrel divino ;
Cruz, que o Templario conchegava ao peito,
Quando nas naves reboava o hymno ;

Se eu te dissesse que tu és, creança !
O anjo da guarda, que me orvalha as preces... ,
Se eu te dissesse... — Foi talvez mentira !—
Se eu te dissesse... Tu talvez dissesses !...

Fazenda de Santa Izabel, 15 de Agosto de 1870.



O VÔO DO GENIO

Um dia, em que na terra á sós vagava
Pela estrada sombria da existencia,
Sem rosas—nos vergeis da adolescencia,
Sem luz d'estrella—pelo céu do amor ;
Senti as azas de um archanjo errante
Rocar-me brandamente pela fronte,
Como o cysne, que adeja sobre a fonte,
A's vezes toca a solitaria flôr.

E disse então : Quem és pallido archanjo !
Tu, que o poeta vens erguer do pégo ?
Eras acaso tu, que Milton cégo
Ouvia em sua noite erma de sol ?
Quem és tu ? Quem és tu ?—« Eu sou o genio »
Disse-me o anjo « vem seguir-me o passo,
Quero contigo me arrojar no espaço,
Onde tenho por c'rôas o arrebol. »

« Onde me levas, pois ?... » Longe te levo
Ao paiz do ideal, terra das flôres,
Onde a brisa do céu tem mais amores
E a phantasia—lagos mais azues...
E fui... e fui... ergui-me no infinito,
Lá onde o vôo d'aguia não se eleva...
Abaixo—via a terra—abysmo em tréva !
Acima—o firmamento—abysmo em luz !



« Archanjo ! archanjo ! que ridente sonho ! »
— « Não, poeta, é o vedado paraizo,
Onde os lyrios mimosos do sorriso
Eu abro em todo o seio, que chorou,
Onde a loura comedia canta alegre,
Onde eu tenho o condão de um genio infindo
Que a sombra de Molière vem sorrindo
Beijar na fronte, que o Senhor beijou...

Onde me levas mais, anjo divino ? »
— « Vem ouvir, sobre as harpas inspiradas,
O canto das espheras namoradas,
Quando eu encho de amor o azul dos céus,
Quero levar-te das paixões nos mares,
Quero levar-te á dedalos profundos,
Onde refervem soes... e céus... e mundos...
Mais soes... mais mundos, e onde tudo é meu...»

« Mulher ! mulher ! aqui tudo é volúpia :
A brisa morna, a sombra do arvoredor,
A'lympha clara, que murmura a medo,
A luz que abraça a flôr e o céu ao mar ;
O' princeza, a razão já se me perde,
E's a sereia da encantada Scylla,
Anjo, que transformaste-te em Dalila,
Sansão de novo te quizerá amar !

« Porém, não paras n'este vôo errante !
A que outros mundos elevar-me tentas ?
Já não sinto o soprar de auras sedentas,
Nem bebo a taça de um fegoso amor,
Sinto que rôla em barathros profundos...
Já não tens azas, aguia da Thessalia,
Maldição sobre ti... tu és Omphalia,
Ninguém te ergue das trévas e do horror.



« Porém silencio! No maldito abysmo,
Onde cahí contigo criminosa,
Canta uma voz, sentida e maviosa,
Que arrependida sóbe á Jehovah!
Perdão! Perdão! Senhor p'ra quem soluça,
Talvez seja algum anjo peregrino...
... Mas não! inda eras tu, genio divino,
Tambem sabes chorar como Eloah!

« Não mais, ó seraphim! suspende as azas!
Que, através das estrellas arrastado,
Meu ser arqueja louco, deslumbrado,
Sobre as constellações e os céus azues.
Archanjo! Archanjo! basta... Já contigo
Mergulhei das paixões nas vagas cerulas...
Mas nos meus dedos—já não cabem—perolas—
Mas na miuh'alma—já não cabe—luz!... »

Recife, Maio de 1866.



O « ADEUS » DE THEREZA

A vez primeira que fitei Thereza,
Como as plantas que arrasta a correnteza,
A walsa nos levou nos giros seus...
E amámos juntos ... E depois na sala
« Adeus » eu disse-lhe a tremer co'a falla...

E ella, córando, murmurou-me : « adeus. »

Uma noite... entreabriu-se um reposteiro...
E da alcova sahia um cavalleiro
Inda beijando uma mulher sem véos...
Era eu... Era a pallida Thereza !
« Adeus » lhe disse conservando-a preza...

E ella entre beijos murmurou-me « adeus : »

Passaram tempos... sec'los de delirio
Prazeres divinaes... gosos de Empyrio...
Mas um dia volvi aos lares meus.
Partindo eu disse—« Voltarei !... descança !... »
Ella, chorando mais que uma criança,

Ella em soluços murmurou-me « adeus : »



Quando voltei... era o palacio em festa !...
E a voz d' *Ella* e de um homem lá na orchestra
Preenchiam de amor o azul dos céos.
Entrei ! ... *Ella* me olhou branca... surpresa
Foi a ultima vez que eu vi *Thereza* !...

E ella arquejando murmurou-me : « adeus ! »

S. Paulo, 28 de Agosto 1868.



PEDRO IVO

Sonhava nesta geração bastarda
Glorias e liberdade!....

.....
Era um leão sangrento, que rugia,
Da gloria nos clarins se embriagava!
E vossa gente pallida récuava,
Quando elle apparecia.

(Alvares de Azevedo.)

I

Rebramam os ventos... Da negra tormenta
Nos montes de nuvens galopa o corsel...
Relincha—troveja... galgando no espaço
Mil raios desperta co'as patas revél.

E' noite de horrores.... nas brumas celestes,
Nas naves ethereas o vento gemeu...
E os astros fugiram, qual bando de garças
Das aguas revoltas do lago do céu.

E a terra é medonha... As arvores nuas
Espectros semelham fincados de pé,
Com os braços de mumias, que os ventos retorcem
Tremendo a esse grito, que estranho lhes é.



Desperta o infinito... Cór'a bocca entreaberta
Respira a borrasca do largo pulmão.
Ao longe o oceano sacode as espadas
— Encélado novo calcado no chão.

É noite de horrores... Por invio caminho
Um vulto sombrio sósinho passou,
Co'a noite no peito, co' a noite no busto
Subio pelo monte, — nas cimas parou.

Cabellos esparsos ao sopro dos ventos ;
Olhar desvairado, sinistro, fatal,
Dirieis estatua roçando nas nuvens,
P'ra qual a montanha se fez pedestal.

Rugia a procella—nem elle escutava !...
Mil raios choviam—nem elle os fitou !
Com a dextra apontando bem longe a cidade,
Após largo tempo sombrio fallou !...

.

II

Dorme, cidade maldicta,
Teu somno de escravidão !...
Dorme, vestal da pureza
Sobre os cochins do Sultão !..



Dorme, filha da Georgia,
Prostituta em negra orgia,
Sê hoje Lucrecia Borgia
Da deshonra no balcão !...

Dormir ? !... Não ! Que a infame grita
Lá se alevanta fatal...
Corre o champagne e a deshonra
Na orgia descommunal...
Na frente já tens o laço...
Cadeia de ouro no braço,
De perolas um barão,
—Adornos da saturnal !

Louca !... Nem sabe que as luzes,
Que accenden p'ra as saturnaes,
São do enterro de seus brios
Tristes cirios funeraes...
Que o seu grito de alegria
E' o estertor da agonia,
A que responde a ironia
Do riso de Satanaz !...

Morreste... E ao teu sahimento
Dobra a procella no céu.
E os astros—olhar dos mortos—
A mão da noite escondeu.
Vê !... Do raio mostra a lampa
Mão de espectro, que destampa
Com dedos de ossos a campa,
Onde a gloria adormeceu.



E erguem-se as lapidas frias.
Saltam bradando os heróis :
« Quem ousa da eternidade
Roubar-nos o sonho á nós ?
Responde o espectro : A desgraça
Que a realza, que passa,
Com sangue de vossa raça,
Cospe lodo sobre vós !...»

Fugi, phantasmas augustos !
Caveiras que coram mais
Do que essas faces vermelhas
Dos infames pariás !...
Fugi do solo maldicto...
Embuçai-vos no infinito !...
E eu por detraz do granito
Dos montes occidentaes...

Eu tambem fujo... Eu fugindo !!...
Mentira d'esses vilões!
Não foge a nuvem trevosa
Quando em azas de tufões,
Sobe dos céus á esplanada,
Para tomar emprestada
De raios uma outra espada,
A luz das constellações !...

Como o tigre na caverna
Afia as garras no chão,
Como em Elba amola a espada
Nas pedras—Napoleão,
Tal eu — vaga encapellada,
Recuo de uma passada,
P'ra levar de derribada
Rochedos, reis, multidões !...



III

«Pernambuco ! Um dia eu vi-te
Dormindo immenso ao luar,
Com os olhos quasi cerrados,
Com os labios— quasi á fallar...
Do braço o clarim suspenso,
— O puño no sabre extenso
De pedra—*recife* immenso.
Que rasga o peito do mar...

E eu disse : Silencio, ventos !
Cala a boca, furação !
No sonho d'aquelle somno
Perpassa a Revolução !
Este olhar que não se move
Stá fito em—Oitenta e nove—
Lê Homero—escuta Jove...
—Ropespierre—Dantão.

N'aquelle craneo entra em ondas
O verbo de Mirabeau...
Pernambuco sonha a escada,
Que tambem sonhou Jacob ;
Scisma a Republica alçada,
E pega os copos da espada,
Em quanto em sua alma brada :
« Somos irmãos, Vergniaud. »

Então repeti ao povo :
—Desperta do somno teu !
Sansão—derroga as columnas,
Quebra os ferros—Prometheu !



Vesuvio curvo—não pares,
Ignea coma solta os ares,
Em lavas innunda os mares,
Mergulha o gladio no céu.

República ! .. Vôa ousada
Do homem feito condor !
Raio de aurora inda occulta
Que beija a fronte ao Thabor !
Deus ! Porqu'em quanto que o monte,
Bebe a luz desse horisonta,
Deixas vagar tanta fronte,
No valle envolto em negror ? !...

Inda me lembro... Era, ha pouco,
A lucta !... Horror !... Confusão !
A morte vôa rugindo
Da garganta do canhão !...
O bravo a fileira cerra !...
Em sangue ensopa-se a terra !...
E o fumo—o corvo da guerra—
Com as azas cobre a amplidão...

Cheguei !... Como nuvens tontas,
Ao bater no monte—além,
Topam, rasgam-se, recuam,...
Taes á meus pés' vi tambem
Hostes mil na lucta ingloria...
... Da pyramide da gloria
São degraus... Marcha a vitoria, .
Porque este braço a sustem.

Foi uma luta de bravos,
Como a luta do jaguar.
De sangue enrubesce a terra,
—De fogo enrubesce o ar !...
... Oh !... mas quem faz que eu não vença?
—O acaso... —avalanche immensa,
Da mão do Eterno suspeusa,
Que a idéa esmaga ao tombar !...

Não importa ! A liberdade
E' como a hydra, o Antheu.
Se no chão rola sem forças,
Mais forte do chão se ergueu...
São os seus ossos sangrentos
Gladios terríveis, sedentos...
E da cinza solta aos ventos
Mais um Graccho appareceu !...

.....

Dorme, cidade maldicta !
Ten somno de eecravidão !
Porém no vasto sacrário
Do templo do coração,
Atêa o lume das lampas,
Talvez que um dia dos pampas
Eu surgindo quebre as campas,
Onde te colam no chão.

Adeus ! Vou por ti maldicto
Vagar nos ermos paúes.
Tu ficas morta, na sombra,
Sem vida, sem fé, sem luz !...



Mas quando o povo accordado
Te erguer do tredo vallado,
Virá livre, grande, ousado,
De pranto banhar-me a cruz !...»

IV

Assim fallara o vulto errante e negro,
Como a estatua sombria do revés.
Uiva o tufão nas dobras de seu manto,
Como um cão do senhor ulula aos pés...

Inda um momento esteve solitario
Da tempestade semelhante ao deus,
Trocando phrases com os trovões no espaço
Raios com os astros nos sombrios céus...

Depois sumiu-se dentre as brumas densas
Da negra noite—de su'alma irmã...
E longe... longe... no horisonte immenso
Resomnava a cidade cortesã !...

Vai !... Do sertão esperam-te as Termopylas
A liberdade inda pullula alli...
Lá não vão vermes perseguir as aguias.
Não vão escravos perseguir a ti !



Vai !... Que o teu manto de mil balas rôto
E' uma bandeira, que não tem rival.
—D'esse suor é que Deus faz os astros...
Tens uma espada, que não foi punhal.

Vai, tu que vestes do bandido as roupas,
Mas não te cobres de uma vil libré !
Se te renega teu paiz ingrato
O mundo, a gloria tua patria é !...

.....

V

E foi-se... E ainda hoje nas horas errantes,
Que os cedros farfalham, que ruge o tufão,
E os labios da noite murmuram nas selvas
E a ouça vagueia no vasto sertão ;

Se passa o tropeiro nas ermas devêzas,
Caminha medroso, figura-lhe ouvir
O infrene galope d'*Espectro soberbo*,
Com um grito de gloria na boca á rugir.

Que importa se o tumulto ninguém lhe conhece ?
Nem tem epithaphio, nem leito, nem cruz ?
Seu tumulto é o peito do vasto universo,
Do espaço—por cupula—as conchas azues !...



... Mas contam que um dia rolára o oceano
Seu corpo na praia, que a vida lhe deu...
Em quanto que a gloria rolava sua alma
Nas margens da historia, na areia do céu!...

Recife, Maio de 1865.



BOA-NOITE

Veux-tu donc partir? Le jour est encore éloigné;
C'était lo rossignol et non pas l'alouette,
Dont le chant a frappé ton oreille inquiète?
Il chante la nuit sur les branches de se grenadier,
Crois-moi, cher ami, c'était le rossignol.

(Shakespeare.)

Boa-noite, Maria! Eu vou-me embora,
A lua nas janellas bate em cheio.
Boa-noite, Maria! E' tarde... é tarde...
Não me apertes assim contra teu seio.

Boa-noite!... E tu dizes—Boa-noite.
Mas não m'o digas assim por entre beijos...
Mas não m'o digas descobrindo o peito,
—Mar de amor onde vagam meus desejos.

Julieta do céu! Ouve... a calhandra
Já rumoreja o canto da matina.
Tu dizes que eu menti?... pois foi mentira...
... Quem cantou foi teu halito, divina!



Se a estrella d'alva os derradeiros raios
Derrama *nos Jardins do Capuleto*,
Eu direi, me esquecendo d'alvorada :
«E' noite ainda em teu cabelo preto...»

E' noite ainda! Brilha na cambraia
—Desmanchado o roupão, a espadua núa—
O globo de teu peito entre os arminhos
Como entre as nevas se balouça a lua...

E' noite, pois ! Durmamos, Julieta!
Rescende a alcova ao trescallar das flores,
Fechemos sobre nós estas cortinas...
—São as azas do arcanjo dos amores.

A frouxa luz da alabastrina lampada
Lambe volúptuosa os teus contornos
Oh! Deixa-me aquecer teus pés divinos
Ao doudo afago de meus labios mornos.

Mulher do meu amor ! Quando aos meus beijos
Treme tua alma, como a lyra ao vento,
Das teclas de teu seio que harmonias,
Que escalas de suspiros, bebo attento !

Ai ! Canta a cavatina do delirio
Ri, suspira, soluça. anseia e chora...
Marion ! Marion !... E' noite ainda.
Que importa os raios de uma nova aurora ? !...



Como um negro e sombrio firmamento,
Sobre mim desenrola teu cabelo...
E deixa-me dormir balbuciando :
—Boa-noite !—, formosa Consuelo !...

S. Paulo, 27 de Agosto de 1868.



SAUDAÇÃO A PALMARES

Nos altos cerros erguido,
Ninho d'aguas atrevido,
Salve—paiz do bandido !
Salve patria do jaguar !
Verde serra, onde os palmares
—Como indianos cocares—
No azul dos Columbios ares
Desfraldam-se em molle arfar !

Salve ! Região dos valentes,
Onde os echos estridentes
Mandam aos plainos trementes
Os gritos do caçador !
E ao longe os latidos soam
E as trompas da caça atroam...
E os corvos negros revoam
Sobre o campo abrasador !...

Palmares ! A ti meu grito !
A' ti, barca de granito,
Que no sossobro infinito
Abriste a vela ao trovão.



E provocaste a rajada,
Solta a flamula agitada,
Aos urrrhas da marujada,
Nas ondas da escravidão !

De bravos soberbo estadio !
Das liberdades palladio,
Tomaste o punho do gladio,
E olhaste rindo p'ra o val.
« Surgi de cada horizonte,
Senhores! Eis-me de frente !.. »
E ris-te... O riso de um monte !
E a ironia de um chacal !

Cantem Eunuuchos devassos
Dos reis os marmoreos paços ;
E beijem os ferreos laços,
Que não ousam sacudir...
Eu canto a belleza tua,
Caçadora semi-núa,
Em cuja perna fluctua
Ruiva a pelle de um tapir.

Creoula ! o teu seio escuro
Nunca déste ao beijo impuro !
Sugidio, firme, duro
Guardaste-o p'ra um nobre amor.
Negra Diana selvagem,
Que escutas sob a ramagem
As vozes, que traz a aragem,
Do teu rijo caçador !



Salve ! Amazona guerreira !
Que nas rochas da clareira
— Aos urros da Cachoeira—
Sabes beber e lutar....
Salve— nos cerros erguido—
Ninho, onde em somno atrevido,
Dorme o condor... e o bandido,
A liberdade... e o jaguar !

1870.



ADORMECIDA

Ses longs cheveux épars la convrent toute entière
La croix de son collier repose dans sa main,
Comme pour témoigner qu'elle a fait sa prière,
Et qu'elle va la faire en s'éveillant, demain.

(A. de Musset)

Uma noite, eu me lembro... Ella dormia
N'uma rêde encostada mollemente...
Quasi aberto o roupão... solto o cabelo
E o pé descalço do tapete rente.

Estava aberta a janella. Um cheiro agreste.
Exalavam as silvas da campina...
E ao longe, n'um pedaço do horisonte,
Via-se a noite placida e divina.

De um jasmineiro os galhos encurvados,
Indiscretos entravam pela sala,
E de leve oscillando ao tom das auras,
Iam na face tremula beijal-a.

Era um quadro celeste !... A cada afago
Mesmo em sonhos a moça estremecia...
Quando ella serenava... a flor beijava-a...
Quando ella ia beijar-lhe... a flor fugia...

Dir-se-hia que n'aquelle doce instante
Brincavam duas candidas creanças...
A brisa, que agitava as folhas verdes,
Fazia-lhe ondear as negras tranças !

E o ramo ora chegava ora afastava-se...
Mas quando a via despeitada a meio,
P'ra não zangal-a... sacodia alegre
Uma chuva de petalas no seio...

Eu, fictando esta scena, repetia
N'aquella noite languida e sentida :
O' flor !—tu és a virgem das campinas !
« Virgem ! tu és a flor de minha vida !... »

S. Paulo, Novembro, 1868.



JESUITAS

(SEculo XVIII)

O' mes frères je viens vous apporter mon Dieu,
Je viens vous apporter ma tête!

V. Hugo (*Chatiments*)

Quando o vento da Fé soprava Europa,
Como o tufão, que impelle ao ar a tropa
Das aguias, que pousavam no alcantil;
Do zimbório de Roma—a ventania
O bando dos apost'los sacodia
Aos cerros do Brazil.

Tempos idos! Extinctos lusimentos!
O pó da cathequese aos quatro ventos
Sevoava nos céos...
Floria após na India ou na Tartaria,
No Mississipi, no Perú, na Arabia
Uma palmeira—Deus!

O navio Maltez, do Latio a vela,
A lusa não, as quinas de Castella,
Do Hollandez a galé
Levavam sem saber ao mundo inteiro
Os *vandalos* sublimes do cordeiro,
Os *atilas* da fé.

Onde ia aquella não? —Ao Oriente.
A outra? —Ao polo. A outra? — Ao occidente :
Outra? —Ao norte. Outra? — Ao sul.
E o que buscava? A Phoca além do pólo;
O ambar, o cravo no indiano sólo,
Mulheres em Stambul.

Ouro—na Australia : pedra—em Misora !...
«Mentira» respondia em voz canóra
O filho de Jesus...
«Pescadores !... nós vamos no mar fundo
«Pescar almas p'ra o Christo em todo o mundo,
«Com um anzol—a cruz —!»

Homeus de ferro ! Mal na vaga fria
Colombo ou Gama um trilho descobria
Do mar nos escarcéus,
Um padre atravessava os equadôres,
Dizendo : «Genios !... sois os *batedores*
Da *matilha* de Deus.»

Depois as solidões sorprezas viam
Esses homens inermes, que surgiam
Pela primeira vez.



E a onça recuando s'esgueirava
Julgando o crucifixo... alguma clava
 . Invencível talvez !

O martyrio, o deserto, o cardo o espinho,
A pedra, a serpe do sertão maninho,
 A fome, o frio, a dor,
Os insectos, os rios, as lianas,
Chuvas, miasmas, settas e savanas,
 Horror e mais horror...

Nada turbava aquellas fronte calmas,
Nada curvava aquellas grandes almas
 Voltadas p'ra amplidão...
No entanto elles só tinham na jornada
Por couraça— a soitana esfarrapada...
 E uma cruz—por bordão.

Um dia a *taba* do Tupi selvagem
Tocava alarma... embaixo da folhagem
 Rãgera estranho pé...
O cabo'clo da rede ao chão saltava,
A setta hervada o arco recurvava...
 Estrugia o *boré*.

E o tacape brandindo, a tribu fera
De um tigre ou de um jaguar ficava a espera
 Com gesto ameaçador...
Surgia então no meio no terreiro
O padre calmo, santo sobranceiro,
 O *Piaga* do amor.



Quantas vezes então sobre a fogueira,
Aos estalos sombrios da madeira,
Entre o fumo e a luz...
A voz do martyr murmurava úngida
«Irmãos! Eu vim trazer-vos—minha vida...
Vim trazer-vos — Jesus.

Grandes homens, Apostolos heroicos!...
Elles diziam mais do que os estoicos :
«Dor,—tu és um prazer !
«Cravo,—és um sceptro ! Chamma, um diadema
«Grelha, és um leito ! Braza,—és uma gemma !
«O' morte,—és o viver !»

Outras vezes no eterno itinerario
O sol, que vira um dia no Calvario
Do Christo a santa cruz,
Enfiava de vir achar nos Andes
A mesma cruz, abrindo os braços grandes
Aos índios rubros, nós.

Eram elles que o verbo do Messias
Pregavam desde o valle ás serranias,
Do pólo ao Equador...
E o Niagára ia contar aos mares...
E o Chimborazo arremessava aos ares
O nome do Senhor !

S. Paulo, 1868.

POESIA E MENDICIDADE

NO ALBUM DA EXM.^a SR.^a

D. Maria Justina Proença Pereira Peixoto

I

Senhora! A Poesia outr'ora era a Estrangeira,
Pallida, aventureira, errante a viajar,
Batendo em duas portas—ao grito das procellas
Ao céu—pedindo estrellas, á terra um pobre lar!

Visão—de aureos laureis—porém de manto esqualido,
Mulher—de labio pallido--e olhar--cheio de luz,
Seus passos nos espinhos em sangue se assignalam...
E os astros lhe resvalam—a flor dos hombros nús...

II

Olhai! O sol descamba... A tarde harmoniosa
Envolve luminosa a Grecia em frouxo véu.
Na estrada ao som da vaga, ao suspirar do vento,
De um marco poeirento um velho então se ergueu.



Ergueu-se tacteando...é cego...o cégo anceia...
Porém o que tacteia aquella augusta mão?...
Talvez busca pegar o sol, que lento expira!...
Fado cruel... mentira!... Homero pede pão!

III

Mas ai! volvei, Senhora. os vossos bellos olhos
D'aquelle mar de abrolhos, a um novo quadro! olhai!
Do vasto salão gothico eu ergo o reposteiro...
O lar é hospitaleiro... Entrai, senhora, entrai!

Estamos na media idade. Arnez, gladio, armadura
Servem de compostura á sala vasta e chan,
A' um lado um galgo esvelto ameiga e acaricia
A mão suave esguia—á loura castellã.

Vai o banquete em meio... O bardo se alevanta
Pega da lyra...canta...uma canção de amor...
Ouvi-o! Para ouvil-o a estrella pensativa
Alonga pela ogiva um raio de languor!

Dos ramos do carvalho a brisa se debruça...
Na sala alguém soluça...(amor, ou languidez?)
Subito a nota extrema anceia, treme, rola...
Alguem pede uma esmola... Senhora não olheis!

Assim nos tempos idos a musa canta e pede...
Genio e mendigo...vêde...o abysmo de irrisões!
Tasso implora um olhar! Vai Ossian mendicante...
Caminha roto o Danto! e pede pão Camões.



IV

Bem sei, Senhora, que ao talento agora
Surgio a aurora de uma luz amena.
Hoje ha salario p'ra qualquer trabalho,
Cinzel ou malho, ferramenta ou penna.

Melhor que o Rei sabe pagar ao pobre
Melhor que o nobre—protector verdugo—!
Foi surdo um *throno.. á maior gloria vossa...*
Abre-se a choça aos Miseraveis de Hugo

Porem não sei se é por costume antigo,
Que inda é mendigo do cantor o genio.
Mudem-se os pannos do scenario a esmo
O vulto é o mesmo... n'um melhor proscenio...

V

Hoje o Poeta—caminheiro errante,
Que tem saudades de um paiz melhor,
Pede uma perola—á maré montante,
Do seio ás vagas—pede—um outro amor.

Alma sedenta de ideal na terra
Busca apagar aquella sêde atroz !
Pede a harmonia divinal, que encerra
Do ninho o chilro... da tormenta a voz !



E o rir da folha, o sussurar da falla,
Threnos da estrella no amoroso estio,
Voz que dos póros o Universo exhala
Do céu, da gruta, do alcantil, do rio !

Pede aos pequenos, desde o verme ao tojo,
Ao fraco, ao forte...—preces, gritos, uivos...
Pede das aguias o possante arrojo,
Para encontrar os meteoros ruivos.

Pede á mulher que seja boa e linda
— Vestal de um typo o *ideal* revela...
Pois ser formosa é ser melhor ainda...
Se és boa--és luz... mas se és formosa--estrella...

E pede á sombra, p'ra aljofar de orvalhos
A fronte azul da solidão nocturna,
E pede ás auras, p'ra affagar os galhos,
E pede ao lyrio, p'ra enfeitar a furna,

Pede ao olhar a marciez suave
Que tem eo arminho e o dreon macio,
O avelludado da penugem d'ave,
Que affaga as plumas no palmar sombrio.

.....

E quando encontra sobre a terra ingrata
Um reverbéro do clarão celeste,
—Alma formada de uma essencia grata,
Que a lua—doura, e que um perfume veste;



Um rir, que nasce como o broto em maio,
Mostrando seivas de bondade infinda,
Fronte que guarda—a claridade e o raio,
Virtude e graça—o ser bondosa e linda...

Então, Senhora, sob tanto encanto
Pede o Poeta (que não tem renome)
—Versos—à brisa p'ra vos dar um canto...
Raios ao sol—p'ra vos traçar o nome !...

Bahia, 26 de Janeiro de 1870.



HYMNO AO SOMNO

O' somno! O' noivo pallido
Das noites perfumosas,
Que um chão de *nebulosas*
Trilhas pela amplidão !
Em vez de verdes pampanos,
Na branca fronte enrolas
As longuidas papoulas,
Que agita a viração.

Nas horas solitarias,
Em que vagueia a lua,
E lava a planta nua
Na onda azul do mar,
Com um dedo sobre os labios
No vôo silencioso,
Vejo-te cauteloso
No espaço viajar!

Deos do infeliz, do misero!
Consolação do afficto !
Descanço do precito,
Que sonha a vida em ti !
Quando a cidade tetra
De angustias e dor não geme...
E' tua mão que espreme
A dormideira alli.



Em tua branca tunica
Envolves meio mundo...
E' teu seio fecundo,
De sonhos e visões,
Dos templos aos prostibulos,
Desde o tugurio ao Paço,
Tu lanças lá do espaço
Punhados de illuzões !...

Da vide o sumo rúbido,
Do *hatchiz* a essencia
O opio, que a indolencia
Derrama em nosso ser,
Não valem, genio magico,
Teu seio, onde repousa
A placidez da lousa
E o goso do viver...

O' somno ! Unge-me as palpebras...
Entorna o esquecimento
Na luz do pensamento,
Que abraza o craneo meu.
Como o pastor da Arcadia,
Que uma ave errante anninha...
Minh'alma é uma andorinha...
Abre-lhe o seio teu.

Tu, que fechastes as petalas
Do lirio que pendia,
Chorando a luz do dia
E os raios do arrebol,
Tambem fecha-me as palpebras...
Sem *Ella* o que é a vida ?...
Eu sou a flor pendida
Que espera a luz do sol.



O leite das euphorbias
P'ra mim não é veneno...
Ouve-me. ó Deus sereno !
O' Deus consolador !
Com teu divino balsamo
Cala-me a anciedade !
Mata-me esta saudade,
Apaga-me esta dor.

Mas quando, ao brilho rutilo
Do dia deslumbrante,
Vires a minha amante
Que volve para mim,
Então ergue-me subito...
E' minha aurora linda...
Meu anjo...mais ainda...
E' minha amante enfim !

O' somno ! O' Deus noctivago !
Doce influencia amiga !
Genio que a Grecia antiga
Chamava de Morpheu,
Ouve !...E se minhas supplicas
Em breve realisares...
Voto nos teus altares
Minha lyra de Orpheu !

S. Paulo, 12 de Julho de 1868.



NO ALBUM

DO ARTISTA

LUIZ C. AMORDO

Nos tempos idos... O alabastro, o marmore
Reveste as fôrmas desnudadas, medidas
De Venus ou Phryné.
Nem um véo p'ra occultar o seio tremulo,
Nem um tyrso a velar a coxa pallida...
O olhar não sonha... vê !

Um dia o artista, n'um momento lucido,
Entre *gazas de pedra* a loura Aspasia
Amoroso envolveu,
Depois, surpreso!... viu-a ainda mais languida...
Sonhou mais doudo aquellas fôrmas lubricas...
Mais *nuas* sob um véo.



E o mysterio do espirito...A modestia
E' dos talentos reis a sancta purpura...
Artista és bello assim...
Este *sancto pudor* é só dos genios !—
Tambem o espaço esconde-se entre nevoas...
E no entanto é... sem fim !

S. Paulo, Abril, 1868.

— 3079 —



VERSOS DE UM VIAJANTE

Ai ! nenhum Mago da Chaldeia sabia
A dor abrandará que me devora.

(F. Varella)

Tenho saudade das cidades vastas,
Dos invios cerros, do ambiente azul...
Tenho saudade dos ceruleos mares,
Das bellas filhas do paiz do sul /

Tenho saudade de meus dias idos
—Pet'las perdidas em fatal paul—
Pet'las que outr'ora desfolhamos juntos,
Morenas filhas do paiz do sul

Lá onde as vagas uas areias rolam,
Bem como aos pés da Oriental Stambul...
E da Tijuca na nitente espuma
Banham-se as filhas do paiz do sul.

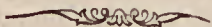


Onde ao sereno a magnolia esconde
Os pyrilampos « de lanterna azul »
Os pyrilampos, que trazeis nas coifas,
Morenas filhas do paiz do sul.

Tenho saudades...ai de ti, S. Paulo,
—Rosa de Hespanha no libernal Friul—
Quando o estudante e a serenata acordam
As bellas filhas do paiz do sul.

Das varzeas longas, das manhãs brumosas,
Noite de nevoas, ao rugitar do sul
Quando eu sonhava nos morenos seios
Das bellas filhas do paiz do sul.

Em caminho, Fevereiro de 1870.



ONDE ESTÁS ?

E' meia noite... e rugindo
Passa triste a ventania,
Como um verbo de desgraça,
Como um grito de agonia.
E eu digo ao vento, que passa
Por meus cabellos fugaz :
« Vento frio do deserto,
Onde ella está ? Longe ou perto ?
Mas, como um hálito incerto,
Responde-me o echo ao longe :
« Oh ! minha amante, onde estás ?...

Vem ! E' tarde ! Porque tardas ?
São horas do brando somno,
Vem reclinar-te em meu peito
Com teu languido abandono !...
'Stá vazio nosso leito...
'Stá vazio o mundo inteiro ;
E tu não queres que eu fique
Solitario n'esta vida...
Mas porque tardas querida ?...
Já tenho esperado assaz...
Vem deprsssa que eu deliro...
« Oh ! minha amante, onde estás ?...



Estrella—na tempestade,
Rosa—nos ermos da vida,
Iris—do naufrago errante,
Illusão—d'alma descrida,
Tu foste, mulher formosa !
Tu foste, ó filha do céu !...
...E hoje que o meu passado
Para sempre morto jaz...
Vendo finda a minha sorte,
Pergunto aos ventos do norte...
« Oh ! minh'amante onde estás ?

Bahia.



A BOA-VISTA

Sonha, poeta, sonha! Aqui sentado
No tosco assento da janella antiga,
Apoias sobre a mão a face pallida,
Sorrindo—dos amores á cantiga.

(*Alvares de Azevedo*)

Era uma tarde triste, mas limpida e suave...
Eu—pallido poeta—seguia triste e grave
A estrada, que conduz ao campo solitario,
Como um filho, que volta ao paternal sacrario,
E ao longe abandonando o murmurio da cidade
—Som vago, que gagueja em meio á immensidade—,
No drama do crepusculo eu escutava attento
A *surdina* da tarde ao sol, que morre lento.

A poeira da estrada meu passo levantava,
Porém minh'alma ardente no céu azul marchava
E os astros sacudia no vôo violento
—Poeira, que dormia no chão do firmamento.

A pavida andorinha, que o vendaval fustiga,
Procura os coruchéus da cathedral antiga.
Eu— andorinha entregue aos vendavaes do inverno,
Ia seguindo triste p'ra o velho lar paterno,

Como a aguiá, que do ninho talhado no rochedo
Ergue o pescoço calvo por cima do fraguedo,
— (P'ra ver no céu a nuvem, que espuma o firmamento
E o mar,—corcel, que espuma ao latigo do vento...)
Longe o feudal castello levanta a antiga torre,
Que aos raios do poente brilhante sol escorre !
Eil-o soberbo e calmo o abutre de granito
Mergulhando o pescoço no seio do infinito,
E lá de cima olhando com seus clarões vermelhos
Os tectos, que a seus pés parecem de joelhos!...

Não ! minha veiha torre ! Oh ! atalaia antiga,
Tu olhas esperando alguma face amiga,
E perguntas talvez ao vento que em ti chora :
«Porque não volta mais o meu senhor de outr'ora?
Porque não vem sentar-se no banco do terreiro
Ouvir das criancinhas o riso feiticeiro,
E pensando no lar, na sciencia, nos pobres
Abrigar n'esta sombra seus pensamentos nobres?
.....
Onde estão as crianças—grupo alegre e risonho
—Que escondia-se atraz do cypreste tristonho...
Ou que enforcaram rindo um feio *Pulchinello*,
Emquanto a doce Mãe, que é toda amor, disvello,
Ralha com um rir divino o grupo folgasão,
Que vem corendo alegre beijar-lhe a branca mão?... »
.....

E' nisto que tu scismas, ó torre abandonada,
Vendo deserto o parque e solitaria a estrada.
No entanto eu—estrangeiro, que tu já não conheces—
No limiar de joelhos só tenho pranto e preces.

Oh! deixem-me chorar!... Meu lar... Meu doce ninho!
Abre a vetusta grade ao filho teu mesquinho!
Passado—mar immenso! inunda-me em fragancia!
Eu não quero laureis, quero as rosas da infancia.

Ai! Minha triste fronte, aonde as multidões
Lançaram misturadas glórias e maldições...
Acalenta em teu seio, ó solidão sagrada!
Deixa est'alma chorar em teu hombro encostada!

Meu lar está deserto... Um velho cão de guarda
Veio saltando á custo roçar-me a testa parda,
Lamber-me após os dedos, porém á sós comsigo
Rugando com o direito, que tem um velho amigo...

Como tudo mudou-se!... O jardim 'stá inculto,
As roseiras morreram do vento ao rijo insulto...

A herva inunda a terra; o musgo trepa os muros,
A urtiga silvestre enrola em nós impuros
Uma estatua cahida, em cuja mão nevada
A aranha estende ao sol a têa delicada!...
Mergulho os pés nas plantas selvagens, espalmadas,
As borboletas fogem-me em lucidas manadas...
E ouvindo-me as passagens tristonhas, taciturnas
Os grilos, que cantavam, calaram-se nas furnas...

Oh! jardim solitario! Reliquia do passado!
Minh'alma como tu, é um parque arruinado!
Morreram-me no seio as rosas em fragancia,
Veste o pesar os muros dos meus vergeis da infancia,



A estatua do talento, que para em mim s'erguia
Jaz hoje—e nella a turba enlaça uma ironia!...
Ao menos como tu, lá d'alma no recanto
Da casta poesia ainda escuto o canto,
—Voz do céu, que consola, se o mundo nos insulta
E na gruta do seio murmura um threno occulta.

Entremos!... Quantos echos na vasta escadaria,
Nos longos corredores respondei-me á porfia!...

Oh! casa de meus pais!... A' um craneo já vasio,
Que o hospede largando deixou calado e frio,
Compara-te o estrangeiro--caminhando indiscreto
Nestes salões imensos, que abriga o vasto tecto,
Mas eu no teu vasio—vejo uma multidão
Fallá-me o teu silencio — ouço-te a solidão!...
Povoam-se estas salas!...

E eu vejo lentamente
No solo resvalarem fallando tenuamente
D'est'alma e d'este seio as sombras venerandas
Phantasmas adorados—visões subtis e brandas...

Aqui... além... mais longe... por onde eu movo o passo,
Como aves, que espantadas arrojam-se ao espaço,
Saudades e lembranças s'erguendo--bando alado—
Roçam por mim as azas voando para o passado.

Boa-Vista, 18 de Novembro de 1867.

A UMA ESTRANGEIRA

LEMBRANÇA DE UMA NOITE NO MAR

Sens-tu mon cœur, comme il palpite ?
Le tien comme il t'attait gaiement !
Je m'en vais pourtant, ma petite,
Bien loin bien vite,
Toujours t'aimant.

(Chanson)

Ignez ! nas terras distantes,
Aonde vives talvez,
Inda lembram-te os instantes
D'aquella noite divina ?...
Estrangeira, peregrina,
Quem sabe?...—Lembras-te Ignez ?

Branda, noite ! A noite iminensa
Não era um ninho ?—Talvez !...
Do Atlantico a vaga extensa
Não era um berço ?—Oh ! se o era...
Berço e ninho... ai, primavera !
O ninho, o berço de Ignez...

As vezes estremecias...
Era de febre ?—Talvez...
Eu pegava-te as mãos frias
P'ra aquectal-as em meus beijos...
Oh ! pallidez ! Oh ! desejos !
Oh ! longos cilios de Ignez !

Na prôa os nautas cantavam.
Eram saudades ?—... Talvez...
Nossos beijos estalavam
Como estala a castanhola...
Lembras-te acaso, hespanhola ?
Acaso lembras-te, Ignez ?

Meos olhos nos teus morriam...
Seria vida? —Talvez !
E meos prantos te diziam :
« Tu levas minh'alma, ó filha,
Nas rendas d'esta mantilha...
Na tua mantilha, Ignez ! »

De Cadix o aroma ainda
Tinhas no seio...—Talvez!
De Buenos-Ayres a linda,
Volvendo aos lares, trazia
As rosas de Andalusia
Nas lisas faces de Ignez !

E volvia a Americana
Do Plata as vagas... Talvez ?
E a brisa amorosa, insana
Misturava os meus cabelos
Aos cachos escuros, bellos...
Aos negros cachos de Ignez!

As estrellas acordavam
Do fundo do mar... Talvez!
Na prôa as ondas cantavam.
E a serenata divina
Tu, com a ponta da botina,
Marcavas no chão... Ignez!

Não era cumplicidade
Do céu, dos mares? Talvez,
Dir-se-lia que a immensidade
—Conspiradora mimosa
Dizia á vaga amorosa:
« Segreda amores á Ignez! »

E como um véo transparente,
Um véo de noiva... Talvez.
Da lua o raio tremente
Te enchia de casto brilho...
E á rasto no tombadilho
Cahia á teus pés... Ignez!...

E essa noite delirante
Podeste esquecer?—Talvez...
Ou talvez que neste instante,
Lembrando-te inda saudosa,
Suspires, moça formosa !...
Talvez te lembres... Ignez !

Curralinho, 2 de Julho de 1870.



O CORAÇÃO

O coração é o colibri dourado
Das veigas puras do jardim do céu,
Um — tem o mel da granadilha agreste,
Bebe os perfumes, que a bonina deu.

O outro — Vôa em mais virentes balsas,
Pousa de um riso na rubente flôr,
Vive do mel — á que se chama — crenças —,
Vive do aroma — que se diz — amor. —

Recife, 1865.



MURMURIOS DA TARDE

Écoutez tout se fait ; songe à ta bien aimée,
Ce soir, sous les tilleuls, à la sombre ramée,
Le rayon du couchant laisse un adieu plus doux :
Ce soir, tout va fleurir : l'immortelle nature
Se remplit de parfums, d'amour et de murmure,
Comme le lit joyeux de deux jeunes époux.

(A. de Musset.)

Rosa ! Rosa de amor purpurea e bella.

(Garret.)

Hontem á tarde, quando o sol morria,
A natureza era um poema santo,
De cada moita a escuridão sahia,
De cada gruta rebentava um canto,
Hontem á tarde, quando o sol morria.

Do céu azul na profundez escura
Brilhava a estrella, como um fructo louro,
E qual a foice, que no chão fulgura,
Mostrava a lua o semicirculo d'ouro,
Do céu azul na profundez escura.



Larga harmonia embalsamava os ares !
Cantava o ninho — suspirava o lago...
E a verde pluma dos subltis palmares
Tinha das ondas o murmurio vago...
Larga harmonia embalsamava os ares.

Era dos seres a harmonia immensa,
Vago concerto de saudade infinda !
« Sol — não me deixes » diz a vaga extensa.
« Aura — não fujas » diz a flôr mais linda ;
Era dos seres a harmonia immensa !

« Leva-me ! leva-me em teu seio amigo »
Dizia ás nuvens o choroso orvalho,
« Rôla que foges » diz o ninho antigo,
« Leva-me ainda para um novo galho...
Leva-me ! leva-me em teu seio amigo. »

« Dá-me inda um beijo, antes que a noite venha!
« Inda um calor, antes que chegue o frio... »
E mais o musgo se conchega á penha
E mais á penha se conchega o rio...
« Da-me inda um beijo, antes que a noite venha ! »

E tu no entanto no jardim vagavas,
Rosa de amor, celestial Maria...
Ai! como esquivava sobre o chão pisavas,
Ai! como alegre a tua boca ria...
E tu no entanto no jardim vagavas.



Eras a estrella transformada em virgem !
Eras um anjo, que se fez menina !
Tinhas das aves a celeste origem,
Tinhas da lua a pallidez divina,
Eras a estrella transformada em virgem !

Flôr ! Tu chegaste de outra flôr mais perto,
Que bella rosa ! que fragancia meiga !
Dir-se-hia um riso no jardim aberto,
Dir-se-hia um beijo, que nasceu na veiga...
Flôr ! Tu chegaste de outra flôr mais perto !...

E eu, que escutava o conversar das flôres,
Ouvi, que a rosa murmurava ardente :
« Colhe-me, ó virgem, — não terei mais dôres,
« Guarda-me, ó bella, no teu seio quente... »
E eu escutava o conversar das flôres.

« Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria ! »
Tambem então eu murmurei scismando...
« Minh'alma é rosa, que a geada esfria...
« Dâ-lhe em teus seios um asylo brando...
« Leva-me ! leva-me, ó gentil Maria !... »

Rio de Janeiro, 12 de Outubro de 1869.



PELAS SOMBRAS

AO PADRE FRANCISCO DE PAULA

C'est que je suis frappé de doute
C'est que l'étoile de la foi
N'éclaire plus ma noire route;
Tout est abîme autour de moi!

(*La Morvonnais.*)

Senhor! A noite é brava...a praia é toda escolhos
Ladram na escuridão das *Circes* as *cadellias*...
As lívidas marés aúram, a meus olhos,
Cadáveres, que riem á face das estrellas!

Da garça do oceano as ensopadas pennas
O morbido suor enchugam-me da testa.
Na aresta do rochedo o pê se firma apenas...
No entanto ouço do abysmo a rugidora festal...

Nas orlas de meu manto o vendaval s'enrola...
Como invisível l'extra, açoita a faces minhas...
Emquanto que eu tropeço... um grito ao longe rola...
«Quem foi?» perguntou rindo as solidões marinhas.



Senhor! Um facho ao menos empresta ao caminhante!
A treva me assoberba... O' Deus dà-me um clarão!

E uma voz respondeu nas sombras triumphante:
« Accende, ó Viajor! o facho da razão! »

.....

Senhor! Ao pé do lar, na quietazão, na calma
Póde a flamma subir brilhante, loura, eterna;
Mas quando os vendavaes, rugindo, passam n'alma,
Quem póde resguardar a tremula lanterna?

Torcida...desgrenhada aos dedos da lufada
Bateu-me contra o rosto e se abysmou na treva.
Eu via-a vacillar... e minha mão queimada
A lampada sem luz embalde ao raio eleva.

Quem fez a gruta—escura, o pyrilampo cria!
Quem fez a noite—azul, inventa a estrella clara!
Na frente do oceano—accende uma ardentia!
Com o flóco do Santelmo—a tempestade aclara!

Mas aí! Quo a treva interna—a duvida constante—
Deixaste assoberbar-me em funda escuridão!...

E uma voz responde nas smbras triumphante
« Accende, ó viajor a fé no coração!... »

Curralinho, 5 de Junho de 1870.

ODE AO DOUS DE JULHO

RECITADA NO THEATRO DE S. PAULO

Era no dous de Julho. A pugna immensa
Travára-se nos serros da Bahia...
O anjo da morte pallido cosia
Uma vasta mortalha em Pirajá.
« Neste lençol tão largo, tão extenso,
« Como um pedaço rôto do infinito...
O mundo perguntava erguendo um grito :
« Qual dos gigantes morto rolará !... »

Debruçados do céu... a noite e os astros
Seguiam da peleja o incerto fado...
Era a tocha — o fuzil avermelhado !
Era o Circo de Roma — o vasto chão !
Por palmas — o troar da artilharia !
Por fêras — os canhões negros rugiam !
Por athletas — dous povos se batiam !
Enorme amphiteatro — era a amplidão !



Não! Não eram dous povos, que abalavam
N'aquelle instante o solo ensanguentado...
Era o porvir — em frente do passado,
A liberdade — em frente á escravidão.
Era a lucta das aguias — e do abutre,
A revolta do pulso — contra os ferros,
O pugilato da razão — com os erros.
O duello da tréva — e do clarão !

No entanto a lucta recrescia indomita...
As bandeiras — como aguias erriçadas —
Se abysmavam com as azas desdobradas
Na selva escura da fumaça atroz...
Tonto de espanto, cego de metralha
O archanjo do triumpho vacillava...
E a gloria desgrenhada acalentava
O cadaver sangrento dos heróes !...

.....
.....

Mas quando a branca estrella matutina
Surgiu do espaço... e as brizas forasteiras
No verde leque das gentis palmeiras
Foram cantar os hymnos do arrebol,
Lá do campo deserto da batalha
Uma voz se elevou clara e divina
Eras tu — liberdade peregrina !
Esposa do porvir — noiva do sol !



Eras tu que com os dedos ensopados
No sangue dos avós mortos na guerra,
Livre sagravas a Columbia terra,
Sagravas livre a nova geração !
Tu que erguias, subida na pyramide,
Formada pelos mortos do cabrito,
Um pedaço de gladio — no infinito...
Um trapo de bandeira — n'amplidão.

S. Paulo, Julho de 1868.



À DUAS FLORES

São duas flôres unidas,
São duas rosas nascidas
Talvez no mesmo arrebol,
Vivendo no mesmo galho,
Da mesma gotta de orvalho,
Do mesmo raio de sol.

Unidas, bem como as pennas
Das duas azas pequenas
De um passarinho do céu...
Como um casal de rolinhas,
Como a tribu de andorinhas
Da tarde no frouxo véu.

Unidas, bem como os prantos,
Que em parêlha descem tantos
Das profundezas do olhar...
Como o suspiro e o desgosto,
Como as covinhas do rosto,
Como as estrellas do mar.



Unidas... Ai quem podera
N'uma eterna primavera
Viver, qual vive esta flôr !
Juntar as rosas da vida
Na rama verde e florida,
Na verde rama do amor.

Curralinho, Março de 1870.



HORAS DE SAUDADES

Tudo vem me lembrar que tu fugiste,
Tudo, que me rodeia, de ti falla
Inda a almofada, em que pousaste a fronte,
O teu perfume predilecto exhala.

No piano saudoso, á tua espera,
Dormem somno de morte as harmonias.
E a walsa entreaberta mostra a phrase,
A doce phrase, qu'inda ha pouco lias.

As horas passam longas, somnolentas...
Desce a tarde no carro vaporoso...
D'Ave-Maria o sino, que soluça,
E' por ti que soluça mais queixoso.

E não vens te sentar perto, bem perto,
Nem derramas, ao vento da tardinha,
A caçoula de notas rutilantes
Que tua alma entornava sobre a minha.



E quando uma tristeza irresistivel
Mais fundo cava-me um abysmo n'alma,
Como a harpa de David, teu riso sancto
Meu acerbo soffrer já não acalma.

E' que tudo me lembra que fugiste,
Tudo, que me rodeia, de ti falla,
Como o crystal da essencia do Oriente
Mesmo vasio á sandalo trescala...

No ramo curvo o ninho abandonado
Relembra o pipilar do passarinho.
Foi-se a festa de amores e de affagos...
Eras — ave do céu... minha alma — o ninho !

Por onde trilhas — um perfume expande-se
Ha rythmo e cadencia no teu passo !
E's, como a estrella, que transpondo as sombras,
Deixa um rasto de luz no azul do espaço...

E teu rasto de amor guarda minh'alma,
Estrella, que fugiste aos meus anhelos,
Que levaste-me a vida entrelaçada
Na sombra sideral de teus cabellos !...

2 de Abril de 1870.



O TONEL DAS DANAIDES

DIALOGO

Na torrente caudal de seus cabellos negros
Alegre eu embarquei da vida a rubra flor,

--Poeta! Eras o Doge o anel lançando as ondas..
Ao fundo de um abysmo... arremeçaste o amor.

Depois minh'alma ao som da lyra de cem vozes
Sublimes phantasias em notas desfolhou.

—Cleopatra tambem p'ra erguer no Tibre a espuma
As per'las do collar nas vagas desfiou !

Depois fiz de meu verso a purpura escarlata
Por onde ella pizasse em marcha triumphal !



— Como Hercules, volveste aos pés da insana Omphalia
O fuso feminino de uma paixão fatal.

Um dia ella me disse : « Eu sou uma exilada ! »
Ergui-me... e abandonei meu lar e meu paiz...

— Assim o filho prodigo atira as vestes quentes
E treme no caminho aos pés da meretriz.

E quando debrucei-me á beira d'aquella alma
P'ra ver toda riqueza e affectos que lhe dei... !

— Ai ! nada mais achaste ! o abysmo os devorara. .
O pego se esqueceu da dadiva do Rei !

Na gruta do chacal ao menos restam ossos...
Mas tudo sepultou-me aquelle amor cruel !

— Poeta ! O coração da fria Messalina
E' das fataes Danaides o perfido Tonel !

14 de Outubro de 1869.



A' LUIZ

(NO DIA DE SEU NATALICIO)

A imaginação, com o vôo ousado,
aspira á principio á eternidade...
Depois um pequeno espaço basta
em breve para os destroços de nos-
sas esperanças illudidas !...

(Goëthe)

Como um perfume de longiquas plagas,
Traz o vento da patria ao peregrino,
O' meu amigo ! que saudade infinda
Tu me trazes dos tempos de menino !

E' o ledó enchame de subteis abelhas
Que vem lembrar á flor o mel d'aurora...
Acres perfumes de uma idade ardente
Quando o labio sorri... mas nunca chora

Que tempos idos ! que esperanças louras !
Que scismas de poezia e de futuro !
Nos paginas do triste Lamartine
Quanto sonho de amor pousava puro... !



E tu fallavas de um amor celeste,
De um anjo, que depois se fez esposa...
—Moça que troca os risos de creança
Pelo meigo scismar de mãe formosa.

Oh ! meu amigo! neste doce instante
O vento do passado em mim suspira,
E minh'alma estremece de alegria,
Como ao beijo da noite geme a lyra.

Tu paraste na tenda, ó peregrino !
Eu vou seguindo do deserto a trilha;
Pois bem... que a lyra do poeta errante
Seja a benção do lar e da familia.

Rio, Fevereiro de 1868.



DALILA

Fair defect of nature.

(Milton—*Paradise lost.*)

Foi desgraça, meu Deus!... Não! Foi loucura
Pedir seiba de vida — á sepultura,
 Em gelo — me abrasar.
Pedir amores — á Marco sem brio,
E á rebolcar-me em leito immundo e frio
 — A ventura buscar.

Errado viajor — sentei-me á alfombra
E adormeci da mancenilha á sombra
 Em berço de setim...
Embalava-me a brisa no meu leito...
Tinha o veneno á lacerar-me o peito
 — A morte dentro em mim...

Foi loucura!... No occaso — tomba o astro,
A estatua branca e pura de alabastro
 — Se mancha em lodo vil...
Quem rouba a estrella — á tumba do occidente?
Que jordão lava na lustral corrente.
 O marmoreo perfil...

.....



Talvez !... Foi sonho!... Em noite nevoenta
Ella passou sosinha, macilenta
Tremendo a soluçar...
Chorava — nenhum echo respondia...
Sorria — a tempestade além bramia...
E ella sempre a marchar.

E eu disse-lhe : Tens frio ? — arde minha alma,
Tens os pés á sangrar ? — podes em calma
Dormir no peito meu.
Pomba errante — é meu peito um ninho vago :
Estrella — tens minha alma — immenso lago—
Reflecte o rosto teu !...

E amamos... Este amor foi um delirio...
Foi ella minha crença, foi meu lyrio,
Minha estrella sem veu...
Seu nome era meu canto de poesia,
Que com o sol — pena de ouro — eu escrevia
Nas laminas do céu.

Em seu seio escondi-me... como á noite
Incauto colibri, temendo o açoite
Das iras do tufão,
A cabecinha esconde sob as azas,
Faz seu leito gentil por entre as gazas
Da rosa do Japão.

E depois... embalei-a com meus cantos
Seu passado esqueci... lavei com prantos
Seu lodo e maldição...

...Mas um dia acordei... e mal desperto
Olhei em torno a mim... — Tudo deserto...
Deserto o coração...

Ao vento, que gemia pelas franças,
Por ella perguntei... de suas tranças,
A' flôr que ella deixou...
Debalde... Seu logar era vasio...
E meu labio queimado e o peito frio
Foi ella que o queimou...

Minha alma nodou no osculo immundo,
Bem como Satanaz — beijando o mundo —
Manchou a criação,
Simoun — creston-me da esperanza as flôres...
Tormenta ella afogou nos seus negreiros
A luz da inspiração...

Vai, Dalilal... E' bem longa tua estrada...
E' suave a decida — terminada
Em barathro cruel.
Tua vida — é um banho de ambrosia...
Mais tarde a morte e a lampada sombria,
Pendente do bordel.

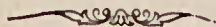
Hoje flôres... A musica soando...
As per'las do Champagne gottajando
Em taças de chrystal.
A volupia a escaldar na louca insomnia...
Mas soffoca os festins de Babylonia
A legenda fatal.



Tens o seio de fogo e a alma fria.
O scep tro empunhas lubrico da orgia
Em que reinas tu só !...
Mas que finda o ranger de uma mortalha,
A enchada do coveiro que trabalha
A revolver o pó.

Não te maldigo não !... Em vasto campo
Julguei-te — estrella, — e eras — pyrilampo
Em meio á cerração...
Prometheu — quiz dar luz á frio argilla,
Não pude... Pede á Deus, louca Dalila,
A luz da redempção ! !...

Recife-- 1844.



AS DUAS ILHAS

SOBRE UMA PAGINA DA POESIA DE V. HUGO,
COM O MESMO TITULO

Quando á noite—ás horas mortas—
O silencio e a solidão
—Sob o doçel do infinito—
Dormem do mar n'amplidão,
Vê-se, por cima dos mares,
Rasgando o tecto dos ares
Dous gigantescos perfis...
Ohando por sobre as vagas,
Attentos, longinquas plagas
Ao clarear dos fuzis.

Quem os vê, olha espantado
E á sós murmura : « O que é ?
Ai ! que atalaias gigantes,
São essas além de pé !... »
Adamastor de granito
Co' a testa roça o infinito
E a barba molha no mar ;
E de pedra a cabelleira
Sacudind'a onda ligeira
Faz de medo recuar...



São—dous marcos milliaros,
Que Deus nas ondas plantou.
Dous rochedos, onde o mundo
Dous Prometheus amarrou !
—Acolá... (Não tenhas medo !...)
E' Santa Helena—o rochedo
D'esse Titán, que foi rei !...
—Alli.. (Não feches os olhos !...)
Alli... aquelles abrolhos
São a ilha de Jersey !...

São elles—os dous gigantes
No seculo de pygmeus,
São elles—que a magestade
Arrancam da mão de Deus.
—Este concentra na fronte
Mais astros—que o horisonte,
Mais luz—do que o sol lançou !...
—Aquelle—na dextra alçada
Traz segura sua espada
Cometa, que ao céu roubou !...

E olham os velhos rochedos
O Sena, que dorme além...
E a França, que entre a caligem
Dorme em sudario tambem...
E o mar pergunta espantado :
«Foi devéras desterrado
Buonaparte—meu irmão?...»
Diz o céu astros chorando :
« E Hugo ?... » E o mundo pasmando
Diz : « Hugo... Napoleão !... »



Como vasta reticencia
Se estende o silencio após...
E's muito pequena, ó França,
P'ra conter estes heróes...
Sim ! que estes vultos augustos
Para o leito de Procustos
Muito grandes Deus traçou...
Basta os reis tremam de medo
Se sombra de algum rochedo
Sobre elles se projectou !...

Dizem que quando alta noite,
Dorme a terra—e vela Deus,
As duas ilhas conversam
Sem temor perante os céus.
—Jersey curva sobre os mares
A Santa Helena os pensares
Segreda do velho Hugo...
—E Santa Helena no entanto
No *Salgueiro* enxuga o pranto
E conta o que *Elle* fallou...

E olhando o presente infame
Clamam : Da turba vulgar
Nós—infinitos de pedra—
Nós havemol-os vingar !...
E do mar sobre as escumas,
E do céu por sobre as brumas,
Um ao outro dando a mão...
Encaram a immensidade
Bradando : « A Prosperidade ! »...
Deus ri-se e diz : Inda não !...

Recife, 1865.

— 1865 —

AO ACTOR JOAQUIM AUGUSTO

Um dia Pygmalião—o estatuario
Da officina no toseco santuario
 Poz-se a pedra a tralhar...
Surgem contornos languidos, amenos...
E dos *flocos de marmore* outra Venus.
 Surge d'este *outro mar*.

De orgulho o mestre ri... A estatua é bella !
Da Grecia as filhas por inveja d'ella
 Vão nas grutas gemer...
Mas o artista soluça. O' Grande Jove !
Ella é bella... bem sei—mas não se move !
 E' sombra—e não mulher !

Então do excelso Olympio o deus— tonante
Mauda que desça um raio fulgurante
 A' tenda do escultor.
Vive a estatua ! Nos olhos—treme o pejo,
Vive a estatua ! Na boca—treme um beijo
 Nos seios—treme amor.



O poeta é—o moderno estatuario
Que na vigilia crêa solitario
Visões de seio nú !
O marmore da Grecia—é o novo drama !
Mas o raio vital quem lá derrama ?...
E' Jupiter !... E's tu !...

Como Gluck nas selvas aprendia
Ao som do violoncello a melodia
Da sancta inspiração,
Assim bebes attento a voz obscura
Do vento das paixões na selva escura
Chamada multidão.

Gargalhadas, suspiros, beijos, gritos,
Cantos de amor, blasfemias de precitos,
Choro ou reza infantil,
Tudo colhes... e voltas co'as mãos cheias,
—O craneo largo a transbordar de ideias
E de creações mil.

Então começa a lucta, a lucta enorme.
Desta materia tosca, aspera, informe,
Que na praça apanhou,
Teu genio vai forjar novo thesouro...
O *cobre escuro* vai mudar-se *em ouro*
Como Fausto o sonhou !

Gloria ao mestre ! Passando por seus dedos
Dóe mais a dor... os risos são mais ledos...
O amor é mais do céu...



Rebenta o *ouro* desta fronte aceza !
O artista corrigio a natureza !
O alchimista venceu ?

Então surges, Actor ! e do proscenio
Atiras as moedas do teu genio
A's pasmas multidões.
Prodigo enorme ! a tua enorme esmola
Cunhada pela effigie tua rola
Nos nossos corações.

Por isso agora, no teu almo dia,
Vieram dando as mãos a Poesia
E o povo, bem o vês.
Como nos tempos d'essa Roma antiga
Aos pés d'esse outro Augusto a plebe amiga
Atirava laureis...

Augusto ! E o nome teu não se desmente
O diadema real na vasta frente
Cinges... eu bem o sei !
Mandas no povo deste novo Latio...
E os poetas repetem como Horacio :
« Salve ! Augusto ! Rei ! »

S. Paulo, Outubro, 1868.



OS ANJOS DA MEIA NOITE

PHOTOGRAPHIAS

I

Quando a insomnia, qual livido vampiro,
Como o archanjo da guarda do sepulchro,
Vela á noite por nós,
E banha-se em suor o travesseiro,
E além geme nas franças do pinheiro
Da brisa a longa voz...

Quando sangrenta a luz no alampadario
Estala, cresce, expira, após resurge,
Como uma alma a penar,
E canta aos guizos rubros da loucura
A febre—a meretriz da sepultura—
A rir e á soluçar...



Quando tudo vacilla e evapora,
Muda e se anima, vive e se transforma,
Cambaleia e se esvae...
E da sala na magica penumbra
Um mundo em trevas rapido se obumbra...
E outro das trevas sae...

.....

Então...nos brancos mantos que arregaçam
Da meia noite os Anjos alvos passam
Em longa procissão !
E eu murmuro ao fital-os assombrado :
São os Aujos de amor de meu passado
Que desfilando vão...

Almas, que um jia no meu peito ardente
Derramastes dos sonhos a semente,
Mulheres que eu amei !
Anjos louros do céu ! virgeus serenas !
Madonas, Cherubins ou Magdalenas !
Surgi ! apparecei !

Vinde, phantasmas ! Eu vos amo ainda ;
Acorde-se a harmonia á noite infiuda
Ao roto bandolim...

.....

E no ether, que em notas se perfuma,
As visões s'alteando uma por uma...
Vão desfilando assim !



1.ª SOMBRA

MARIETA

Como o genio da noite, que desata
O véo de rendas sobre a espada núa,
Ella solta os cabellos... Bate a lua
Nas alvas dobras do lençol de prata...

O seio virginal, que a mão recata,
Embalde o prende a mão... cresce fluctua...
Sonha a moça ao relento... Além na rua
Preludia um violão na serenata... !

... Furtivos passos morrem no lagedo...
Resvala a escada do balcão discreta...
Matam labios os beijos em segredo...

Affoga-me os suspiros, Marietta !
Oh surpresa ! oh pallor ! oh pranto ! oh medo !
Ai ! noites de Romeu e Julieta.



2.^a SOMBRA

BARBORA

Erguendo o calix, que o Xerez perfuma,
Loura a trança, alastrando-lhe os joelhos,
Dentes niveos em labios tão vermelhos,
Como boiando em purpurina espuma :

Um dorso de Walkiria... alvo de bruma,
Pequenos pés sob infantis artelhos,
Olhos vivos, tão vivos, como espelhos,
Mas como elles também sem chama alguma ;

Garganta de um palor alabastrino,
Que harmonias e musicas respira...
No labio—um beijo... no beijar—um hymno ;

Harpa eolia á esperar que o vento a fira....
—Um pedaço de marmore divino...
E' o retrato de Barbora—a Hetaira.



3. SOMBRA

ESTHER

Vem ! no teu peito callido e brilhante
O nardo oriental melhor transpira !...
Enrola-te na longa cachemira,
Como as Judias moies do Levante.

Alva a clamyde aos ventos—roçagante...
Tumido o labio, onde o psalterio gira...
O' musa. de Israel ! pega da lyra...
Canta os martyrios de teu povo errante !

Mas não... brisa da patria além revôa,
E ao de lambe-lhe o braço de alabastro,
Fallou-lhe de partir... e parte... e vôa...

Qual nas algas marinhas desce um astro...
Linda Esther ! teu perfil se esváe... s'escôa...
Só me resta um perfume...um canto...um rastro.



4. SOMBRA

FABIOLA

Como teu riso dóe...como na treva
Os lemures respondem no infinito ;
Tem o aspecto do passaro maldito,
Que em sanie de cadaveres se ceva !

Filha da noite ! A ventania leva
Um soluço de amor pungente, afilicto...
Fabiola! E' teu nome...Escuta...é um grito,
Que lacerante para os céus s'eleva !...

E tu folgas, Bacchante dos amores,
E a orgia, que a mantilha te arregaça,
Enche a noite de horror, de mais horrores...

E' sangue, que referve-te na taça !
E' sangue, que bórrija-te estas flôres !
E' este sangue, é meu sangue...é meu...Desgraça!



5.^a E 6.^a SOMBRAS

CANDIDA E LAURA

Como no tanque de um palacio mago,
Dous alvos cysnes na bacia liza,
Como nas agoas, que o barqueiro friza,
Dous nenuphars sobre o azul do lago,

Como nas hastes em balouço vago
Dous lyrios rôxos, que acalenta a briza,
Como um casal de juritys, que piza
O mesmo ramo no amoroso affago...

Quaes dous planetas na serulea esphera,
Como os primeiros pampanos das vinhas,
Como os renovos nos ramaes da hera,

Eu vos vejo passar nas noites minhas,
Creanças, que trazeis a primavera...
Creanças, que lembraes-me as andorinhas...



7.ª SOMBRA

DULCE

Se houvesse ainda talisman bemdicto
Que dêsse ao pantano — a corrente pura,
Musgo — ao rochedo, festa — á sepultura,
Das aguias negras — harmonia ao grito...

Se alguém pudesse ao infeliz precito
Dar logar no banquete da ventura...
E trocar-lhe o velar da insomnia escura
No poema dos beijos — infinito...

Certo... serias tu, donzella casta,
Quem me tomasse em meio do Calvario
A cruz de angustias, que o meu ser arrasta !...

Mas se tudo recusa-me o fadario,
Na hora de expirar, ó Dulce, basta
Morrer beijando a cruz de teu rosario !...



8.ª SOMBRA

ULTIMO PHANTASMA

Quem és tu, quem és tu, vulto gracioso,
Que te elevas da noite na orvalhada ?
Tens a face nas sombras mergulhada...
Sobre as nevoas te libras vaporoso...

Baixas do céu n'um vôo harmonioso !
Quem és tu, bella e branca desposada ?
De laranjeira em flôr a flôr nevada
Cerca-te a fronte, ó ser mysterioso !

Onde nos vimos nós?... E's tu d'outra esphera ?
E's o ser que eu busquei do sul ao norte...
Por quem meu peito em sonhos desespera ?

Quem és tu ? Quem és tu ? — E's minha sorte !
E's talvez o ideal que est'alma espera !
E's a gloria talvez ! Talvez a morte !...

Santa Izabel, Agosto de 1870.

O HÓSPEDE

Choro por ver que os dias passam breves
E te esqueces de mim quando te fôres ;
Como as brisas que passam doudas leves,
E não tornam atraz a ver as flôres.

(Theophilo Braga)

« Onde vaes estrangeiro? Porque deixas
O solitario albergue do deserto ?
O que busca além dos horisontes ?
Porque transpor o pincaro dos montes,
Quando podes achar o amor tão perto !...

« Pallido moço ! Um dia tu chegaste
De outros climas, de terras bem distantes...
Era noite !... A tormenta além rugia...
Nos abetos da serra a ventania
Tinha gemidos longos, delirantes.

« Uma bosina restruge no vale
Junto aos barrancos onde geme o rio...
De teu cavallo o gallop ar soava,
E teu cão ululando replicava
Aso surdos roucos do trovão bravio.



« Entraste ? A loura chama do brazido
Lambia um velho cedro crepitante,
Eras tão triste ao lume da fogueira...
Que eu derramei a lagrima primeira
Quando enchuguei teu manto gottejante ?

« Onde vaes, estrangeiro ? Porque deixas
Esta infeliz, miserrima cabana ?
Inda as aves te afagam do arvoredado...
Se quizeres... as flôres do sylvedo
Verás inda nas tranças da serrana.

« Queres voltar a este paiz maldicto
Onde a alegria e o riso te deixaram ?
Eu não sei tua historia... mas que importa ?...
Boia em teus olhos a esperança morta
Que as mulheres de lá te apunhalaram.

« Não partas, não ! Aqui todos te querem !
Muihas aves amigas te conhecem.
Quando á tardinha volves da colina,
Sem receio da longa carabina,
De lagedo em lagedo as corças descem !

« Teu cavallo nitrindo na savana
Lambe as humidas grammas em meus dedos
Quando a *fanfarra* tocas na montanha
A matilha dos echos te acompanha
Ladrando pela ponta dos penedos.



« Onde vaes, bello moço ? Se partires
Quem será teu amigo, irmão e pagem ?
E quando a negra insomnnia te devora,
Quem na guitarra que suspira e chora
Ha—de cantar-te seu amor selvagem ?

« A choça do desterro é nua e fria !
O caminho do exilo é só de abrolhos !
Que familia melhor que meus desvellos ?
Que tenda mais subtil que meus cabellos
Estrellados no pranto de teus olhos ?

« Estranho moço ! Eu vejo em tua fronte
Esta amargura atroz que não tem cura.
Acaso fulge ao sol de outros paizes,
Por entre as balsas de cheirosos lyzes,
A esposa, que tua alma assim procura ?

« Talvez tenhas além servos e amantes,
Um palacio em lugar de uma choupana,
E aqui só tens uma guitarra e um beijo,
E o fogo ardente de ideal desejo,
Nos seios virgens da infeliz serrana !...

No entanto *Elle* partiu ! seu vulto ao longe
Escondeu-se onde a vista não alcança...
... Mas não penseis que o triste forasteiro
Foi procurar nos lares do estrangeiro
O phantasma se quer de uma esperanza !

Curralinho, 29 de Abril de 1870.



AVES DE ARRIBAÇÃO

Pensava em ti nas horas de tristeza,
Quando estes versos pallidos compuz,
Cercavam-se planicies sem belleza,
Pesava-me na fronte um céu sem luz.
Ergue este ramo solto no caminho.
Sei que em teu seio asylo encontrará
Só tu conheces o secreto espinho
Que dentro d'alma me pungindo está!

(Fagundes Varella.)

Aves é primavera! á rosa! á rosa!

(Thomas Ribeiro.)

I

Era o tempo em que as ageis andorinhas
Consultam-se na beira dos telhados,
E inquietas conversam presentando
Os pardos horisontes carregados...

Em que as rolas e os verdes periquitos
Do fundo do sertão dessem cantando...
Em que a tribu das aves peregrinas,
Os Zingaros do céu formam-se em bando!



Viajar ! Viajar ! A brisa morna
Traz de outro clima os cheiros provocantes,
A primavera desafia as azas,
Voam os passarinhos e os amantes !

II

Um dia *Elles* chegaram. Sobre a estrada
Abriram a tardinha as persianas ;
E mais festiva a habitação sorria
Sob os festões das tremulas lianas.

Quem eram ? Donde vinham ? Pouco importa
Quem fossem da casinha os habitantes,
—São noivos—: as mulheres murmuravam !
E os passaros diziam :—São amantes— !

Eram vozes—que uniam-se co'as brisas !
Eram risos—que abriam-se co'as flores !
Eram mais dous clarões—na primavera !
Na festa universal—mais dous amores !

Astros ! Fallai d'aquelles olhos brandos,
Trepadeiras ! Fallai-lhe dos cabellos !
Ninhos d'aves ! dizei, n'aquelle seio
Como era doce um pipilar d'anhelos !

Sei que ali se ocultava a mocidade...
Que o idyllo cantava noite e dia...
E a casa branca á beira do caminho
Era o asylo do amor e da poesia.



Quando a noite enrolava os descampados,
O monte, a selva, a choça do serrano,
Ouviam-se alongando a paz dos ermos,
Os sons doces, plangentes de um piano.

Depois suave, plena, harmoniosa
Uma voz de mulher se alentava...
E o passaro inclinava-se das ramas
E a estrella do infinito se inclinava.

E a voz cantava o *tremulo* medroso
De uma ideal sentida *bacarola*...
Ou nos hombros na noite desfolhava
As notas petulantes da Hespanhola!

III

As vezes, quando o sol nas matas virgens
A fogueira das tardes ascendia ;
E, como a ave ferida, ensanguentava,
Os pincaros da longa serraia :

Um grupo destacava-se amoroso,
Tendo por tela a opala do infinito,
Dupla estatua do amor e mocidade,
N'um pedestal de musgos e granito.



E embaixo o vale a descantar sandoso
Na cantiga das moças lavadeiras !...
E o riacho a sonhar nas cannas bravas,
E o vento s'embalar nas trepadeiras.

O' crepusculos mortos ! Voz dos ermos !
Montes azues ! Sussurros da floresta !
Quando mais vós tereis tantos affectos
Vicejando comvosco em vossa festa ?...

E o sol poente inda lançava um raio
Do *caçador* na longa carabina...
E sobre a fronte d'*Ella* por diadema
Nascia ao longo a estrella vespertina.

IV

E' noite ! Treme a lampada medrosa
Velando a longa noite do *poeta* ...
Além sobre as cortinas transparentes
Ella dorme... formosa *Julietta* !

Entram pela janella quasi aberta
Da meia noite os preguiçosos ventos
E a lua beija o seio alvitinente
—Flor que abraza das noites aos relentos.



O Poeta trabalha !... A fronte palida
Guarda talvez fatidica tristeza...
Que importa ? A inspiração lhe accende o verso
Tendo por musa—o amor e a natureza !

E como o cactus desabrocha a medo
Das noites tropicaes na mansa calma,
A estrophe entreabre a petala mimosa
Perfumada da essencia de sua alma.

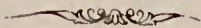
No entanto *Ella* desperta... n'um sorriso
Ensaia um beijo que perfuma a brisa...
... A Casta-diva apaga-se nos montes...
Luar de amor ! acorda-te, Adalgiza !

V

Hoje a casinha já não abre a tarde
Sobre a estrada as alegres persianas
Os ninhos desabaram... no abandono
Murcharam-se as grinaldas de lianas.

Que é feito do viver d'aquelles tempos !
Onde estão da casinha os habitantes ?
... A Primavera, que arrebatava as azas...
Levou-lhe os passarinhos e os amantes !...

Curralinho, 1870.



OS PERFUMES

A. L.

O sandalo é o perfume das mulheres de Stambul, e das houris do propheta ; como as borboletas, que se alimentam do mel, a mulher do Oriente vive com as gottas dessa essência divina.

(J. d'Alencar)

O perfume é o involucro invisível,
Que encerra as formas da mulher bonita.
Bem como a salamandra em chammas vive,
Entre perfumes a sultana habita.

Escrinio avelludado onde se guarda
— Collar de pedras—a belleza esquiva,
Especie de cysalida, onde mora
A borboleta dos salões—a Diva.

Alma das flôres—quando as flôres morrem,
Os perfumes emigram para as bellas,
Trocam labios de virgem por—boninas,
Trocam lyrios—por seios de donzellas !



E alli—sylphos travessos, traíçoeiros
Voam cantando em languido compasso,
Occultos nesses calices macios
Das covinhas de um rosto ou d'um regaço.

Vós, que não entendeis a lenda occulta,
A linguagem mimosa dos aromas,
De Magdalena a urna olhaes apenas
Comò um primor de orientaes redomas.

Enão vêdes que alli na mirrha e nardo
Vai toda a crença da Judia loura...
E que o oleo, que lava os pés do Christo,
E' uma resa tambem da peccadora.

Por mim eu sei que ha confidencias ternas,
Um poema saudoso, angustiado,
Se uma rosa de ha muito emmurçhecida,
Rola acaso de um livro abandonado.

O espirito talvez dos tempos idos
Desperta alli como insensivel nume...
E o poeta murmura suspirando :
« Bem me lembro... era este o *seu* perfume ! »

E que segredo não revela acaso
De uma mulher a predilecta essencia ?
Ora o cheiro é lascivo e provocante !
Ora casto, infantil, como a innocencia.



Ora propala os sensuaes anceios
D'alcova de Ninon ou Margarida ;
Ora o misterio divinal do leito,
Onde sonha Cecilia adormecida.

Aqui, na magnolia de Celuta
Lambe a solta madeixa, que se estira.
Unge o bronze do dorso da caboc'la,
E o marmore do corpo da Hetaira.

E' que o perfume denuncia o espirito
Que sob as fórmas feminis palpita . .
Pois como a salamandra em chamma vive,
Entre perfumes a mulher habita.

Curralinho, 21 de Janeiro de 1870.

— 1875 —



IMMENSIS ORBIBUS ANGUIS

Sibila lambebant linguis vibrantibus ora.
(*Virgílio.*)

I

Resvala em fogo o sol dos montes sobre a espalda,
E lustra o dorso nú da índia americana...
Na selva zumba em tanto o insecto de esmeralda,
E pousa o colibri nas flores da liana.

Ali—a luz cruel, a calmaria intensa !
Aqui—a sombra, a paz, os ventos, a cascata...
E a pluma dos bambús a tremular imensa...
E o canto de aves mil... e a solidão... e a matta...

É a hora em que fugindo aos raios da esplanada,
A Indígena, a gentil matrona do deserto,
Amarra aos palmeiras a rede mosqueada,
Que, leve como um berço, embala o vento incerto...



Então ella abandona-lhe ao beijo apaixonado
A perna a mais formosa—o corpo o mais macio,
E, as palpebras cerrando, ao filho bronzeado
Entrega um seio nú, moreno, luzidio.

Porém dentre os espátos esguios do coqueiro,
Do verde gravatá nos cachos reluzentes,
Enrosca-se e deslisa um corpo surrateiro
E desce de vagar pelos cipós pendentes.

E desce... e desce mais... á rêde já se chega...
Da indie nos cabellos a longa cauda some...
Horror! aquelle horror ao peito eis que se apegal
A baba—quer o leite ! —A chaga sente fome !

O veneno—quer mel !—A escama quer a pelle!
Quer o almiscar—perfume !— O immundo quer o bello !
A lingua do reptil,—lambendo o seio imbelles...
Uma *cobra*—por filho... Horrivel pesadelo !...

II

Assim minh'alma, assim um dia adormeceste
Na floresta ideal da ardente mocidade...
Abria a phantasia—a petala celeste...
Zumbia o sonho d'ouro em doce obscuridade...

Assim, minh'alma deste o seio (ó dor immensa!)
Onde a paixão corria indomita e fremente !
Assim bebeu-te a vida, a mocidade e a crença !
Não boca de mulher... mas de fatal serpentel...

Rio de Janeiro, 13 de Outubro de 1869.



À UMA ACTRIZ

NO SEU BENEFICIO

Branco cysne, que vogavas
Das harmonias no mar,
Pomba errante de outros climas,
Viestes aos cerros pousar.
Inda bem. Sob os palmares
Na voz do condor, dos mares,
Das serranias, dos céus...
Sente o homem,—que é poeta,
Sente o vate—que é propheta,
Sente o propheta—que é Deus.

Ha alguma cousa de grande
Deste mundo na amplidão,
Como que a face do Eterno
Palpita na criação...
E o homem que olha o deserto,
Diz consigo : « Deus 'stá perto
Que a grandeza é o Creador. »
E, sob as paternas vistas,
Larga redeas ás conquistas,
Pede as azas ao condor.



Inda bem. A gloria é isto...
E' ser tudo... é ser qual Deus...
Agitar as selvas d'alma
Ao sopro dos labios teus...
Dizer ao peito— suspira !
Dizer á mente—delira !
A gloria inda é mais : E' ver
Homens, que tremem—se tremes !
Homens que gemem—se gemes !
Que morrem—se vás morrer !

A gloria é ter com o tridente
Refreada a multidão,
—Oceano de pensamento
Que tu agitas co'a mão,
Montanha feita de idéas,
Que sustenta as epopéas
Que é do genio pedestal !
Harpia immensa feita de almas,
Que rompem hymnos e palmas,
Ao teu toque divinal.

Mas esqueceste .. Não basta
« Chegar, olhar e vencer »
Do genio a maior grandeza
O ser divino é soffrer.
Diz !... quando ouves a torrente,
Do enthusiasmo na enchente
Vir espumar-te laureis ;
N'est'hora grande não sentes
Longe os silvos das serpentes,
Que tentam morder-te os pés ?

Inda é a gloria—rainha
Que jamais caminha só
Ai ! Quem sobe ao Capitolio
Vai precedido do pó.
Porém tu zombas da inveja...
Se á noite o raio lampeja
Tu fazes delle um clarão !
Pela tormenta embalada
Ao som da orchestra arroubada
Vaes te perder n'amplidão.

Recife, 27 de Setembro de 1866.

~~_____~~



CANÇÃO DO BOHEMIO

RECITATIVO DA « MEIA HORA DE CYNISMO »

COMEDIA E COSTUMES ACADEMICOS

MUSICA DE EMILIO DO LAGO

Que uoite fria ! Na deserta rua
Tremem de medo os lampeões sombrios.
Densa *garôa* faz fumar a lua
Ladram de tédio vinte cães vadios.

Nini formosa ! porque assim fugiste ?
Em balde o tempo á tua espera conto.
Não vês, não vês ?... Meu coração é triste
Como um calouro quando leva *ponto*.

Á passos largos eu percorro a sala
Fumo um cigarro, que fitei na *escola*...
Tudo no quarto de Nini me falla
Em balde fumo... tudo aqui me *amola*.



Diz-me o relógio *cynicando* á um canto
« Onde está ella que não veio ainda ? »
Diz-me a poltrona « porque tardas tanto ? »
Quero aquecer-te, rapariga linda. »

Em vão a luz da crepitante vela
De Hugo clarêa uma canção ardente ;
Tens um idyllo—em tua fronte bella...
Um dythirambo—no teu seio quente...

Pego o compendio... inspiração sublime
P'ra adormecer... inquietações tamanhas...
Violei d noite o domicilio, ó crime !
Onde dormia uma nação... de aranhas...

Morrer de frio quando o peito é braza...
Quando a paixão no coração se aninha ! ?...
Vós todos, todos, que dormis em casa,
Dizei se ha dôr, que se compare a minha !...

Nini ! o horror d'este soffrer pungente
Só teu sorriso neste mundo acalma...
Vem aquecer-me em teu olhar ardente...
Nini ! Tu és o *cache-nez* dest'alma.

Deus do Bohemio !... São da mesma raça
As andorinhas e o meu anjo louro...
Fogem de mim, se a *primavera* passa,
Se já nos campos não ha flores de *ouro*...



E tu fugiste, presentindo o inverno,
Mensal inverno do viver bohemio...
Sem te lembrar que por um riso terno
Mesmo eu tomara a *primavera d' premio*...

No entanto ainda do Xerez fogoso
Duas garrafas guardo ali... *Que minas!*
Além de um lado o violão saudoso
Guarda no seio inspirações divinas...

Se tu viesse... de meus labios tristes
Rompera o canto... *Que esperança ingloria!*...
Ella esqueceu o que jurar-lhe vistes
O' Paulicéa, o Ponte-grande, ó Gloria!...

Batem!... Que vejo! Eil-a a final commigo...
Foram-se as trevas... fabricou-se a luz...
Nini! pequei... dá-me exemplar castigo!
Sejam os teus braços... do martyrio a cruz!

S. Paulo, Junho de 1868.

É TARDE!

Olha-me, ó virgem, a fronte!
Olha-me os olhos sem luz!
A pallidez do infortunio
Por minhas faces transluz;
Olha, ó virgem — não te illudas —
Eu só tenho a lyra e a cruz.

(*Junqueira Preire.*)

E' tarde! E' muito tarde!

(*Mont'Alverne.*)

E' tarde! E' muito tarde! o templo é negro...
O fogo—sancto já no altar não arde.
Vestal! não venhas tropeçar nas pyras...
E' tarde! E' muito tarde!

Treda noite! E minh'alma era o sacrario,
A lampada do amor velava emtanto,
Virgem flôr enfeitava a borda virgem
Do vaso sacrosanto;

Quando Ella veio—a negra feiticeira—
A libertina, lugubre bacchante,
Lascivo olhar, a trança desgrenhada,
A roupa gottejante.



Foi minha crença—o vinho dessa orgia,
Foi minha vida—a chamma que apagou-se,
Foi minha mocidade—o toro lubrico,
Minh'alma—o tredo alcouce.

E tu, visão do ceu ! Vens tacteando
O abysmo onde uma luz sequer não arde ?
Ai ! não vás resvalar do chão lodoso..
E' tarde ! E' muito tarde !

Ai ! não queiras os restos do banquete !
Não queiras esse leito conspurcado !
Sabes ? meu beijo te manchara os labios
N'um beijo profanado.

A flôr do lyrio de celeste alvura
Quer da luciola o puído afago...
O cysne branco no arrufar das plumas
Quer o aljofar do lago.

E' tarde ! A rola meiga do deserto
Faz o ninho na moita perfumada...
Rola de amor ! não vás ferir as azas
Na ruina gretada.

Como o templo, que o crime encheu de espanto,
Ermo e fechado ao fustigar do norte,
Nas ruinas dest'alma a raiva geme...
E cresce o cardo—a morte.—



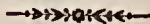
Ciume ! dôr ! sarcasmo ! Aves da noite !
Vós povoais-me a solidão sombria,
Quando nas trevas a tormenta ulula
Um uivo de agonia !

.

É tarde ! Estrella d'alva ! o lago é turvo.
Dançam *fogos* no pantano sombrio.
Pedê a Deus que dos céus as cataratas
Façam do brejo—um rio !

Mas não !... Somente as vagas do sepulchro
Hão de apagar o fogo que em mim arde...
Perdoa-me, Senhora !... Eu sei que morro...
É tarde ! É muito tarde !...

Rio de Janeiro, 3 de Novembro de 1869.



A MEU IRMÃO

Guilherme de Castro Alves

Na cordilheira altíssima dos Andes
Os Chimborazos solitarios, grandes,
Ardem n'aquellas hibernaes regiões.
Ruge embalde e fumega a solfatéra...
E' dos labios sangrentos da cratera
Que a avalanche vacilla aos furacões.

A escoria rubra com os geleiros brancos,
Misturados resvalam pelos flancos
Dos hombros friorentos do vulcão...
.....
Assim, Poeta, é tua vida immensa,
Cerca-te o gelo, a morte, a indiferença...
E são lavas lá dentro o coração.

Curralinho, Julho, 1870.



QUANDO EU MORRER...

Eu morro... eu morro. A matutina briza
Já não me arranca um riso. A fresca tarde
Já não me doura as descoradas faces
Que gelidas se encovam.

(*Junqueira Freire.*)

Quando eu morrer... não lancem meu cadaver
No fosso de um sombrio cemiterio...
Odeio o mausoléu que espera o morto,
Como o viajante d'esse hotel funereo.

Corre nas veias negras d'esse marmore
Não sei que sangue vil de messalina.
A cova, n'um bocejo indiferente,
Abre ao primeiro a bocca libertina.

Eil-a a náu do sepulchro — o cemiterio...
Que povo estranho no porão profundo
Emigrantes sombrios que se embarcam
Para as plagas sem fim do outro mundo.



Tem os fogos — errantes — por santelmo,
Tem por velame os pannos do sudario...
Por mastro — o vulto esguio do cypreste,
Por gaivotas — o mocho funerario...

Ali ninguém se firma a um braço amigo
Do inverno pelas lugubres noitadas...
No tombadilho indiferentes chocam-se
E nas trévas esbarram-se as ossadas...

Como deve custar ao pobre morto
Ver as plagas da vida além perdidas,
Sem ver o branco fumo de seus lares
Levantar-se por entre as avenidas !

Oh ! perguntai aos frios esqueletos
Por que não tem o coração no peito...
E um d'elles vos dirá « Deixei-o á pouco
De minha amante no lascivo leito. »

Outro : « Dei-o a meu pai. » Outro : « Esqueci-o
Nas innocentes mãos de meu fillinho... »
... Meus amigos ! Notai... bem como um passaro
O coração do morto volta ao ninho !...

S. Paulo, Março, 1869.



UMA PAGINA DE ESCOLA REALISTA

DRAMA COMICO EM QUATRO PALAVRAS

A tragedia me faz rir ; a comedia me faz chorar .
E o drama ? Nem rir, nem chorar .

(Pensamento de *Carnioli*.)

SCENARIO

A alcova é fria e pequena
Abrindo sobre um jardim .
A tarde frouxa e serena
Já desmaia para o fim .
No centro um leito fechado
Deixa o longo cortinado
Sobre o tapete rolar . . .
Ha, nas jarras deslumbrantes
Camelias frias, brilhantes
Lembrando a neve polar .

Livros esparsos por terra,
Uma harpa cahida além ;
E essa tristeza, que encerra
O asylo, onde soffre alguém,
Fitas, mascaras e flôres,
Não sei que vagos odores
Fallam de amor e prazer .
Além da frouxa penumbra
Um vulto incerto resumbrá
— O vulto de uma mulher .



Vous, qui volez là-bas, légères hirondelles
Dites-moi, dites-moi, pourquoi vais je mourir.

(*Musset.*)

MARIO (*no leito*)

E' tarde ! é tarde ! Abri-me estas cortinas,
Deixai que a luz me acaricie a fronte !...
O' sol, ó noivo das regiões divinas,
Suspende um pouco a luz neste horisonte !

SILVIA (*abrindo a janella*)

Da noite o frio vento te regela
O morbido suor...

MARIO

Oh ! que me importa ?
A tarde doura-me o suor da fronte...
— Ultimo louro desta vida morta !

Crepusc'lo ! mocidade ! natureza !
Innundai de fulgor meu dia extremo...
Quero banhar-me em vagas de harmonia,
Como no lago se mergulha o remo !

E que amores que sonham as espheras !
A brisa é de volupia um caiafrio.
A estrella sai das folhas do infinito ;
Sai dos musgos o verme luzidio...



Tudo que vive, que palpita e sente
Chama o par amoroso para a sombra...
O pombo arrula — preparando o ninho,
A abelha zumbe — preparando a alfombra.

As trévas rolam como as tranças negras,
Que a Andaluza desmancha em mago enleio;
E entre rendas subtis surge medrosa
A lua plena, qual moreno seio.

Abre-se o ninho... o calice... o regaço...
Amphitrite, corando, aguarda o noivo...

(longa pausa)

E tu também esperas teu esposo,
O' morte ! ó moça, que engrinalda o goivo !

SILVIA (*d meia voz, acompanhando-se na
guitarra*)

Dizem as moças galantes
Que as rôlas são tão amantes...
Pois será ?
Que morrendo-lhe os amantes,
Morrem de fome, arquejantes,
Quem dirá ?

Dizem sabios arrogantes
Que nestas terras distantes,
Não por cá,



Sobre pyras fumegantes,
Morrem viúvas constantes ;
Pois será?

Não creio nos navegantes
Nem nas historias galantes
Que ha por lá.
Fome fogueiras brilhantes
Cá não ha...
Mas inda morrem amantes
De saudades lacerautes ;
Quem dirá?

(aos ultimos harpejos cai-lhe uma lagrima)

MARIO (vendo-a chorar)

Silvia ! Deixa rolar sobre a guitarra,
Da lagrima a harmonia peregrina !
Silvia ! cantando, — és a mulher formosa !
Silvia ! chorando, — és a mulher divina !

Oh ! lagrimas e perolas ! — aljofares,
Que rebentais no interno cataclysmo,
Do oceano — este dedalo insondavel !
Do coração — este profundo abysmo !

Silvia ! dá-me a beber a gotta d'agua,
Nessa palpebra rôxa como o lyrio...
Como lambe a gazella o brando orvalho
Nas largas folhas do deserto assyrio.



E quando est'alma desdobrando as azas
Entrar do céu na região serena,
Como uma estrella eu levarei nos dedos
Teu pranto sideral, ó Magdaleua !...

SILVIA (*tem-se ajoelhado aos pés do leito*)

Meus prantos sirvam apenas
P'ra humedecer teus cabellos,
Como da corça nos vellos
Fresco orvalho á resvalar !
P'ra molhar a flôr que aspiras,
Rolem prantos de meus olhos,
P'ra atravessar os escolhos
Meus prantos manda rolar !...

Meus prantos sirvam apenas
P'ra a terra, em que tu pizares,
P'ra a sêde, em que te abrazares,
Terás meu sangue, Senhor !
Meus prantos são óleo humido
Que eu derramo á tuas plantas...

(*Mario estende-lhe os braços*)

Mas se acaso me levantas
Meus prantos dizem-te amor !...

MARIO (*tendo-a contra o seio*)

Sentir que a vida vai fugindo aos poucos
Como a luz, que desmaia no occidente...
E boiar sobre as ondas do sepulchro,
Como Omphelia nas aguas da corrente...



Sentir o sangue espadanar do peito
— Licôr de morte — sobre a bocca fria.
E meu labio enclugar nos teus cabellos,
Como Rola nas tranças de Maria,

De teus braços fazer o diadema
De minha vida, que desmaia insana,
Esquecer o passado em teu regaço,
Como Byron aos pés da Italiana,

Em teu labio molhado e perfumoso
O licôr entornar de minha vida...
Escutar-te nas vascas da agonia,
Como Fausto as canções de Margarida !...

Eis como eu quero — na embriaguez da morte —
Do banquete no chão pender a fronte...
Inda a taça empunhando de teus beijos
Sob as rosas gentis de Anacreonte !...

(A noite tem descido pouco a pouco; o luar penetrando
pela alcova alumia o grupo dos amantes)

SILVIA

Que pallidez, men poeta,
Se estende na face tua !...

MARIO

São os raios descorados,
Os alvos raios da lua !



SILVIA

Mas um suor de agonia
Teu peito ardente tressúa...

MARIO

São os orvalhos que descem
Ao frio clarão da lua.

SILVIA

Que mancha é esta sangrenta,
Que no teu labio fluctúa ?

MARIO

São as sombras de uma nuvem
Que tolda a face da lua !

SILVIA

Como teus dedos esfriam
Sobre minha espadua nua !...

MARIO (*distrahido*)

Não vês um anjo, que desce,
No frouxo clarão da lua ?...



SILVIA

Mario ? Não vês quem te chama ?...
Tua amante... Silvia... a tua...

MARIO (*desmaiando*)

E' a morte que me leva
N'um frio raio da lua l...

(O poeta cai semi-morto sobre o leito ; no espasmo sua mão
contrahida prendo uma trança da moça)

SILVIA

Teus brancos dedos fecharam
De meu cabelo a madeixa,
Tua amante não se queixa...
Bem vês .. captiva ficou !
Mas não se prende o desejo
Que n'alma acaso se aninha ! !...
Nunca vistes a andorinha,
Que alegre o fio quebrou ?

(*Ouve-se um relógio dar horas*)

Já ! tão tarde ! E embalde tento
Abrir-te os dedos fechados...
Como frios cadeados,
Que o teu amor me lançou,

Porém se aqui me captivas
Minh'alma foge-te azinha...
Nunca vistes a andorinha...
Que alegre o fio quebrou? !...

(*Debruça-se a escrever n'uma carteira*)

« Paulo ! Vem á meia noite...
Mario morre ! Mario expira !
Vem que minh'alma delira
E embalde captiva estou... »

MARIO (*que tem lido por cima de seu hombro*)

Silvia ! a morte abre-me os dedos,
E's livre, Silvia... caminha !

(*morrendo*)

Minh'alma é como a andorinha,
Que alegre o fio quebrou !

1870.



FÉ, ESPERANÇA E CARIDADE

Eram tres anjos — e uma só mulher.

Quando a infancia corria alegre, á tóa,
Como a primeira flor, que na lagôa
Sobre o crystal das aguas se revê,
Em minha infancia reflectiu-se a tua...
Beijei-te as mãos suaves, pequeninas,
Tinhas um palpitar de azas divinas...
Eras — O anjo da Fé — !

Depois eu te revi... Na fronte branca
Radiava entre perolas mais franca
A altiva c'róa, que a belleza trança !...
Sobre os traços da Diva deslumbraute
Ardente, humilde arremessei minh'alma
Por ti sônhei — triumphador — a palma !
O' — anjo da esperança — !



Hoje é o terceiro marco dessa historia,
Calcinado aos relampagos da gloria
Descri do amor, zombei da Eternidade !
Ai, não ! — celeste e peregrina Déa,
Por ti em *rosas* mudam-se os martyrios !
Ha no teu seio a maciez dos lyrios...
Anjo da Caridade !...

Curralinho, 20 de Junho de 1870.



DEUSA INCRUENTA

A IMPRENSA

Do Gremio Litterario

ANTHITHESE A — TERRIBILIS DEA —

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Das cimas do Perú — ás grimpas do Indostan.

Tinha na mão brilhante a trompa bronzeadá !
Vestia o longo veu da vestal inspirada !
Era Pallas talvez !... talvez um serafim !
O albor de Beatriz no imaginar do Dante !
O olhar da Pythonisa em tripode gigante !
Do mundo — Anjo da guarda ! enorme cherubim !...



Ergueu-se !... Olhou de roda os plainos do Universo...
No peito das nações seu braço longo, immerso
Palpou-lhe o estrepitar do estoso coração !...
Genio e santa !... a mulher um grito ergueu profundo,
Abriu braços de mãe p'ra acalentar o mundo,
Azas de Serafim — p'ra abrigar a amplidão.

Rugiram de terror ao ver-lhe o rir sublime...
Os satrapa, o chacal, a tyrannia, o crime...
O abutre, o antro, o mocho, o erro, a escravidão !
Disse a gruta p'ra o céu : « Que Deusa é esta ingente ?! »
O espaço respondeu : « E' a Diva do Occidente !...
A consciencia do mundo ! o Eu da criação ! »

E quando Ella surgiu... — os pólos se abraçaram !
O Zenith e o Nadir — surpresos se escutaram !
O norte — ouviu chorando o soluçar do — Sul !
O abafado estertor do servo miserando
Da Deusa no clarim... gigante reboando
Clamou da terra — verde ao firmamento — azul !...

Uma noite... no chão da Grecia peregrina
A Deusa ajoelhou... da poeira divina
O phantasma de Homero então viram surgir !
— « Ainda viajar ! » diz o velho em assombro...
Quem és ? — « Eu sou teu guia... encosta-te á meu hombro »
— « Então levas-me longe — ? » — « Eu levo-te ao porvir.

No forum collossal da sempiterna Roma
De Cicero a figura apaixonada assoma,
E de novo retumba o verbo atroador...
Tem hoje por tribuna immensa — a Eternidade !
Por forum — o Universo ! E' plebe — a humanidade !
A seus pés — as nações ! os seculos — em redor !



Quando a Bastilha vil tremia desraigada,
E da mole ao sopé soava a martellada,
A catapulta humana, a voz de Mirabeau...
Quando aquelle ideal! — Quasimodo do abysmo,
Se agitava á ullular dos Reis no cataclysmo,
Sineiro, que o rebate aos seculos tocou!...—

Eriçado, feroz, soado, monstruoso,
Magnifico de horror, divino, procelloso...
A deusa se atirou nos braços do titão!
Mas sentindo que o Deus inteiriçado tomba...
Dos thronos co'a madeira — arvora-lhe a hecatomba,
Co'as purpuras dos reis — accende-lhe um clarão!

Seguiu do Child errante o yacht aventureiro...
Beijou-lhe a pallidez ao Lord forasteiro
De Veneza a lasciva — á languida Stambul!
E quando o Lara — inguez expira, o *Pagem louro*
E' ella!... E falla... e aponta o firmamento d'ouro.
Gulnar lembra á Conrado o seu paiz d'azul!...

Quando a Polonia casta — essa Lucrecia nova,
Para fugir á um leito, arroja-se á uma cova...
E mata-se de nojo... aos beijos de um Czar...
Uma actriz funeral surge do negro palco,
Tira á chaga o punhal..., descobre o catafalco...
E deixa sobre a Europa... o ferro gottejar!...

— Amazona sombria — Ella arrebatou o Goethe
Na garupa á funar do tartaro ginete
Pela noite hibernal dos seculos ao sabbat!...
Anjo ás vezes, no céu fatidico revôa,
A bozina de cobre os longos ares trôa...
Ergue-se á meio o chão do escuro Josaphat!...



Salve, Deusa incruenta ! Immensa Divindade !
Barqueira desse mar, chamado — a Eternidade —
Que ás margens do Cocyto embarcas os heróes...
Em prol da humanidade á Deus levas o grito...
Tens os joelhos — na terra ! a boca no infinito !
A meia-lua — aos pés ! na cabelleira — os sóes ! !...

Quando Ella se alteou das brumas da Allemanha,
Alva, grande, ideal, lavada em luz estranha,
Na dextra suspendendo a estrella da manhã...
O espasmo de um fuzil correu nos horizontes...
Clareou-se o perfil dos alvacentos montes
Das cimas — do Perú... ás grimpas do Indostam !...

.....

14 de Outubro de 1870.



NO MEETING

DO

COMITE' DU PAIN

Já que a Terra estacou n'órbita imensa,
Já que tudo mentiu—a gloria ! a crença !
A liberdade ! a cruz !
E o Sysipho dos seculos—assombrado—
Viu rolar-lhe do dorso ensanguentado
O rochedo de luz...

Já que o amor transmudou-se em odio acerbo
Que a eloquencia é o canhão, a bala—o verbo,
O ideal o horror !
E' nos fastos do seculo, os tyrannos
Traçam com a ferradura dos uhlanos
O ciclo do terror ;

Já que igual ao florete de Gemnaro
Um sabre arranca do presente ignaro
Este letreiro—Luz,
Já que a gloria recúa (cousa horrenda !)
E Attila vae de Washington na senda,
E Siva após Jesus ;



Já que á Rosseau succede Machiavello,
Já que a Europa de altar fez-se escabello,
Da guerra meretriz,
Já que o sonho de Canning era falso,
Já que após de abolir-se o cadafalso,
Crucificam Pariz ;

Já que é mentira a voz de—Humanidade—
Já que riscam da Biblia a caridade.
E d'alma o coração...
E a noite da descrença desse feia
E tropeçando em ossos cambaleia
Dos povos a razão !...

.....

Filhos do novo Mundo ! ergamos nós um grito
Que abafe dos canhões o horrisono rugir,
Em frente do oceano ! em frente do infinito !
Em nome do progresso ! em nome de porvir !

Não deixemos, Hebreus, que a dextra dos tyrannos
Manche a Arca ideal das nossas illusões.
A herança de suor vertido em dous mil annos
Ha de intacta chegar ás novas gerações !

Nós que somos a raça eleita do futuro,
O filho que o Senhor amou, qual Benjamim,
Que faremos de nós... se é tudo falso, impuro,
Se é mentira o progresss ! e o erro não tem fim !



Não ! clamemos bem alto á Europa, ao globo inteiro !
Gritemos — liberdade — em face da oppressão !
Ao tyranno dizei — tu és um carniceiro !
E's o crime de bronze — escreva-se ao canhão !

Fallemos de Justiça — em frente á mortandade !
Fallemos de direito — ao gladio, que reluz !
Se elles dizem — rancor — dizei — fraternidade ! —
Se erguem a meia-lua, ergamos nós a cruz.

Digamos á creança — o Mestre ama esta idade — !
Digamos á velhice — honra ás vossas cans — !
Digamos á miseria, á fome e á orphandade
E' vosso o nosso lar... vós sois nossas irmãs.

Digamos á Strasbourg — mereces do Universo !
Digamos... Não ! Silencio em frente de Pariz...
O Amazonas, que leve o nosso pranto immerso
A' gloria das Vestaes ! a herdeira das Judiths.

.....

O' França, dêste a luz, que de teu ser jorrava !
O' França ! acolhe agora em recompensa o pão ;
O Christo no deserto os pães multiplicava,
Faça agora o milagre, ó Christo, o coração !

E se acaso alta noite, em noite de invernada
Em quanto no horisonte a chamma lambe o ar,
Uma debil creança esqualida e gelada,
Por ti, Patria, encontrar abrigo, pão e lar...

Quando aquelle innocente á sós no campo escuro
Abençoar de longe os brasileiros céus...
Sabe que este mevino—é o symbolo do futuro!
E aquella fragil mão...occulta a mão de Deus!...

9 de Fevereiro de 1861.



COUP D'ÉTRIER

E' preciso partir ! Já na calçada
Retinem as esporas do arrieiro ;
Da mula a ferradura taxeadá
Impaciente chama o cavalleiro ,
A espaços ensaiando uma toada
Sincha as bestas o lepidó tropeiro...
Sôa a celeuma alegre da partida,
O pagem firma o lóro e empunha a brida.

Já do largo deserto o sopro quente
Mergulha perfumado em meus cabellos
Ouço da selva a canção cadente
Segredando-me incógnitos anhelos.
A voz dos servos pitoresca, ardente
Falla de amores fervidos, singelos...
Adeus ! Na folha rota de meu fado
Traço ainda um—adeus—ao meu passado.

Um adeus ! E depois morra no olvido
Minha historia de luto e de martyrio,
As horas que eu vaguei louco, perdido
Das cidades no tectrico delirio.
Onde em pantano turvo, apodrecido
D'intimas flores não rebenta um lyrio...
E no drama das noites no prostíbulo
E' martyr—alma... a saturnal—patíbulo !



Onde o Genio succumbe na asphixia
Em meio á turba alvar e zombadora :
Onde Musset suicida-se na orgia,
E Chatterton na fome atterradora !
Onde a luz de uma lampada sombria,
O Anjo da Guarda ajoelhado chora,
Enquanto a cortezá lhe apanha os prantos
P'ra realce dos lubricos encantos !...

Abre-me o seio, ó Madre Natureza !
Regaços da floresta americana,
Acalenta-me a mádida tristeza
Que da vaga dos turbas espadána.
Troca d'est'alma a fria morbidez
N'essa uberrima seiva soberana !...
O *Prodigo*... do lar procura o trillo !
Natureza ! Eu voltei... e eu sou teu filho !

Novo alento selvagem, grandioso
Trema nas cordas desta frouxa lyra,
Dá-me um plectro bizarro e magestoso
Alto como os ramaes da sicupira ;
Cante meu genio o dédalo assombroso
Da floresta que ruga e que suspira,
Onde a vibora lambe a parasita...
E a onça fula o dorso pardo agita !

Onde em calix de flor imaginaria
A cobra de coral rola no orvalho,
E o vento leva a um tempo o canto vario
D'araponga e da serpe de chocalho...
Onde a soidão é o magno estradivario...
Onde ha musculos em furia em cada galho,
E as raizes se torcem quaes serpentes...
E os monstros jazem no hervaçal dormentes.



E se eu devo expirar... se a fibra morta
Reviver já não pode a tanto alento
Companheiro ! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento !...
Da chapada nos ermos... (o que importa ?)
Melhor o inverno chora... e geme o vento.
E Deus para o poeta o céu desata
Semeado de lagrimas de prata !...

Curralinho, 1 de Junho de 1870.



A' MORTE DE CASTRO ALVES

ESPERANÇOSÍSSIMO POETA BRAZILEIRO FALLECIDO
EM JULHO DE 1871, NO VERDOR DA IDADE

Le poete chantait quand sa lyre fidèle
S'echappa tout à coup de sa débile main !

Milleroye (Eleg.)

A' sombra do cypreste elle repotusa !
E a brisa que perpassa em torno á lousa
Murmura o nome seu !
Poeta—despertou cantando amores,
Creança—ao vicejar da vida as flores
Sorrindo adormeceu !

Oh ! deixai-o na paz d'essa ventura...
Elle que foi do berço a sepultura
Tão cercado de luz !
Deixai o sonhador que em doce calma
Foi tranquillo depôr as flores d'alma
Nos braços de uma cruz !



Aguia—um dia arrojada lá da altura,
Vio o mundo atravez da nievoa escura,
De negra cerração.
Voltejou, por instantes, sobre a terra,
Soprou-lhe o vendaval, que a morte encerra,
Perdeu-se no bulcão !

Raio de luz na sombra do mysterio
Semelhou no clarão luzeiro ethereo
Que cedo se apegou !
Inspirado cantor, nos sonhos d'alma
Vio a gloria—tecer do genio a palma
Que a fronte lhe adornou ;

E moço !... no verdor d'essa esperança
Em fria sepultura eis que descança
Seu craneo de vulcão !
E... poeta—expirou cantando amores,
Como o cysne a morrer, que envia as flores
A ultima canção !

.....
.....
.....
.....
.....
.....



Oh ! deixai-o na paz d'essa ventura !
Elle, que foi do berço a sepultura
Tão cercado de luz !
Se a patria n'elle via o seu thesoiro,
Na gloria o nome seu, em letras d'oiro,
Já bem perto reluz !

M. R. P. C.



A' MARGEM DA CORRENTE

Á CASTRO ALVES

Companheiros ! Uma cruz na selva corta
E planta-a no meu tosco monumento !

(*Castro Alves.*)

Eu ouvi-o cantar... o sabiá pousava
Da laranjeira em flôr no verde galho
A margem da corrente !
E que doce gorgeio ?... — á manso e manso
Em murmuro ruido as aguas trepidas
Deslisavam sorrindo ; e na carreira
A prateada esteira colleando,
Pelo formoso valle,
No fremito das auras, no sussurrar
Das folhas seccas, no cifo brando
Do remechar das flôres — parecia
Gemer, gemer com elle !



E o sabiá cantava ! — a endeixa triste
Da veia chrystallina ao som tremente,
Expandia-se ao longe... e as doces notas
— Solução indefinível,
Perdiam-se no ar, como o respiro
Das mattas virgens em manhãs serenas,
Quando na excelsa coma a flôr e as folhas
Tremem, sentindo em lagrymas de orvalho .
Da madrugada os beijos !...
Vinha surgindo a aurora ! — o firmamento,
Em mar de azul, as ardentias d'oiro
Ondulava contente !

Tingindo alegre os largos horisontes
De suave carmin — a luz brotava...
E o sol, o rei altivo do oriente
Tirando o carro dos corseis de fogo
Em purpureos cochins,
A laureada fronte reclinava
Medindo o espaço infindo !

E o sabiá cantava
Na lorangeira em flôr !...
Vagos rumores do cahir das folhas ;
Mysteriosos sons ; brando estalido
Das ramas á quebrar ; frescor das relvas ;
Suaves pios ; bater macio d'azas
Das aves voejando ; echos longinquos
Da recatada selva !... a natureza
Abrindo os olhos humidos de pranto,
Nas pompas de seu leito
Meiga sorria aos canticos festivos
Do despertar do somno !

E a luz subia... e o sabiá cantava
 À margem da corrente !
Dizia a borboleta — eu dou-te os vôos...
As folhas verdes — aqui tens frescura ;
A flôr dos bosques... eis o meu perfume...
Eu sou teu echo — a sonora gruta ;
Sou teu espelho — a límpida corrente — ;
Os anilados céus — guardo teu ninho,
 O sol — vem procurar-me !...
E a flôr, e a borboleta e a folha verde,
E a torrente, e o sol e o céu e a gruta
Eram d'ave inspirada — a immensa orchestra
 No concerto do amor !...

 E o sabiá cantava !...
Na laranjeira o galho estremecia,
Como se o orvalho lhe affagasse as flôres,
Ou aquella voz, nas dulcis harmonias,
 A raiz lhe tocasse...
Depois eu vi-o, as pennas sacudindo,
 Ainda humedecidas
De sereno e de luz, cantando sempre —
Bater... bater as azas anciosas...
Voar... voar... até sumir-se ao longe
 Ultimo som e nota !

Da laranjeira as flôres desfolhadas
No vivo aroma o derradeiro leito
 Cercaram-lhe de incenso...
E a brancura finissima fingia
Dos cantos matinaes a nivea campã !...
 Ouvi... ouvi... ternissima
A extrema nota, repetida ainda...
— Echo saudoso das canções d'outr'ora,
 Nas gemebundas auras !

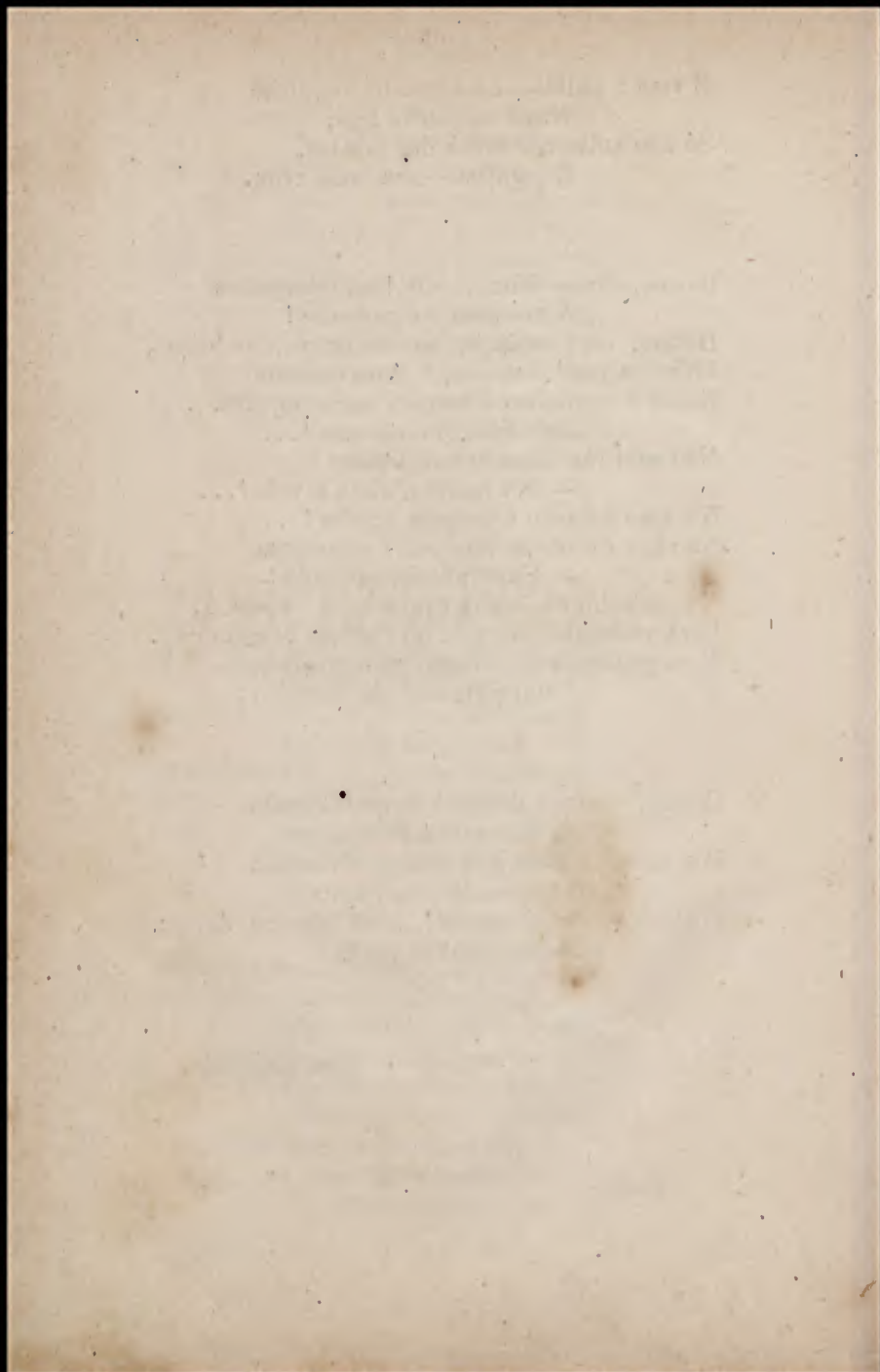


E veio a noite — e na manhã seguinte
Novo sol, nova luz;
Só não voltara o sabiá das mattas,
E o galho — era uma cruz.

Dorme, dorme feliz... Oh ! não despertes
À margem da corrente !
Dorme, oh ! creança, ao resomnar das brisas,
Filho da luz ! descansa ! Atravessaste
Entre o sepulchro e berço a terra ingrata,
Mais feliz do que nós !...
Não sentirás nesse areial deserto
— Na morte d'alma a vida !...
No vivo coração a propria tumba !...
Não has de vêr as lagrymas estanques
— Supplicio da saudade !
E a cada hora — uma illusão que vae-se...
Para não mais voltar... oh ! nunca... e nunca...
Nem pedirás a inspiração de um sonho
À um punhado de terra !...

Dorme, creança dorme ! os que ficaram
— Á sombra do caminho,
Por entre os laranjaes sentem chorando
O aroma de teus cantos !
Foste do sonho á morte !... oh ! dorme, dorme,
Talvez sonhes ainda.

José Bonifacio.



SUPPLEMENTO Á QUINTA EDIÇÃO





VOZES D'AFRICA

Deus ! ó Deus, onde estás que não respondes ?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes
 Embuçado nos céus ?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus ?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
 Infinito galé !...
Por abutre — me déste o sol ardente,
E a terra de Suez — foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
 E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dôr poreja
Quando o chicote do *simun* dardeja
 O teu braço eternal.



Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda—tem os cimos do Hymalaya...
O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de coraes...
A brisa de Mysore o céu inflamma ;
E ella dorme nos templos do Deus Brahma,
 Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezan.
Artista—córta o marmor de Carrára ;
Poetisa—tanje os hymnos de Ferrara
 No glorioso afan !...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...
Ora uma *c'rôa*, ora o *barrêlle-phrygio*
 Enflora-lhe a cerviz.
O universo após ella—doudo amante—
Segue captivo o passo delirante
 Da grande meretriz.

.....

Mas eu Senhor !... Eu, triste abandonada
Em meio das arêas esgarrada,
Perdida marchô em vão !
Si choro... bebe o pranto a arêa ardente ;
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
Não descubras no chão !

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abraçador...
Quando subo ás Pyramides do Egypto
Embalde aos quatro céus chorando grito :
« Abriga-me, Senhor !... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vélo a cabeça no areal que volve
O sirôco feroz...
Quando eu passo no Sáhara amortalhada...
Ai ! dizem : « Lá vai a Africa embuçada
No seu branco albornoz... »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja o Sphinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante
E o camello monotono, arquejante,
Que desce do Ephraim...



Não basta inda de dôr, ó Deus terrível ? !...
E' pois teu peito eterno, inextinguível
De vingança e rancor ? !...
E o que é que fiz, Senhor ? ! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Ten gladio vingador !...

Foi depois do *diluvio*... Um viajante
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...
E eu disse ao peregrino fulminado :
« Chan, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá !... »

Desde esse dia, o vento da desgraça,
Por meus cabellos ululando, passa
O anathema cruel ;
As *tribus* erram do areal nas vagas,
E o *Nomada* faminto corta as plagas
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir—Judeu maldito—
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arrebatada
Amestrado falcão !...

Christo ! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original ;
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos—alimaria do Universo...
Eu—pasto universal...

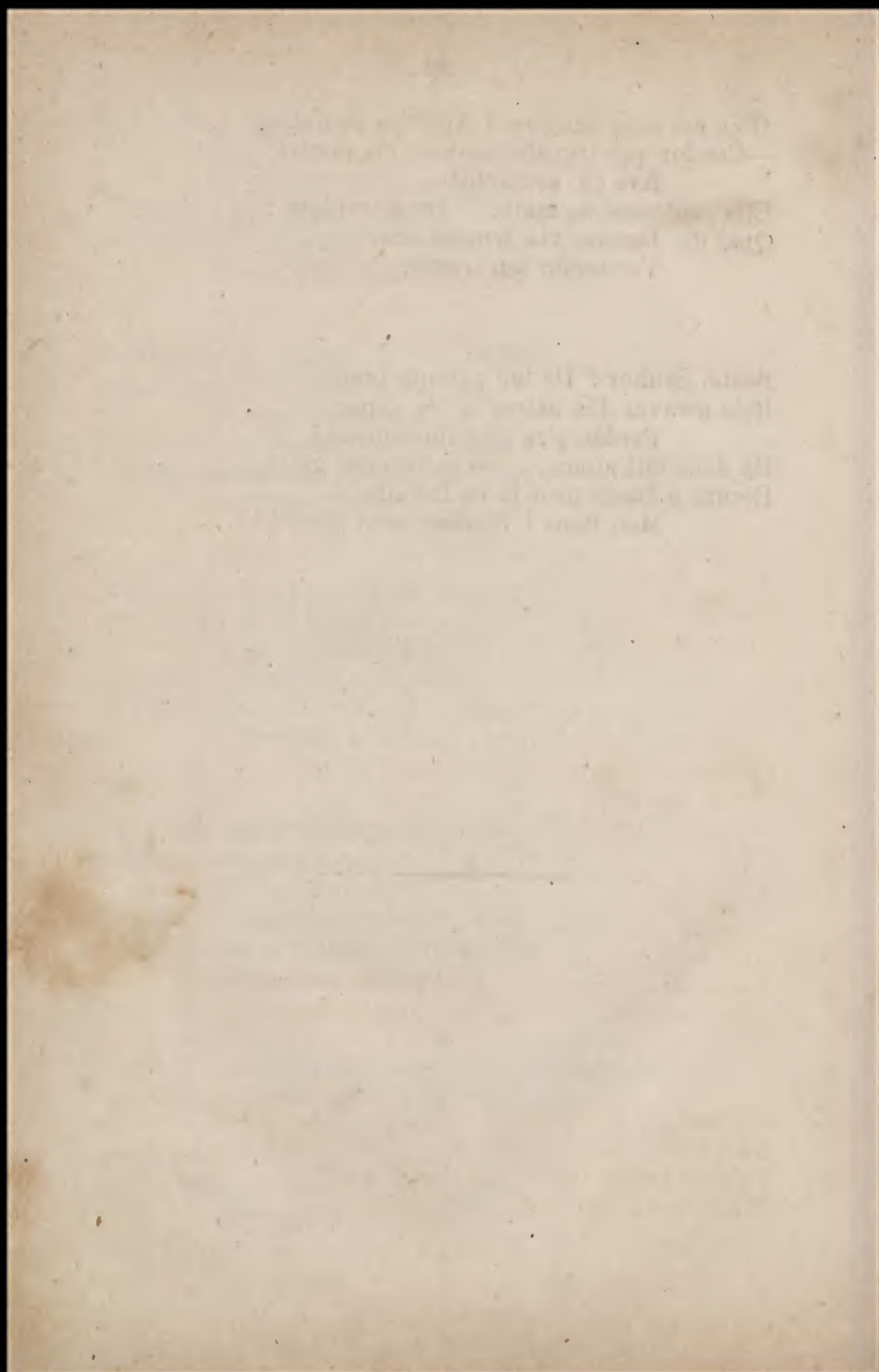


Hoje em meu sangue a America se nutre
—Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.

Ella juntou-se ás mais... irmã traidora !
Qual de José os vis irmãos outr'ora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor ! De teu potente braço
Role atravez dos astros e do espaço
Perdão p'ra os crimes meus !
Ha dous mil annos... eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito...
Meu Deus ! Senhor, meu Deus !!!...





NAVIO NEGREIRO

(TRAGEDIA NO MAR)

'Stamos em pleno mar !... Doudo no espaço
Brinca o luar—dourada borboleta ;
E as vagas após elle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta !

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
— Constellações do liquido thesouro !...

'Stamos em pleno mar !... Dous infinitos
Alli se estreitam num abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes !...
Qual dos dous é o céu ?... Qual o Oceano ?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre à flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas !

D'onde vem ? onde vai ? Das naus errantes
Quem sabe o rumo, si é tão grande o espaço !
Neste sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço !...

Bem feliz quem alli póde nest'hora
Sentir d'este painel a magestade !...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céu— a immensidade !

Oh ! que doce harmonia traz-me a brisa !
Que musica tão suave ao longe sôa !
Meu Deus ! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando á tôa.

Homens do mar ! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos !
Crianças que a procella acalentára
No berço d'estes pelagos profundos !

Esperai ! Esperai !... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia ;
Orchestra— é o mar que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas asscibia !...

Porque foges assim, barco ligeiro ?
Porque foges do pavido poeta ?
Oh ! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semelhas no mar—doudo cometa !

Albatroz ! Albatroz ! aguia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço !...
Albatroz ! Albatroz ! dá-me estas azas !...



II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano !
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano
Como o teu, mergulhar no brigue voador !...
Mas que vejo eu ahí ?!... que quadro d'amargura !
Que funereò cantar !... que tetricas figuras !...
Que scena infame e vil, meu Deus ! meu Deus, que horror !

III

Era um sonho dantesco !... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
Em sangue a se banhar !...
Tinir de ferros, estalar do açoute...
Legiões de homens negros como a noite
Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás têtas
Magras crianças, cujas boccas pretas
Rega o sangue das mãis :
Outras, moças, mas nuas e espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas
Em ancia e magoa vãs !

E ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda fantastica serpente
Faz doudas espiraes...
Si o velho arqueja... si no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
E vôam mais e mais !...

Preza nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança alli !
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro que de martyrios embrutece
Cantando, geme e ri !...

No entanto, o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fundo entre os densos nevoeiros :
« Vibrai riço o chicote, marinheiros !
Fazei-os mais dansar !... »

'E ri-se a orchestra, ironica e estridente !
E da ronda fantastica a serpente
Faz doudas espiraes
Qual num sonho dantesco as sombras voam !...
Gritos, ais, maldições, preces resoam !...
E ri-se Satanaz !

IV

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Si é mentira... si é verdade
Tanto horror perante os céus ?!
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noites ! tempestades !
Rolai das immensidades !
Varrei os mares, tufão !...



Que importa do nauta o berço ;
D'onde é filho, qual seu lar ?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar !
Cantai ? que a morte é divina !
Resvala o brigue á bolina ,
Como golphinho veloz.
Preza ao mastro da mezena,
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após !...

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langôr,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor !
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
—Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão !

O Inglez,—marinheiro frio
Que ao nascer no mar se achou
(Porque a Inglaterra é um navio, •
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando orgulhoso historias
De Nelson e de Aboukir...
O Francez—predestinado
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir !...

Os marinheiros hellenos
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou ;



Homens que Phydias talhára,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu !...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu !...

Quem são esses desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a furia do algoz !
Quem são ? Si a estrella se cala,
Si a vaga oppressa resvala
Como um cúmplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima —audaz !...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nus ;
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão !...
Hontem simples, fortes bravos...
Hoje miseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão !...

São mulheres desgraçadas,
Como Agar o foi também,
Que sedentas, aquebradas,
De longe... bem longe vêm !
Trazendo com tibios passos
Filhos e algemas nos braços
N'alma—lagrimas e fel !...
Como Agar, soffrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael !



Lá nas areias infindas,
Dos palmeirões no paiz.
Nasceram—crianças lindas,
Viveram—moças gentis !...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véus !
Adeus, ó choça do monte !
Adeus, palmeiras da fonte !
Adeus, amores !... adeus.

Depois o areal extenso !
Depois o oceano de pó !
Depois—no horizonte imenso
Desertos... desertos só !
E a fome, o cansaço, a sede,
Ai ! quanto infeliz que cede !
E cahe pr'a não mais s'erguer !...
Vaga um lugar na cadeia,
Mais o chagal sobre a arêa
Acha um corpo que roer !

Hontem a Serra Leão,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dorimido á tôa
Sob as tendas da amplidão !
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecção, apertado, imundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar !...

Hontem plena liberdade,
A vontade por poder !
Hoje... cum'lo de maldade !
Nem são livres p'ra morrer !



Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão,
E assim zombando da morte
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute !... Irrisão !...

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me, vós, Senhor Deus !
Si é mentira... si é verdade
Tanto horror perante os céus ?!
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão !...

V

Existe um povo que a bandeira empresta
Para cobrir tanta infamia e covardia !...
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de bacchante e fria !...
Meu Deus ! meu Deus, mas que bandeira é esta,
Que impudente na gavea tripudia ?
Silencio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto !...

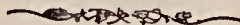
*
* *

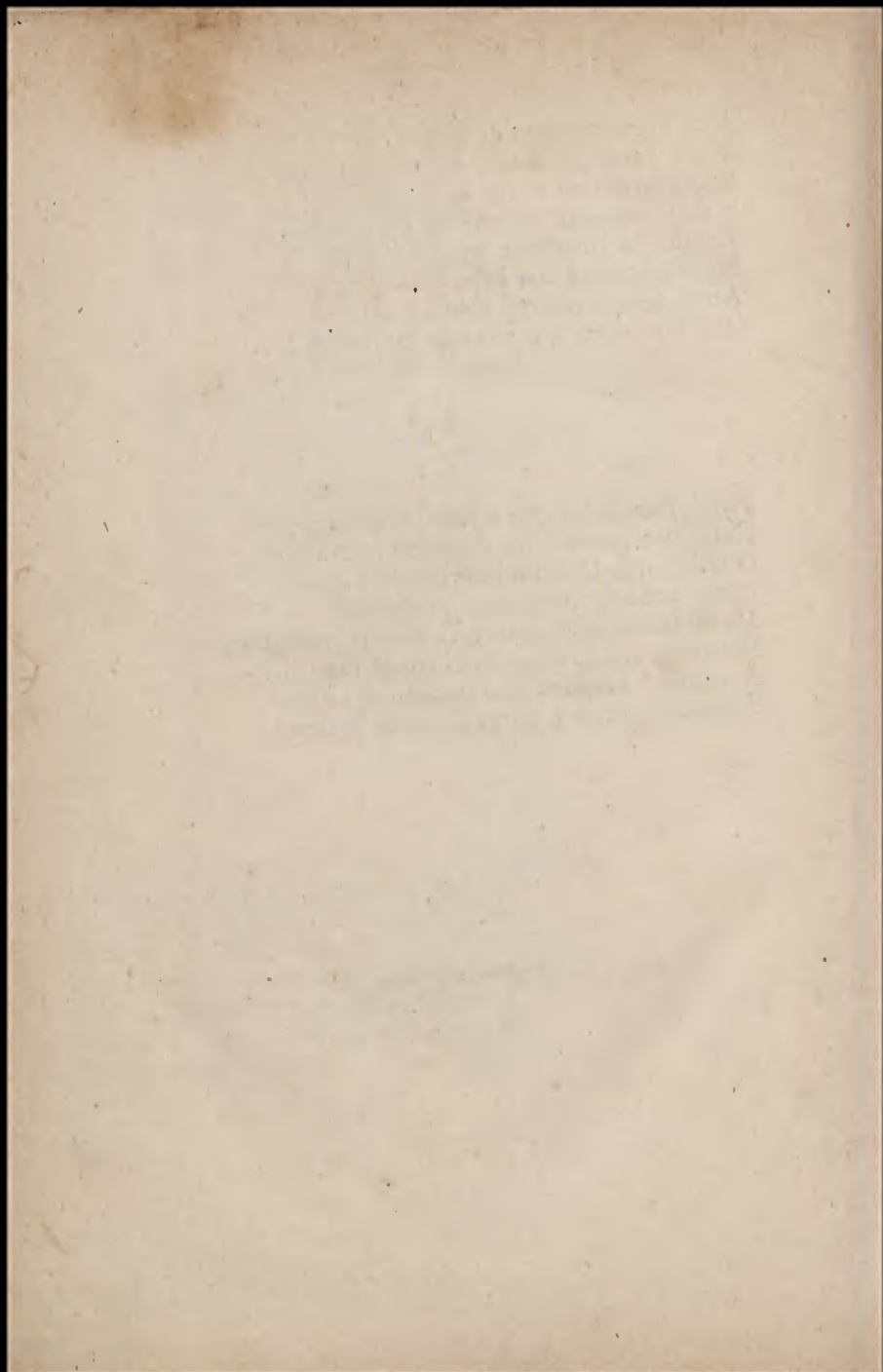


Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha !...

*
* *

Fatalidade atroz que a mente esmaga,
Extingue nesta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélago profundo !
Mas é infamia de mais !... Da etherea plaga
Levantai-vos, heroes do Novo-Mundo !...
Andrada ! arranca esse pendão dos ares !
Colombo ! fecha a porta dos teus mares !





CANTO DA ESCRAVA

Eu sou a pobre captiva,
A captiva de além mar,
Eu vago em terra estrangeira
Ninguém me quer escutar.

Tu que vaes a longes terras,
O' viageira andorinha,
Vae dizer a minha mãe
Que eu vivo triste e sosinha.

Mas diz á pobre que espere,
Que o vento me ha de levar,
Quando eu morrer n'esta terra,
Para as terras de além mar.



AGONIA E GLORIA

Desgraça ! Eis tudo o que resta
Da raça dos Prometheus !
Um mundo sem liberdade !
Um infinito sem Deus !
No dorso das cordilheiras
Batem rijas, agoureiras
As martelladas do algoz :
E' o carrasco negro, immundo,
Pregando o esquife de um mundo
No seu sudario de heróes.

Eil-o sublime por terra,
Qual no occaso é grande o sol,
Fez dos Andes travesseiro,
Do firmamento lençol !—
Condôr soberbo da America,
Morreu, mas na garra iberica
Não sangra um grito de dôr,
E o oceano—cão enorme,
Pergunta se o Brazil dorme,
Uivando aos pés do senhor.



Dormir ! não ! que esses tripudios
São de um povo os funeraes,
Mas ninguém véla-lhe em torno !
Grandes da patria onde estaes ?
Ah ! lá os vejo altanados,
Fortes, soberbos, alçados,
Se erguendo mesmo ao cahir.
Bravo ! bravo ! heróes... olhai-os !
Se tombam são como raios
Que mergulhão no porvir.

Cada qual na hora extrema
Sobre a ossada da nação,
E' como o busto de Hercules
Do incendio ao rubro clarão...
P'ra aqui um vulto se chega,
Na taça a cicuta grega,
Na mão romano punhal,
E's tu Claudio o suicida,
Trocando o andrajo da vida
Pela purpura eternal.

Eil-o, o gigante da praça,
O Christo da multidão,
E' Tiradentes quem passa,
Deixem passar o Titão.
Subio... um raio o fulmina,
Mas tombou na guilhotina,
N'esse throno do Senhor,
Foi como a aguia fulminada
Pela garra pendurada,
Como um trophéu do Thabor.



Longe... por plagas infindas,
Lá onde é de fogo o céu,
Surge do mar uma ilha,
Da ilha um homem se ergueu,
Ao surdo rugir das vagas
Batem-lhe d'alma nas fragas
As ondas do seu pensar...
E o sol que tomba sangrento
E' o adeus, o pensamento,
Que elle nos manda do mar.

Profundo olhar no horisonte,
Ao vento exposta a cerviz,
E' Tasso, olhando Eleonora ?
Dante, fictando Beatriz ?
Lá no rochedo escavado
Quem é o grande desterrado
Maior que Napoleão ?...
Silencio... uma voz sombria
Murmura : Brazil !... Maria !...
E' Gonzaga... Oh ! maldição !



REZAS

Na hora em que a terra dorme
Enrolada em frios véus,
Eu ouço uma reza enorme
Enchendo o abysmo dos céus.

Accendem-se os bentos cirios
Dos vagalumes subtis...
— Ave! — murmuram os lirios!
— Ave! — dizem os coris!

Nos boqueirões ha soluços...
Tem remorso o vendaval...
O mar se atira de braços
Co'a barba pelo areal.

As nuvens, ajoelhadas
Nos claustros, ermos e vãos
Passam, quaes contas douradas
As estrellas — pelas mãos...



A açucena por criança
Junta os dedos... reza... e ri
A palmeira larga a trança,
Reza núa como a huri.

Pelo sipó solitário
Em fio o sereno cae,
Como as bagas do rosario
Da filha que chora o pae.

A ventania que emboca
Pela serra colossal,
E' organista que toca
Nos sifões da cathedral !

Que fanatismos divinos
Nas lapas do campo alvar !
Da onça os olhos felinos
Dizem rezas... ao luar !

Ha luzes phosphorescentes
Accesas pelos marneis...
São as larvas penitentes
Rezando pelos fieis.

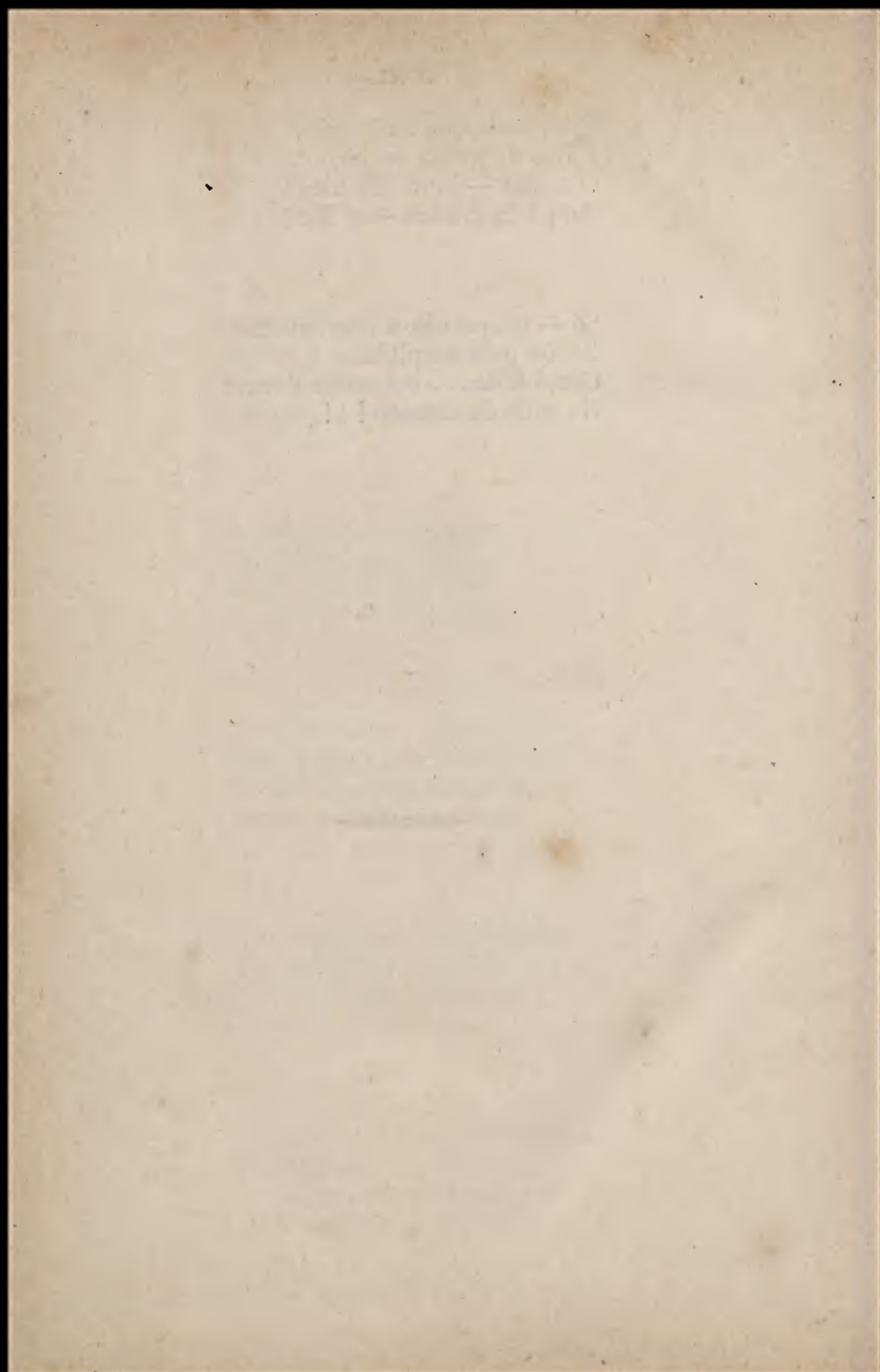
Monstro e anjo a noite grupa
No pedestal da oração...
Quem sabe se a catadupa
Bate nos peitos do chão ?



Reza tudo que tem boca
Cheia de graça ou terror...
O ninho — junto da tóca !
Ao pé da cratera — a flôr !

Só — enquanto a reza enorme
Rebôa pela amplidão,
Como Loth... o homem dorme
No collo da criação !!!





FATALIDADE

Que fatalidade, meu paê!...

(*Alvares de Azevedo.*)

Adeus! adeus! ó meu extremo abrigo!
Adeus! eu digo-te a chorar de dôr!
E' o derradeiro suspirar das crenças
Que se despedem das visões do amor.

Pallido e triste atravessei a vida
Sempre orgulhoso, concentrado e só...
E' que eu sentia que um fadario extranho
Meus sonhos todos reduzia a pó.

Mas tu vieste... E acreditei na vida...
Abri os braços... Caminhei p'ra luz...
E a borboleta da fatal crysalida
Soltou as azas pelos céus azues.

O tronco morto — refflorin de novo
Ergue-se vivo, perfumado em flôr.
Abençoando a primavera amiga...
Ai! primavera de meu sancto amor!



Porém que importa se ha fadarios negros...
Frontes — voltadas do sepulchro ao chão...
Pedras coladas de um abysmo á beira...
Astros sem norte, de cruel clarão!

Quem mostra o trillho ao viajor das sombras?
Quem ergue o morto, que esfriou no pó?
Quem diz á pedra, que não desça ao pego?
Quem segue a estrella desgraçada e só?...

Ninguém!... Na terra tudo vae... gravita
Lá para o poncto que lhe marca Deus.
Os raios tombam — as estrellas sobem!...
Luctar co'a sorte — é combater os céus!

Vae, pois, ó rosa, que em meu seio, outr'ora
Acalentava á suspirar e a rir...
Deixas minha alma como um chão deserto
Vae! flôr virente! mais além florir...

Vae! flôr virente! no rumor das festas,
Entre esplendores como o sol viver;
Emquanto eu subo tropeçando incerto,
Pelo patibulo — que se diz soffrer!

Que resta ao triste, sem amor, sem crenças?
— Seguir a sina... se occultar no chão...
... Mas quando, estrella!... pelo céu voares
Banha-me a lousa de feral clarão.

(*Imprensa Academica* de 22 de Setembro de
1870).



PASSARO VIAJANTE

Pelo infinito errante
Sem norte, sem roteiro
Que buscas pobre passaro viajero ?

A terra está distante
E o manto nebuloso
A noite estende pelo ar saudoso.

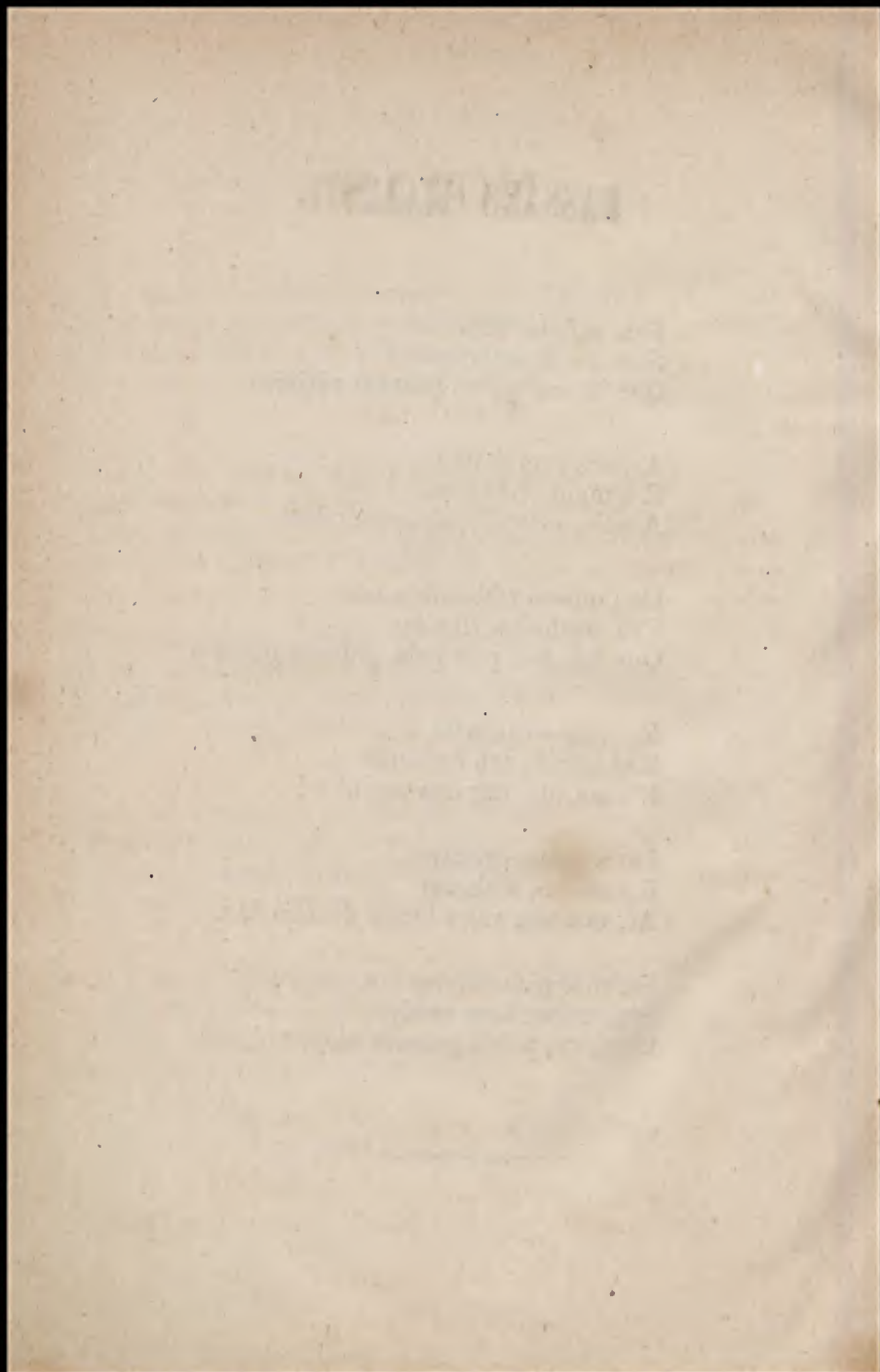
Que queres ? Não deixaste
Teu ninho na ribeira ?
Que buscas, pois pela azulada pheresa ?

E vieste e cansaste...
Mas segues teu caminho
E' sina tua vaguear sosinho !

Levas tantos pezares
E vaes só, a chorar
Ai, tambem vago longe de meu lar.

Errante pelos mares
Sem norte, sem roteiro
Como tu, pobre passaro viajero !...





NOTAS

Prologo

« Era por uma dessas tardes... etc. »

Era por uma dessas noites vagarosas do inverno, em que o brilho de um céu sem lua é vivo e tremulo; em que o gemer das selvas é profundo e longo; em que a soledade das praias e ribas fragosas do oceano é absoluto e tetrico.

(*Eurico* — cap. 4°.)

Ao Dous de Julho

« Riachuelo e Cabrito... etc. »

D'estes nomes, o primeiro (todos o sabem) recorda a mais gloriosa batallia ferida em aguas da America do Sul; o segundo, (menos conhecido talvez) lembra um glorioso feito d'armas dos tempos da Independencia.

A bravura é uma herança nesta nobre terra! E o passado póde repetir ao presente como o D. Diegue de Corneille:

« Montre toi digne fils d'un père tel que moi. »

Sub Tegmine Fagi

« Como no Dante a pallida Francesca. »

Francesca de Rimini é devéras a rosa pallida das estrophes do Inferno Dantesco.



A Maciel Pinheiro

Maciel Pinheiro é um d'estes moços que symbolisam o enthusiasmo e a coragem, a independencia e o talento, nas Academias. Poeta e jornalista o moço estudante, aos reclamos da patria, improvisou-se soldado. Hoje que o tempo e a distancia nos separam é-me grato fallar de um dos mais nobres caracteres que tenho conhecido.

Os Jesuitas

Esta poesia é verso de uma medalha, cujo reverso (— Os Frades —) sahirá talvez em outro livro, que o auctor imagina publicar.

Como quer que seja, talvez fosse mais proprio o titulo de — Apostolo —, estas palavras porém são on foram synonymos na America do Sul. Que o digam Nobrega e Anchieta.

Versos de um Viajante

« Os pyril ampos que trazeis nas coifas etc. »

E' uma graciosa invenção dos « Trabalhadores do mar » onde se lê que « *as moças do Rio de Janeiro assim, á noite parecem trazer estrellas no toucado.* »

Murmurios da tarde

« E como a foice que no chão fulgura

« Mostrava a lua o semicirculo d'oiro, etc. »

Creio ter visto nas « Orientaes » ou algures uma imagem similhante.

As duas ilhas

Victor Hugo escreveu — As duas ilhas — a Napoleão, Ajacio e Santa Helena — berço e tumulo do heróe — justificam o titulo d'essa ode sublime.



Os presentes versos têm por assumpto Jersey e Santa Helena. Hugo e Napoleão — Duas enormes peanhas — para dous enormes vultos.

Ha não sei que similhanças n'estes dous perfis (aliás tão distinctos) que o espirito do pensador os renue n'uma fraternidade logica.

Parece que se Hugo tivesse sido guerreiro chamar-se-hia Napoleão; e que o heróe de Austerlitz — poeta escreveria Lucrecia Borgia. E depois serem genios não é serem irmãos? E depois não é predestinação esta confraternidade de exilio? estes dous mares? estas duas solidões? A Europa os irmanou, arrojando-os do Continente. . a estes dous leprosos... de divindade.

O auctor quiz apenas denunciar a razão de ser d'estes versos, de cujo merito elle nem ousa fallar depois de haver pronunciado taes nomes.

A' meu irmão Guilherme

« Na cordilheira altissima dos Andes etc. »

Lê-se no *Cosmos* de Humboldt :

« Les volcans qui s'élevent au dessus de la limite des neiges perpétuelles, comme ceux de la chaîne des Andes, présentent des phénomènes particuliers, Les masses de neige qui les recouvrent fondent subitement pendant les éruptions et produisent des inondations redoutables, des torrents, qui entraînent pêle-mêle des blocs de glace et des scories fumantes, etc. »

Quando eu morrer

Estes versos foram escriptos quando julgava o auctor repousar em terra estranha.

A febre e soffrimento fizeram que elles ficassem truncados. Completal-os mais tarde seria de alguma sorte tirar-lhes o unico merito, que por acaso têm.

A' margem da corrente

Ao publicar esta formosa poesia, acompanhou-a a *Republica* das seguintes palavras sob o titulo — José Bonifacio e Castro Alves.

« Quando o moço, que teve o segundo d'estes nomes foi á S. Paulo, cursar as aulas de direito, encontrou como mestre e amigo, rival e admirador, aquelle primeiro orador de seu tempo, modelo de honestidade civica e de honradez.

Felizes os que n'aquella terra de tantas tradições ouviram n'uma mesma sala, e uma mesma festa aquelle orador e aquelle poeta !

Além do encanto sentia-se a gente feliz de ser d'esta America e de contemplar os dous astros. E quando os dous cessavam, erguiam-se outros talentos admiraveis, como por exemplo : os de Joaquim Nabuco, Luiz Gama e outros.

D'essas festas só S. Paulo póde, n'estes dias de materialismo, ser o theatro.

.. .. .

Quanto ao pobre Castro Alves, mais feliz talvez, deitou-se para sempre e sonha os sonhos da vida.

Feliz ! A patria, na figura da *Mãe dolorosa*, vela em seu tumulo, e a poesia — ainante Magdalena — o pranteia.

Ferido pela morte de Castro Alves, José Bonifacio aproximou-se á tumba gloriosa, onde elle dorme, o poeta da Republica e disse-lhe o ultimo adeus ! sentido até a lagrima, tocante, como a prece, damol-a á apreciação dos leitores.

E' mais um toque revelador do talento esplendido de José Bonifacio.

O Castro, o pobre Castro, o audaz cantor de Pedro Ivo, certo merecia um canto d'estes. »

FIM DAS NOTAS



INDICE

	Pags.
A' Boa-Vista.....	89
Adormecida.....	69
A' duas flores.....	106
Ahasverus e o genio.....	22
A' Luiz.....	111
A' Maciel Pinheiro.....	44
A' margem da corrente.....	182
A' meu irmão Guilherme de Castro Alves.....	154
A' morte de Castro Alves.....	179
Ao actor Joaquim Augusto.....	120
Ao dous do Julho.....	28
As duas ilhas.....	117
A' uma actriz.....	145
A' uma ostrangeira.....	93
Aves de arribação.....	135
A volta da primavera.....	42
Boa-noite.....	63
Canção do Bohemio.....	148
Coup d'etrier.....	176
Dalila.....	113
Dedicatoria.....	9
Deusa incruenta.....	168
E' tarde.....	151
Fé, Esperança o Caridade.....	166
Hebréa.....	15
Horas de saulade.....	107
Hymno ao somno.....	80
Immensis orbibus anguis.....	143
Jesuitas.....	71
Mocidade e morte.....	25
Murmurios da tarde.....	97
No Album do artista L. C. Amoedo.....	83
No Meeting do Comité du Pain.....	172
Notas.....	217
O adeus de Thereza.....	51
O coração.....	96
Ode ao dous de Julho.....	102
O gon oleiro do amor.....	36
O hospede.....	132
O laço de fita.....	20
O livro e a America.....	11
Onde estás?.....	87
O Phantasma e a canção.....	83
Os Anjos da meia-noite.....	123
Os perfumes.....	140

	Pags.
Os tres amores.....	31
O tonel das Danaldes.....	109
O vôo do genio.....	48
Pedro Ivo.....	53
Pelas sombras.....	100
Poesia e mendicidade.....	75
Prologo.....	5
Quando eu morrer.....	155
Quem dá aos pobres, empresta á Deus.....	17
Saudação a Palmares.....	66
Se eu te dissesse.....	46
Sub tegmine fagi.....	38
Uma pagina da escola realista.....	157
Versos de um viajante.....	85

Supplemento à 5.ª edição

Agonia e Gloria.....	203
Canto da Escrava.....	205
Fatalidade.....	218
Navio Negreiro.....	195
Passaro Viajante.....	215
Rezas.....	209
Vozes d'Africa.....	189

ERRATA

A' pag. 19, penúltima estrophe, lêa-se assim :

Ha duas cousas n'este mundo santas

— O rir do infante, — o descansar do morto...

O berço — é a barca, que encalhou na vida,

A cova — é a barca do siderio porto ..

Etc., etc.

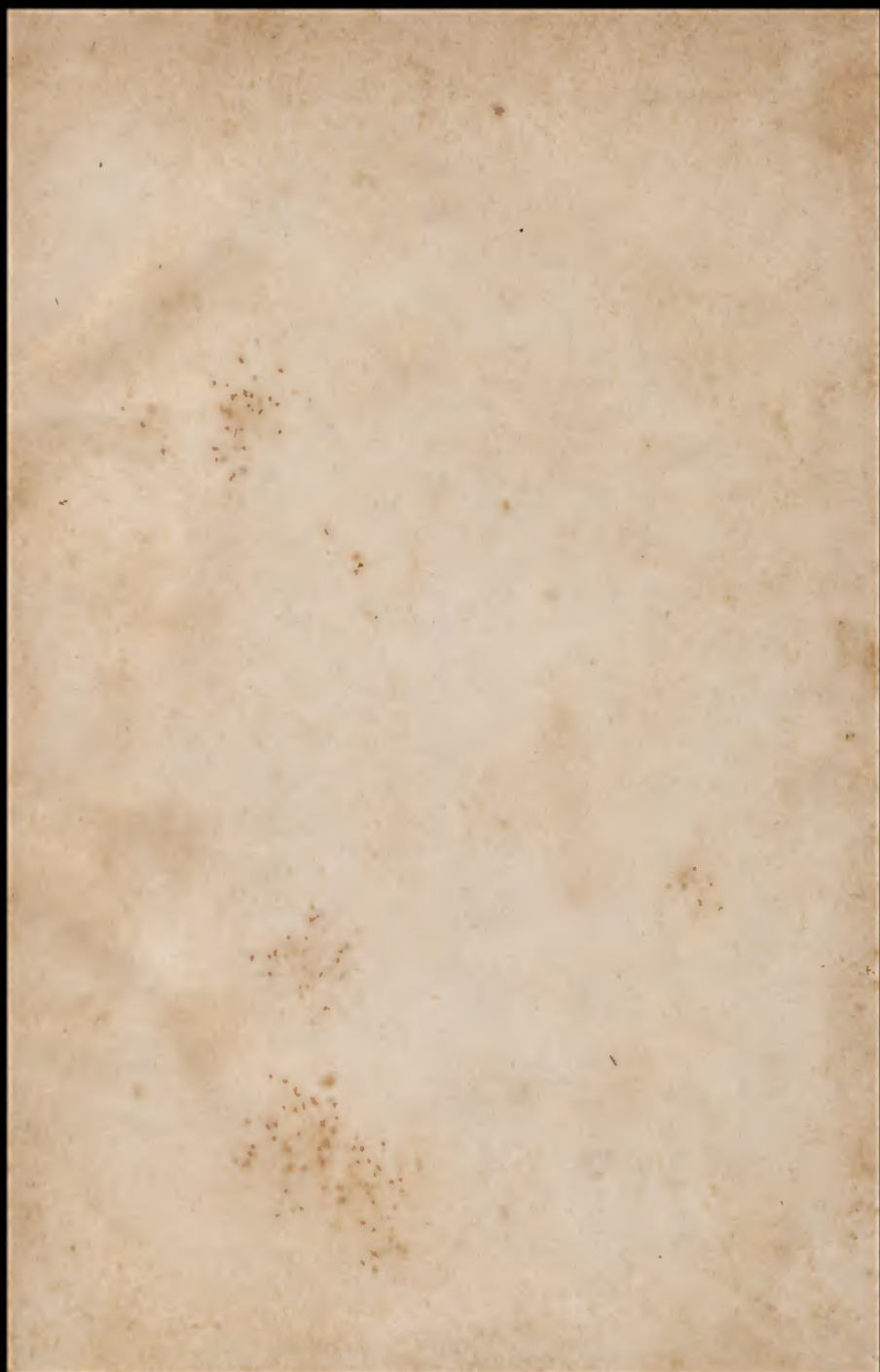
Typ. e lith. de J. D. de Oliveira -- Rua do Ouvidor n. 141

A' VENDA NA LIVRARIA DE CRUZ COUTINHO

RUA DE S. JOSÉ N. 75 — Rio de Janeiro

- Trovador. — Collecção completa de modinhas, recitativos, arias, lundús e outras poesias, 5 vols. enc. 6\$, enc. 8\$000.
- Lyra de Apollo. — Recitativos e poesias dos melhores autores, 2 vols. 2\$000.
- Trovador Brasileiro. — Escolha de lundús e modinhas, 500 rs.
- Collecção do Trovador Brasileiro. — Escolhida collecção de modinhas, 500 rs.
- Puff (o) das Sallas. — Mimosa collecção de recitativos colleccionados por Verissimo do Bomsucesso, 1\$000.
- Vozes da America. — Poesias de Fagundes Varella, nova edição augmentada de 13 poesias 3\$, enc. 4\$000.
- Primaveras de Casimiro de Abreu, 2\$, enc. 3\$000.
- Visão dos Tempos, por Theophilo Braga, 2ª edição com um juizo critico de Pinheiro Chagas, 1\$500 enc. 2\$000.
- Arpejos d'Alma. — Poesias de Verissimo do Bomsucesso, 2\$000.
- Flores do Campo. — Poesias de Ezequiel Freire, 2\$, enc. 3\$000.
- Flores sem cheiro. — Poesias de Ferreira de Menezes, com um juizo critico de Fagundes Varella, 2\$, enc. 3\$000.
- Cantos do Brazil. — Poesias dos principaes poetas brasileiros, 1\$000.
- Poesias Posthumas de Faustilino X. de Novaes 2\$, enc. 3\$000.
- Diario de Lazaro. — Poema de Fagundes Varella, 2\$000.
- Poesias de Faustino X. de Novaes, 3 vols. enc. 9\$000.
- Obras completas de Luiz de Camões, 7 vols. enc. 7\$000.
- Cartas de um Rocioiro, por F. X. de Novaes, 2\$ enc. 3\$000.
- Manta de Retalh-a, por F. X. de Novaes, 2\$, enc. 3\$000.
- O Futuro. — 1 grosso vol. com romances, poesias, estampas e musicas, enc. 7\$000.
- Augusto e Olympia, romance, de Fernandes da Rocha, 2\$000.
- Isabella, lindo romance com recitativos, por F. da Rocha, 2\$.
- Calos. — Romance para homens, 2\$, enc. 3\$000.
- A filha sem mãe, por Gomes de Souza, 2 vols. 5\$, enc. 7\$000.
- Tardes de um pintor, ou as entrigas de um jesuita, 3 vols. 6\$000.
- A Loba. — Romance de Paulo Feval, 3 vols 3\$000.
- Contos Necturnos, por Barbesa Rodrigues, enc. 3\$000.
- O Livro de Orlina, pelo mesmo, 2\$000.
- O Sr. Saint-Roch, por E. Gaboriau, 1\$000.
- Providencia, por Augusto Sarmento, 2\$000.
- A Constituinte perante a historia, por Homem de Mello, 2\$, enc. 3\$000
- Amor e Virtude, romance, enc. 2\$500.
- Contos alegres, por E. Blasco, 2\$, enc. 3\$000.
- Baroneza do Amor pelo Dr. Macedo, 2 vols. 4\$000.
- Os Tribunaes Secretos por Paulo Feval, trad. de M. Pinheiro Chagas, 5 vols. 8\$, enc. 10\$000.
- A Igreja e o Estado, por Ganganelli, 3 vols. enc. 12\$000.
- Homenagem a Taborda, 1 vol. contendo: biographia, retrato e 7 concilias e scenas comicas, 2\$000.
- A Perdição da mulher, por Eschric, 8 vol. 6\$000.
- Echos de Roma, pelo padro Guilherme Dias, 3\$, enc. 4\$000.
- Discursos de Vieira de Castro, 2\$ enc. 3\$000.
- Processo e julgamento de Vieira de Castro, 1\$000.
- Viagem dos Imperadores do Brasil a Europa, 2\$, enc. 3\$000.
- O Libello do Povo, por Timandro, 1\$500.
- O Desengano, por Gomes de Souza, 3\$, enc. 4\$000.
- Os Estroinas de Pariz, por Xavier de Montepin, com estampas, 3\$, enc. 4\$.

O Recambole, por Ponson du Terrail, 95 vols. 25\$000 enc. 40\$000.
 Dramas do Adulterio, por Montepin, 2 vols. 4\$, enc. 5\$000.
 Claridades do Sul, poesias de Gomes Leal, 2\$, enc. 3\$000.
 Os Dramas de Londres por Reynolds, 10 vols. enc. 20\$.
 Os Dramas da Inquisição 2 vols. 4\$, enc. 5\$000.
 Mosalco, collecção de 6 lindos romances. 2\$000.
 O ultimo phantasma por Mery, 2 vols. 1\$500.
 A Promessa Sagrada, romance, 1\$000.
 Scenes de Viagem por S. Dinarte, 2\$, enc. 3\$000.
 Lagrimas do Coração, romance de S. Dinarte, 2\$, enc. 3\$006.
 Innocencia, romance brasileiro por S. Dinarte, 2\$, enc. 3\$000.
 A Amante Anonyma, romance, 1\$000.
 Correspondencia epistolar entre Camillo Castello Branco e Vieira de
 Castro, 2 vols. com 2 retratos, 4\$, enc. 6\$000.
 Mystérios de Anciões, 1 vol. 1\$500.
 Obras do milagroso S. Cypriano, 3 vols. 3\$000.
 Esposa e Mulher, romance, 2\$, enc. 3\$000.
 As Mulheres Perdidas, typos contemporaneos por Léo Junius, 4 vols.
 4\$000.
 Guerra do Paraguay pelo 1º tenente Jourdan, 2\$, enc. 3\$000.
 Memorias de Alberto e Albertina, 2 vols. 3\$000.
 Paqueta, poema de Bulhão Pato, 2\$, enc. 3\$000.
 O Balio de Leça por Arnaldo Gama, 2\$, enc. 2\$500.
 Estudo moral e politico sobre os Lusíadas por J. S. Ribeiro, 3\$000.
 Cantos do Estio, poesias de Vidal, 2\$, enc. 3\$000.
 A Sepultura de ferro por H. Conscience, 2 vols. 1\$500.
 Miniaturas romanticas, 2\$000.
 O Bobo, romance de Herculano, enc. 2\$500.
 O Eurico, por A. Herculano, enc. 2\$000.
 Historia do descobrimento e conquistas da India pelos portuguezes
 por Castanheda, 8 vols. enc. 30\$000.
 Collecção completa das Maximas do Marquez de Maricá, enc. 5\$000.
 Contos da Roça per Zaluar, 2 vols. 1\$500.
 O Livro do Democrata por Arcesilão, 3\$000.
 O Pequeno Panorama, descripção dos principaes monumentos da ci-
 dade do Rio de Janeiro, por M. de Azevedo, 5 vols. enc. 10\$000.
 Ultimos fins do homem pelo Barão de Castello de Paiva, 2 vols. 4\$,
 enc. 6\$000.
 Os musicos portuguezes—suas biographias e bibliographias per Jea-
 quim de Vasconcellos, 2 vols. enc. 6\$000.
 As Preciosas celebres do amor, 1\$000.
 O Homem da Faca, 3 vols. 3\$, enc. 4\$000.
 Os ciúmes de uma Rainha, 9 vols. enc. 8\$000.
 Homenagem aos heróes brasileiros na guerra contra o Paraguay per
 Santos Neves, com retratos. 5\$000.
 Diccionario dos jogos, 1 grosso vol. com mais de 200 jogos, enc. 3\$000.
 Livre de Sortes para Santo Antonio, S. Pedro e Sant'Anna, 1\$000.
 A Liberdade no Brazil, seu nascimento, vida, morte e sepultura por
 Affonso A. de Mello, enc. 3\$000.
 A Condessa de Monte-Christo, 2 vols. enc. 4\$000.
 Diccionario portuguez e italiano e italiano e portuguez por Berdo,
 e vols. enc. 12\$000.
 Compendio de Pedagogia, organizado para uso dos candidatos ao
 magisterio por Muniz Cerdeiro, enc. 3\$000.
 A Victima de um Lazarista, romance, 2\$000.
 Os Homens de Sangue, 2 vols. enc. 5\$000.
 Historia Universal por Millot, 10 vols. enc. 30\$000.
 A Morgadinha dos Canaviaes, chronica da alleia por Julio Diniz.
 2 vols. 2\$, enc. 3\$000.
 A Graziella, por Lamartine, 1\$000.



10,2

Rua

ERICH EICHNER



